

JULHO/98 - Nº 595 - ANO 54 - R\$ 5,00
www.agranja.com

PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL

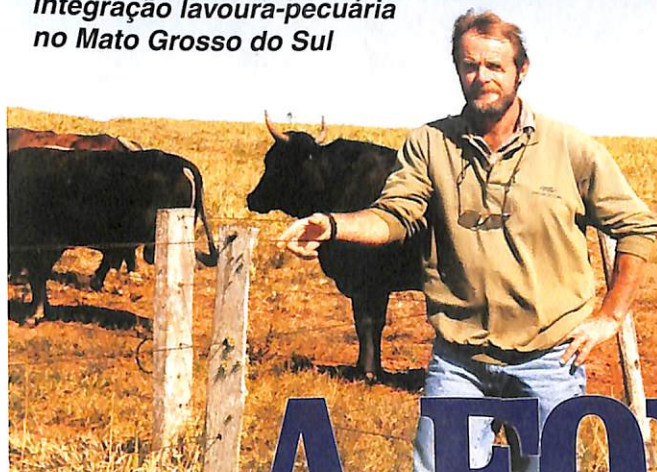
BATATA NO PARANÁ
PLANTE
QUE A INDÚSTRIA
GARANTE

*Cloves Vetoratto e Gilberto Goellner:
o algodão explode no Mato Grosso*



*Ake Van der Vinne:
integração lavoura-pecuária
no Mato Grosso do Sul*

*Onorato Paludo:
feijão no pivô em Goiás*



A FORÇA DO CENTRO-OESTE



MX. O MAX





Este veículo está em conformidade com o PROCONVE
(Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores).

Consulte nossa linha de financiamento no seu
revendedor Case IH. Assistência Total 24 horas
Case IH 0800-552188. Sempre ao seu lado.

Na agricultura de hoje a tecnologia é tão importante quanto o sol, a chuva e a qualidade do solo. Agricultor que não tecnifica sua produção colhe menos, lucra menos, fica para trás. A Case IH sabe disso melhor que ninguém. Por isso ela está sempre um passo à frente, desenvolvendo os melhores tratores do mundo. Como os tratores MX, que a Case IH já começou a produzir no Brasil e que podem ser utilizados nas mais diversas operações agrícolas: plantio direto, pulverização, subsolagem, preparo do solo, cultivo de cana, sulcação e transbordo. São 3 modelos, com 110, 120 e 135 cavalos puro sangue de potência.

E a superioridade dos tratores MX não pára por aí.

- **Cabine do operador:**

O conforto é total. Todas as funções de controle e regulação estão ao alcance das mãos, assento pneumático com 12 regulagens, cabine climatizada com ar condicionado, calefação e ampla área de visão.

- **Painel digital eletrônico** que oferece todas as informações para um completo controle da máquina, inclusive com indicação instantânea de velocidade e patinagem.

- **Super iluminação** para trabalhar à noite.

- **Sistema de transmissão Power Shift** com reversão Frente-Neutro-Ré automática.

São 16 marchas à frente e 12 à ré que proporcionam a velocidade ideal para qualquer tipo de trabalho.

- **Sistema de engate** de 3 pontos com controle de profundidade de trabalho e sensibilidade eletrônicos que proporcionam excelente produtividade em qualquer condição de solo. Possui capacidade de levantar de 3.580 kg a 610 mm do olhal.

- **Sistema hidráulico de alta vazão** e com prioridade. Equipado com 2 válvulas de controle remoto com "stop" automático.

- **Excelente rendimento**, com baixo consumo de combustível.

- **Tomada de força independente** de 540 e 1.000 rpm.

- **Bitolas ajustáveis milimetricamente** para diferentes espaçamentos.

- **Rodagem simples, rodagem dupla, pneus radiais**, que representam mais tração e menor compactação. Todas estas vantagens fazem do MX um trator versátil, que trabalha de janeiro a dezembro.

- **Serviço Total de Apoio ao Agricultor Case IH.** Assistência técnica 24 horas, garantindo a alta produtividade do MX.

O que não faltam nos tratores MX Case IH são vantagens. Mas a maior delas você só vai descobrir quando trabalhar com eles.

CASE IH
AGRICULTURA DE PRECISÃO.

CHEGOU A SEGURANÇA QUE O HOMEM DO CAMPO PRECISA.



Ranger é o novo pulverizador Montana projetado para oferecer o máximo de segurança, tanto ao operador, quanto aos alimentos e à terra.



MONTANA
Pulverização com segurança

Rua Francisco Dal Negro, 888
Fone (041) 382 1019
Fax (041) 382 1472
Cx. Postal 71 CEP 83005-360
São José dos Pinhais - PR
montana@montana.ind.br

O novo Ranger já possui acessórios que são obrigatórios na Europa: tanque de limpeza do pulverizador, tanque para lavar as mãos, filtros de linha, válvulas anti-gotejo e bicos de última geração.

Consulte nosso revendedor e conheça todos os detalhes da tecnologia Montana que existem no novo Ranger.

Montana, junto com você trabalhando por um mundo mais seguro.

A safra vai crescer

Antes de receber o bastão do senador Arlindo Porto, em abril, o ministro da Agricultura, Francisco Turra, 55 anos, só era conhecido nacionalmente por sua atuação saneadora à frente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Mas, para chegar até este posto, ele percorreu um longo caminho de aprendizado político e administrativo. Filho de agricultor, nascido na localidade de Taquari — quando Marau ainda era distrito de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul —, Turra formou-se em Direito no ano de 1968, pela Universidade de Passo Fundo. Em 74, fez um curso especial de Comunicação na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Porto Alegre. Foi vereador, prefeito (Marau, 1983/86) e deputado estadual pelo PDS em 1986, sendo reeleito nas eleições proporcionais de 90. Entre 89 e 90, foi líder partidário do PDS no Legislativo gaúcho e reconduzido ao cargo em 1993. Assumiu, em fevereiro de 1995, a Diretoria de Desenvolvimento e Investimentos do Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Em função de sua reconhecida capacidade gerencial, foi chamado, em março de 96, para presidir a Conab, um empresa totalmente

desorganizada e que acumulava uma série de irregularidades. Nesse mesmo ano, adotou medidas administrativas que permitiram à empresa fechar o ano com um lucro líquido de

R\$ 75 milhões. Em 1997, o superávit foi de R\$ 14 milhões. Dentre as principais medidas de Francisco Turra à frente da Conab estão: a redução dos estoques oficiais (em 1997 caíram em 20% em relação ao período 1994/95); direcionamento das aquisições de estoques para garantir preço mínimo aos pequenos produtores de regiões carentes; implementação, em março de 97, do Contrato de Opção de Venda, que oferece ao agricultor um seguro de preço, com garantia de compra futura pelo governo (no total foram ofertados 94.818 contratos). Também na sua gestão, a Conab assumiu o total controle dos estoques agrícolas, que era competência do Banco do Brasil. Em 1997, o volume de estoques desviados caiu em 97%.

Com este currículo, o presidente Fernando Henrique Cardoso não teve dúvidas: Turra era o sucessor natural de Arlindo Porto, que, diga-se a bem da verdade, fez um trabalho competente à frente do Ministério.



Francisco Turra, ministro da Agricultura: no ano 2000, queremos chegar a 100 milhões de toneladas de grãos

Divulgação/Ministério da Agricultura

A Granja — Que avaliação o senhor faz do desempenho da safra de verão no País. A colheita ficou dentro do esperado?

Francisco Turra — Não. Infelizmente, não. O prognóstico inicial era de uma colheita que superava as 80 milhões de toneladas. Mas, fenômenos climáticos diversos, como a seca do Nordeste e as enchentes no Sul, provocaram uma

redução no desempenho desta safra, cujo volume deve ficar em torno de 78 milhões de toneladas. É pouco para um país de uma potencialidade como o nosso.

P — Que providências o Ministério da Agricultura vai tomar para que se chegue ao patamar de 100 milhões de toneladas de grãos no ano 2.000, conforme o senhor vem manifestando

pela imprensa?

R — Estimular os produtores. Como fazer isso? Antecipando as medidas do Plano da Safra 98/99, cumprindo o calendário, liberando os recursos na hora certa para que o produtor possa melhor planejar sua atividade. Na agricultura, costume dizer que dinheiro fora da época é dinheiro jogado no lixo. Só complica a vida de quem produz. É orientando

o produtor, mostrando-lhe as oportunidades de negociar bem a sua colheita. Vou insistir na liberação de um volume maior de recursos. As regras do Plano Safra 98/99 para a região Centro/Sul, que pretendo anunciar dentro em breve, visam estimular os produtores, para que se chegue a uma colheita de 100 milhões de toneladas de grãos no ano 2.000. O primeiro passo tem que ser dado agora para se alcançar esse patamar.

P — O senhor tem dito que o agricultor brasileiro, de um modo geral, não sabe fazer a comercialização do seu produto. Como ele deve proceder? Que mecanismos dispõe para reduzir riscos na comercialização futura?

R — Para aproveitar bem as oportunidades, o produtor precisa informar-se, saber o momento certo de vender sua mercadoria. Tão importante quanto produzir é saber negociar. Só se negocia bem tendo conhecimento do mercado. Por isso, ele precisa estar informado. Hoje, o produtor dispõe dos instrumentos da comercialização agrícola, tais como o Prêmio Para Escoamento de Produto (PEP), Contrato de Opção, CPR, EGF, AGF, entre outros. Inclusive, recentemente, foi aprovado o Hedge, que é um seguro contra as oscilações de preços.

A Conab tem o maior programa de distribuição de alimentos do mundo

P — Depois de ter presidido a Conab, qual o balanço que o senhor faz do órgão, da sua gestão e da rede armazenadora oficial do país como um todo?

R — A Conab está preparada para cumprir sua missão. Hoje, tem o respeito da sociedade. Ela é imprescindível ao governo para cumprir seus programas de abastecimento. A Conab conduz, hoje, o maior programa de distribuição de alimentos do mundo. A meta da empresa, este ano, é distribuir mais de 30 milhões de cestas básicas de alimentos, principalmente na Região Nordeste. Administra uma rede própria de 220 armazéns, além de ter credenciada uma rede de armazéns em torno de 8.000 unidades. A capacidade armazenadora do País atende as necessidades do setor.

É preciso modernizá-la, torná-la tecnicamente mais preparada para a guarda dos estoques e acabando de uma vez com a prática dos desvios que só desacreditava o setor. Nos últimos dois anos, a Conab conseguiu fechar o seu balanço apresentando lucro. Sua credibilidade é um dos maiores patrimônios que ela tem perante o governo e a sociedade.

Vamos investir pesado na profissionalização do setor leiteiro

P — Ainda dentro do tema armazenagem: como conciliar uma política de segurança alimentar — com a formação de estoques — com a tese de liberdade econômica, onde os produtores não seriam lesados pela entrada de grãos no mercado justamente na época da safra?

R — O fenômeno da globalização é irreversível. Todos têm que se preparar para enfrentá-lo. Com a agricultura não será diferente. Outro dia, publiquei um artigo dizendo exatamente isso: os países emergentes têm de monitorar com responsabilidade os riscos da internacionalização de sua economia. E esta tem sido a direção do governo brasileiro.

P — A propósito: o governo pretende zerar as 220 mil toneladas de arroz estocadas até o dia 31 de agosto?

R — Com a seca do Nordeste e as enchentes do Sul, a safra de arroz foi prejudicada. Com isso, houve aumento nos preços do produto. O governo teve que agir: reduziu as tarifas de importação e decidiu colocar à venda seus estoques de arroz. Esses estoques serão liberados de acordo com as necessidades do mercado.

P — Por que, na sua opinião, a produção tritícola acabou sendo “rifada” pelo Governo Federal? Onde estão os argumentos oficiais que justificam este abandono à cultura? É possível reverter este quadro?

R — É possível, sim. Já para esta safra foi aprovada a cobertura do Proagro para as perdas causadas pelas chuvas durante a colheita. Outras medidas, como a Cédula do Produto Rural (CPR), já foram tomadas e amplamente divulgadas. Nossa intenção é aumentar a pro-

dução de trigo no País. É preciso reverter esse quadro de dependência. Nossa pretensão é aumentar a colheita em 2,5 milhões de toneladas nos próximos três anos. Não temos a ilusão de alcançar a auto-suficiência em pouco tempo. Se quisermos incentivar esta cultura, temos que ter tecnologia. Por isso, já deixamos claro que instituições de pesquisa como a Embrapa são o nosso braço direito e dependemos delas para alcançar melhores resultados na produção de trigo no Brasil.

P — E o setor leiteiro, ministro? A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) estima que, desde a implantação do Plano Real, a renda dos produtores sofreu uma redução de quase 50%, embora a produção, no mesmo período, tenha crescido 33%. Como o setor sai desta “sinuca”?

R — Assim que assumi o cargo, determinei a criação do Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite, que foi discutido com representantes da cadeia produtiva leiteira dos principais estados produtores. O programa está apoiado na criação de linhas de crédito específicas para o setor, no acompanhamento das condições sanitárias do rebanho e na obrigatoriedade do pré-resfriamento do leite. Vamos investir na profissionalização do setor e liberar recursos para investimentos capazes de aumentar o índice de produtividade. A meta é que a renda do produtor aumente com ganhos de produtividade e maior produção.

Pelo combate a pragas e doenças, vamos viabilizar as exportações

P — O Banco Mundial está em vias de liberar R\$ 200 milhões para combate à aftosa no Brasil. Como o Ministério da Agricultura pensa em utilizar estes recursos? Já há um plano montado para erradicar a doença, como fizeram os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul?

R — Na verdade, o valor desse empréstimo é de R\$ 240 milhões. O empréstimo foi aumentado, com a contrapartida de R\$ 120 milhões do governo brasileiro. Será aplicado em programas de combate às pragas e doenças que ata-

cam plantas e animais. Precisamos eliminar essas doenças para vencer as barreiras que impedem o aumento das exportações. O programa visa erradicar doenças como a febre aftosa, peste suína clássica, a new castle, a micoplasmose e a salmonelose. Será um combate sem trégua a essas doenças e pragas que prejudicam as exportações brasileiras.

P — O mercado de carne suína também deve se beneficiar desta queda de barreiras sanitárias? Em que magnitude isto deve impactar positivamente a suinocultura?

R — Não tenho nenhuma dúvida disso. Esse programa dará ênfase ao acesso das carnes suínas ao mercado europeu e asiático. O Brasil já começa a ingressar no mercado mundial desse produto. Podemos ocupar 20% do mercado italiano, de 600 mil toneladas/ano, e 15% do mercado russo, de 400 mil toneladas/ano. Essas exportações dariam uma receita de cerca de US\$ 360 milhões por ano. Quando estive em Paris, no final de maio, durante reunião da Organização Internacional de Epizootias (OIE), pude sentir o interesse deles pela nossa carne. As perspectivas são animadoras.

Estamos estudando como implantar o seguro de renda agrícola

P — O Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) está financiando, em parceria com governos estaduais e municipais, a criação de agroindústrias. Onde entra o esforço do Ministério da Agricultura?

R — A iniciativa do projeto é do Ministério da Agricultura, através da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR). Estamos incentivando a criação de agroindústrias em vários estados. Os primeiros contratos serão firmados em julho próximo, com financiamento do BNDES, em parcerias com os governos estaduais, municipais e empresas de pesquisa. Esses projetos serão implantados depois de uma pesquisa de mercado para avaliar a sua viabilidade econômica.

P — Recentemente, durante um congresso de municípios, realizado em

Brasília, o senhor aventou a hipótese de implantação do seguro de renda agrícola, o que seria uma exigência da Organização Mundial do Comércio (OMC). Como funcionaria?

R — Já estamos estudando o seguro de renda agrícola. É a fórmula moderna que está sendo introduzida em outros países. Ainda não foram definidos os mecanismos de funcionamento desse seguro. Estamos colhendo sugestões. Nossos técnicos estão analisando propostas para viabilizar este seguro de renda ao produtor.

P — Na Conferência Ministerial da OMC, realizada em Genebra (Suíça), o senhor defendeu uma maior abertura dos mercados norte-americano e europeu aos produtos primários do Brasil. O que precisa mudar para que tenhamos, de fato, uma globalização neste segmento?

R — É preciso que os países que compõem a OMC mudem de comportamento com relação à nossa agricultura. Essa mudança já é perceptível. Os 132 países da OMC assumiram o compromisso de iniciar, no segundo semestre, preparativos para a nova rodada de negociações sobre a agricultura. Nesta rodada, devem ser removidas barreiras que ainda prejudicam as exportações agrícolas brasileiras. Tanto os Estados Unidos quanto a União Européia protegem muito a produção agrícola própria, subsidiando-a, mas já reconhecem que é preciso promover uma abertura. Na OMC, o presidente Fernando Henrique Cardoso denunciou as barreiras impostas a produtos agropecuários do Brasil, apontando-as como o maior aparato de protecionismo e subvenções já montado para a preservação dos interesses de um setor. A ênfase do presidente na agricultura é fácil de entender, pois os produtos agrícolas representam 32% das exportações brasileiras.

O Ministério da Agricultura está vigilante na fiscalização

P — Que iniciativas o seu Ministério vem implementando para melhorar a fiscalização dos produtos primários no País?

R — Inúmeras medidas vêm sendo

tomadas pelo Ministério para melhorar a fiscalização e, conseqüentemente, a qualidade de nossos produtos. Entre elas, está a intensificação do controle fitossanitário do trânsito nacional e internacional de vegetais. Temos investido no treinamento de fiscais agropecuários que atuam nas fronteiras, como portos e aeroportos. Elaboramos um Manual de Procedimentos para o trabalho de fiscalização nos portos, aeroportos e postos de fronteira. Novos programas e planos para controle e erradicação de diversas pragas que atacam as culturas estão sendo desenvolvidos. Foram credenciados laboratórios de análise fitossanitária e mantidos intercâmbios com universidades e institutos de pesquisa visando identificar potenciais problemas para a agricultura brasileira. Estamos implantando o Sistema de Análises de Riscos e Controle de Pontos Críticos (ARPC) na indústria da carne, pescado e leite, considerado como a melhor estratégia para oferecer aos consumidores produtos com melhor qualidade. Veja que estamos vigilantes. Essas medidas não são poucas.

Queremos produzir, sim, mas sem agredir o meio ambiente

P — Finalmente, quando veremos o fim dos conflitos agrários? É possível sonhar com a paz no campo, mesmo sabendo que o governo faz “vistas grossas” à ação dos sem-terra e que o produtor vem sendo ameaçado constantemente pela nova legislação ambiental, que chega a ser risível em alguns aspectos?

R — É uma injustiça dizer que o governo vem fazendo vistas grossas à ação dos sem-terra. O presidente Fernando Henrique vem promovendo o maior programa de reforma agrária que se tem notícia. Nunca se assentou tanto como no atual governo. Quanto à legislação ambiental, a qual você se refere, o que defendemos é a prática de uma agricultura sustentável, sem agressão ao meio ambiente. O Ministério da Agricultura já está se adaptando a essa nova postura, que é uma tendência mundial: produzir sem agredir o meio ambiente. Isso é perfeitamente possível. ■

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA
Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO
Jomar de Freitas Martins (editor),
Gilberto Severo (repórter), Adriane
d'Ávila (revisora), Priscila Castro
(secretária). Colaboraram nesta edição:
Kurt G. Kissmann, Franklin Riet-Correa,
Maria del Carmen Méndez, Emerson
Urizzi Cervi e Augusto César Pereira
Goulart

PRODUÇÃO
Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet
(editoração eletrônica)

CIRCULAÇÃO
Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE
SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar,
conj. 102, CEP 01045-001, São Paulo/SP,
fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686,
E-MAIL granjasp@mandic.com.br
Home page <http://www.agranja.com>
César Perini (gerente)

RIO GRANDE DO SUL
Av. Getúlio Vargas, 1556/58,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822,
E-MAIL mail@agranja.com
Home page <http://www.agranja.com>
Paulo Dahne (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade
RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e
Marketing Ltda., Av. Osvaldo Cruz, 99,
Apto. 707, Flamengo, CEP 22250-060,
Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 552-0732,
Bip (021) 542-9977, Código 524.76.33
E-MAIL lobato@domain.com.br
MINAS GERAIS - José Maria Neves,
Rua Outono, 507, lojas 04 e 05,
CEP 30310-020, Belo Horizonte/MG,
fone/fax (031) 291-6791
PARANÁ - Helenara Rocha de Andrade,
Rua Dr. Faivre, 750, conj. 302,
CEP 80060-140, Curitiba/PR, fone/fax
(041) 262-7446, celular (041) 9720690
Outros Estados, ligue para o
fone/fax abaixo

A Granja é uma publicação da Editora
Centaurus, registrada no DCDP sob nº
088, p.209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 5,50

Para assinar
A GRANJA
LIGUE
(051) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

12 A FORÇA DO CENTRO-OESTE: um giro por Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mostrando iniciativas e números que justificam a grandeza da agropecuária da região

36 TODOS OS DEFENSIVOS: o leitor vai conhecer todos os produtos químicos para combater ervas invasoras, pragas, fungos e nematóides das culturas do morango e pimentão

39 ERVAS INVASORAS: o perfil da serralha, uma planta que "parasita" dezenas de cultivos comerciais

45 PLANTAS TÓXICAS: mio-mio pode até matar o gado



46 BATATA: agricultores da região de Castro, no Paraná, plantas com a segurança de que haverá comprador para o seu produto

53 PLANTIO DIRETO NEWS: a mecanização rural também pode tornar rentáveis as pequenas propriedades que trabalham em regime de PD



NOSSA CAPA

Destaca a grande cobertura jornalística feita em propriedades rurais do Centro-Oeste, região que se impõe economicamente por sua expressiva produção pecuária, de grãos e algodão

SEÇÕES

Aconteceu	7
Cartas, Fax, Internet	8
Aqui Está a Solução	9
Eduardo Almeida Reis	10
Porteira Aberta	11
Sementes	52
Pecuária	56
Agribusiness	58
Flash	62
Ciência e Tecnologia	64
Novidades no Mercado	65
Ponto de Vista	66

Globalização a passos gigantes

A globalização está trazendo a guerra financeira, a guerra comercial, a guerra científica. E esta guerra está sendo travada numa velocidade incrível, com gigantes recursos, que incluem desde as contratações das melhores cabeças pensantes do mundo até os investimentos de bilhões de dólares, somente na área da pesquisa.

No setor agrícola, esta movimentação em escala também se faz sentir com uma rapidez inimaginável.

É a criação da Novartis há pouco tempo atrás na área dos defensivos agrícolas. É a Monsanto tomando a dianteira no setor das sementes transgênicas, absorvendo no Brasil a Agrocere e Sementes FT. Ainda: nos Estados Unidos, comprando grandes e tradicionais produtores de sementes como a DeKalb Genetics e a Delta & Pine.

A aplicação destes conhecimentos no setor de produção de alimentos será gigantesca e veloz. Apesar, é claro, das vozes em contrário.

Países e produtores rurais que mais rapidamente se adaptarem aos novos tempos, seguramente, estarão sendo parceiros do progresso.

E os mais lentos, é claro, vão pagar a conta. Dentro do conceito global, isso é inexorável, embora, neste momento, bastante assustador. Afinal, toda a mudança altera a ordem pré-estabelecida.

Coragem para mudar não é uma simples frase de efeito. Aqui, será para valer.

Transgênicos

Este é o grande debate mundial. Gente que tem interesse a favor, gente que tem interesse contra. Gente que nunca plantou, nunca viu uma semente transgênica, todo mundo, enfim, dá palpite. Quase sempre, palpite radical, raivoso, emocional.

Quando surgiram os primeiros automóveis, igualmente, a polêmica foi brutal e monstruosa.

Afinal, trens, barcos e, principalmente, as carroças, carruagens e criadores de cavalos e mulas, não gostaram nada da novidade.

Uma coisa é certa: não há freio que venha a brear o progresso.

É apenas uma questão de "timing".

Frutas frescas

Novamente, aqui, o Brasil tem clima, tem solo, tem todas as condições naturais, mas nunca teve uma real política de administração de objetivos para ocupar um lugar de destaque a que tem direito neste setor do agribusiness.

A bem da verdade, existem ainda vários fatores limitantes que emperram um desenvolvimento mais acentuado nesta área, tais como:

a) Em geral, as empresas brasileiras são de pequeno ou médio porte. No Chile, por exemplo, existem tradings de forte posição privada e, na Nova Zelândia, a participação do estado ainda é forte na atividade.

b) As exportações encontram limitações nos aeroportos, com seus serviços burocráticos e caros. Igualmente, precisamos melhorar muito nossa "packing-house".

c) Os Estados Unidos, maior mercado consumidor, impõe barreiras de ordem fitossanitária.

Há um longo e promissor caminho a seguir no desenvolvimento de frutas. Até mesmo porque nosso mercado interno tem aumentado a olhos vistos, embora os números nesta área sejam de difícil avaliação. No dia em que houver estímulo governamental neste setor, teremos a maior fruticultura do mundo.

Pescados

Ao contrário do que muita gente imagina, a costa brasileira é

infértil. Em nossas águas, os cardumes são muito rarefeitos.

Dá por que nossa indústria de pesca não é nenhuma Brastemp.

Em vista desta circunstância, o Brasil é importador da matéria-prima peixe. E, assim, muito peixe que você come no Rio de Janeiro ou na Bahia vem da Argentina.

As importações estão fortemente direcionadas para o filé de merluza e bacalhau seco.

Por outro lado, a pauta das exportações brasileiras está concentrada nas lagostas e camarões congelados, tanto assim que as maiores empresas exportadoras são do Nordeste e Norte, onde se concentra a produção da maior parte do pescado exportável.

País de índios

Os indígenas ocupam 11% do território nacional.

É terra que não acaba mais. Dá para enfiar nela vários países do primeiro mundo.

O que produzem os 325 mil índios? Aparentemente nada, é óbvio. Mas muitos são cúmplices das serrarias que retiram de nossa floresta nossas melhores madeiras. Essa cumplicidade negativa estende-se, é claro, ao garimpo, que devasta nossos rios. Como o índio não tem cidadania, é tratado como criança inocente, conforme nossa famigerada Constituição de 1988.

Os índios têm um órgão especial para cuidar deles. Chama-se Funai.

Antes de 1988, tinha 1.500 funcionários. Hoje, tem 4.000 e outros tantos aposentados. O que fazem? bem, a televisão, todo dia, nos mostra suas trapalhadas e ausências, tudo sobre a desculpa preguiçosa de que não tem quadros suficientes.

Mas, segundo Júlio Gaiger, ex-presidente do Incra, 50% são absolutamente ociosos, não podendo ser demitidos porque são estáveis. É uma parte da "banda podre" que a sociedade produtiva carrega nas costas. ■

"Abrindo" o olho

"A nossa Constituição Federal, de outubro de 1998, estabelece com clareza no parágrafo 3º do artigo 192: 'As taxas de juros reais, nelas incluídas comissões e quaisquer outras remunerações direta ou indiretamente referidas à concessão de crédito, não poderão ser superiores a 12 por cento ao ano; a cobrança acima deste limite será conceituada como crime de usura, punido, em todas as suas modalidades, nos termos que a lei determinar.' É brincadeira! Os bancos e o sistema financeiro, decorridos quase 10 anos da promulgação de nossa Lei maior, cobram juros abusivos, extorsivos e ilegais, ignorado solenemente nosso termo constitucional, destruindo para milhões de brasileiros não só a liberdade econômica e política, mas o bem-estar social. Isto só é facilmente explicado na oportuna e memorável declaração do grande estadista francês De Gaulle, quando em vista ao nosso País: 'O Brasil não é um país sério'. Estranhamente, o atual governo deu para cobrir rombos dos bancos, aproximadamente R\$ 30 bilhões, evidenciando que, indiscutivelmente, o sistema financeiro é quarto poder da República, neste nosso Brasil grande e bobo. Vamos lutar para parar de pagar juros acima de 12% ao ano e capitalização de juros sobre juros, por ser uma cobrança indevida e os pagamentos já efetuados serem passíveis de ação de repetição de indébito, prevista em nosso Código Civil, pois todo aquele que recebeu o que não lhe é devido fica obrigado a devolver. Financiamentos rurais, Produteite, cheque especial, cartões de crédito etc. Não paguem juros abusivos e inconstitucionais. Na Justiça, há jurisprudência, e juízes de todo o País têm dado ganho de causa aos devedores. Não efetuem pagamentos ou façam acordo sem consultar um advogado especializado."

Nelson Hosken Netto
Carangola/MG

Plantio direto

"O plantio direto vem se firmando como uso racional do solo. Entretanto, na ânsia de provar sua viabilidade econômica, afirma-se ser prescindível o uso de corretivos e fertilizantes para um bom rendimento agrícola. Na qualidade de re-

presentante dos produtores de calcário agrícola e buscando definir racionalmente a técnica correta do uso do solo neste tipo de plantio, o Sindicalc, junto com a Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), promoveu o III Seminário Sobre o Uso de Corretivos da Acidez do Solo, no ano passado. Os anais deste Seminário ainda não foram devidamente compilados, porém o Núcleo Sul da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo definiu a seguinte recomendação para a calagem dos solos em sistema de plantio direto:

1) Lavoura já implantada: aplicação a lanço de 1 a 2t/ha/ano de calcário ou a incorporação de 200 a 400kg/ha de calcário na linha.

2) Lavouras novas: a) para alta produtividade agrícola, inicia-se a correção com a incorporação de calcário na forma tradicional e depois de quatro a cinco anos espalha-se a lanço 1t/ha por ano. b) Sem pretensão de altas produtividades, espalhar a lanço de 1 a 2t/ha/ano de calcário, respeitada a recomendação inicial.

A recomendação acima representa o consenso da coletividade científica. Pela desinformação reinante entre os produtores rurais sobre o assunto, permitimo-nos sugerir que a revista **A Granja**, pelo alcance que tem, faça uma ou mais matérias sobre o assunto."

Fernando Carlos Becker
Diretor-executivo do Sindicato das Indústrias de Mármore, Calcário e Pedreiras no RS (Sindicalc)
Porto Alegre/RS

Sob nova direção

"Informamos a nova direção da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH). A diretoria ficou assim constituída: Nélcio Ribas Centa, diretor-presidente; Auke Dijkstra, Cornelis de Jonge, Geraldo Hamm, Hans Groenwold, vice-presidentes; Hary Dockhorn, Lucas Rabbers, Ernst Müller, Ernani Cartaxo Filho, tesoureiros. A APCBRH também elegeu o conselho fiscal, composto por: Louis Baudraz, Luiz Norberto Gulin e Vicente Romagnole (efetivos); Petrus Dekkers, Ary Aladino Cândido e Itamar Dall' Agnol (suplentes).

Nélcio Ribas Centa
Curitiba/PR

"Comunicamos a nova diretoria do Núcleo Oeste dos Criadores de Marchigiana. A direção ficou assim constituída:

Gilson Tadashi Katayama, presidente; Ricardo Pacheco Faganello, vice-presidente; Antônio Lirano, tesoureiro; Orestes Spironelli Júnior, diretor social; João Carvalho, diretor-técnico; Ademir Dias, secretário; Lourenço Miguel Campo, relações com mercado; Setsuro Ito, técnico credenciado. Aproveitando o espaço, comunicamos também o novo endereço para correspondência do Núcleo Oeste/SP: caixa postal 27, CEP 16700-000, Guararapes/SP, fone (018) 661-1795, fax 661-1433."

Gilson Katayama
Guararapes/SP

Pisamos na bola

Informamos que, por um cochilo da redação, deixamos de relacionar o produto Bunema 330 CS (fungicida, nematocida, herbicida e formicida), da empresa Buckman Laboratórios Ltda., nas tabelas de defensivos agrícolas, publicadas nas edições de maio e junho/98, para as culturas de batata e cenoura, respectivamente. Maiores informações sobre o produto pelo fone (019) 864-1133.



Já na edição do mês de maio, nº 593, na página 29, a foto publicada não é da *Bidens pilosa* (foto acima), como está referenciada no texto, e sim da *Bidens subalternans*. As duas espécies de invasoras diferem apenas na morfologia, pois ambas recebem os mesmos nomes vulgares: picão, picão-preto, picão-do-campo, pico-pico, erva-picão, fura-capá, carrapicho-de-pontas, goambu e comabi.

Finalmente, na edição de junho, 594, página 53, na matéria do Agrishow, houve troca de legenda: na verdade, o sr. Paulo Roberto Mota, da Comil, aparece à esquerda; e o sr. Adir Bottega, da Metal Saur, está postado à direita, no alto.

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para redação da revista
A GRANJA, Av. Getúlio Vargas, 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS.
O fax é: (051) 233-2456.

E o nosso E-mail: mail@agranja.com
Home Page <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.

Percevejo-castanho

“Estou começando na pecuária e fui alertado sobre os possíveis prejuízos causados pelo percevejo-castanho... Como posso me defender da praga?”

Cláudio Freitas
Ponta Porã/MS

R — Segundo informações do pesquisador José Raul Valério — do Centro Nacional de Pesquisa Gado de Leite (CNPGC), unidade da Embrapa sediada em Campo Grande/MS —, o percevejo-castanho (*Scaptocoris castanea*) é um inseto polífago, que alimenta-se de uma variedade de plantas hospedeiras, o que lhe assegura sobrevivência em extensas áreas. Sua importância negativa tem sido ressaltada em cultivos de algodão, cana-de-açúcar, arroz, amendoim, milho, fumo e feijão, entre outras, assim como em gramíneas forrageiras cultivadas ou não, nas quais é predominantemente encontrado. Embora não se conheça muito sobre sua biologia, sabe-se que as ninfas e os insetos adultos vivem no solo, alimentando-se de raízes. As ninfas são brancas; os adultos, usualmente ao redor de 10mm de comprimento, são de coloração castanha, com suas patas anteriores adaptadas para escavar. O forte odor que exalam, quando o solo em que se encontram é revolvido, lembra o cheiro típico de “maria-fedida”. Durante períodos do ano de maior umidade, este inseto permanece nas camadas mais superficiais do solo; já em condições mais secas, ele se desloca para camadas inferiores, para profundidades além de 1,5m. Em níveis populacionais baixos, este in-

seto retarda o desenvolvimento da planta, o que, muitas vezes, passa despercebido aos olhos do produtor. Entretanto, quando em altas populações, determinam a morte de touceiras da gramínea forrageira, alterando a composição da pastagem e originando reboleiras ocupadas com plantas invasoras. Mais detalhes o leitor poderá obter com o CNPGC, pelo seguinte endereço: Rodovia BR 262, km 4, caixa postal 154, CEP 79002-970, fone (067) 768-2000.

Informações sobre minhocultura

“Gostaria de saber quem comercializa húmus e, também, mais informações gerais sobre minhocultura.”

Marco Antônio Gonzales
Porto Alegre/RS

R — Primeiramente, sugerimos ao leitor entrar em contato com o produtor de húmus Oswaldo Segamarchi Neto. O seu endereço é: Av. Carlos Gomes, 507, CEP 17500-030, Marília/SP, fone (014) 433-8647. O leitor também pode contactar o produtor rural e consultor-técnico Paulo César Carrazedo de Almeida. Ele publicou recentemente o livro “Minhocultura — tudo o que você precisa saber”. Além disso, Carrazedo está com um projeto inédito no Brasil, que visa mapear o mercado, conhecer o perfil do minhocultor etc, iniciativa inédita no País neste segmento. Os contatos podem ser feitos via e-mail: pcezar@nutechnet.com.br. Ou então pelo fone/fax (021) 288-9035.



Quero criar capivara

“Sou estudante de Zootecnia, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Unesp de Botucatu/SP. Pretendo criar capivaras, e gostaria que vocês me indicassem onde posso encontrar informações sobre este assunto.”

Alessandra Lima Santos
Botucatu/SP

R — Toda a criação de animais silvestres, como a capivara (*Hydrochoerus hydracharis*), é regulamentada por lei específica e monitorada pelo Ibama. Por-

tanto, o primeiro passo para instalar um criatório destes é consultar o órgão. Na cidade de Botucatu, não há sede do Ibama. O mais próximo é em Bauru, na Av. Cruzeiro do Sul, 2516, CEP 17032-000, fone (014) 230-0151. Outra sugestão seria contactar o zootecnista e especialista em criação de animais silvestres Fábio M. Hosken. Ele presta assessoria e consultoria técnica para criadores. O endereço é o seguinte: Rua Quintino Bocaiúva, 290, CEP 36800-000, Carangola/MG, fone (032) 741-1275, fax 741-1891.

Cultivo por hidroponia

“Solicito a revista A Granja, se possível, informações sobre o plantio de hortaliças por hidroponia. Ouvi dizer que este tipo de cultivo aumenta a rentabilidade e a eficiência da produção.”

Ricardo Andrade
Londrina/PR

R — A hidroponia é uma técnica de produção agrícola alternativa, amplamente utilizada na Europa, que permite que as plantas sejam produzidas em soluções nutritivas que circulam entre as raízes, sem contato com o solo. Indicamos ao leitor o livro “Hidroponia — culturas

sem terra”, que traz informações sobre horta doméstica, semeadura e cuidados em geral. Ele pode ser solicitado pelo fone (051) 233-1822. Se preferir outro livro, sugerimos “Hidroponia — como instalar e manejar o plantio de hortaliças dispensando o uso do solo”. Nesta publicação, o autor, Robson de Barros Alberoni, mostra não só como montar um sistema hidropônico, como fornece tabelas de controle e noções para se administrar o sistema. Pode ser solicitado para Livraria Nobel. Anote aí o endereço: Rua da Balsa, 559, CEP 02910-000, São Paulo/SP, fone (011) 876-2822, fax 876-6988.

De primos & pombos

Carl Sagan morreu há dois anos, depois de lutar contra uma mielodisplasia que resistiu a três transplantes de medula. É geralmente considerado um dos maiores divulgadores de ciência deste século, autor de uma série de livros maravilhosos, o melhor dos quais talvez tenha sido "O mundo assombrado pelos demônios". Sagan fazia parte do grupo de pessoas, que dizem somar 7% da população mundial, que não acreditamos em Deus. Não se trata de birra, originalidade, contestação ou espírito-de-porco, mas de falta de fé mesmo. E de honestidade. É muito mais simples, mais prático e até mais inteligente abraçar qualquer religião, ou mesmo o deísmo dos que rejeitam a autoridade das igrejas, mas acreditam na existência de um Deus. Fico feliz de saber, lendo "Bilhões e Bilhões", seu último livro, que Sagan morreu fiel ao ateísmo. E até cita um trecho de Einstein: "Não consigo conceber um deus que recompense e puna as suas criaturas, nem que tenha uma vontade do tipo que experimentamos em nós mesmos. Não consigo, nem quero conceber um indivíduo que sobreviva à sua morte física: que as almas fracas, por medo ou egoísmo absurdo, alimentem esses pensamentos. Eu me satisfaço com o mistério da eternidade da vida e com o vislumbre da maravilhosa estrutura do mundo real, junto com o esforço diligente de compreender uma parte, por menor que seja, da Razão que se manifesta na natureza".

Em socorro da profissão de fé do ateísmo, diga-se que não nos envolvemos em guerras religiosas, não inventamos feridos, não perseguimos ninguém, não bimbamos sinos e não acordamos a vizinhança, pelos alto-falantes, com nossas prédicas anti-demoníacas. E conseguimos ser, na maioria das vezes, muito mais corretos, mais sérios e mais justos, porque prestamos contas às nossas consciências.

Voltando o livro "Bilhões e Bilhões", não posso deixar de instigar o leitor d'A Granja com o paradoxo dos ance-

trais, de que Sagan nos dá notícia. O negócio é o seguinte: todo mundo tem dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis trisavós e por aí fora. A cada geração que retrocedemos, o editor Jomar Martins, o presidente Hugo Hoffmann, o leitor e eu temos duas vezes mais antepassados em linha direta. Se cada geração tem, em média, 25 anos, verificamos que 64 gerações correspondem a $64 \times 25 = 1.600$ anos atrás, isto é, pouco antes da queda do Império Romano. Assim, cada um de nós que vive hoje tinha, no ano 400 de nossa era, 18,5 quintilhões de ancestrais — ou é o que parece.

Vale notar que cada quintilhão é representado pelo algarismo 1 seguido de 18 zeros, assim: 1.000.000.000.000.000.000. O que não impede que também se possa representar assim: 1018. E o número dos nossos ancestrais, há 64 gerações, seria um quintilhão multiplicado por 18,5... Ora, é muito mais gente do que existe hoje na Terra (aprox. seis bilhões). E é muito mais gente do que todas as pessoas que já viveram na Terra, desde que o homem se apartou dos grandes antropóides. Portanto, onde é que está o erro do nosso cálculo? É simples: supusemos que todos esses ancestrais em linha reta fossem pessoas diferentes, mas o mesmo ancestral está relacionado conosco por muitas linhas diferentes. Somos repetida e multiplamente ligados a cada um de nossos parentes — um imenso número de vezes, no caso dos parentes mais distantes.

Sagan julga que isso acontece com toda a população humana. Se retrocedermos o bastante, quaisquer duas pessoas sobre a Terra têm um ancestral comum. Em outras palavras, somos todos primos. Devo confessar que a notícia do parentesco generalizado não me deixa feliz,

porque me prezo de, aparentemente, não ter laços de sangue com alguns políticos que andam por aí. Digamos, então, que o legislador tenha resolvido o problema, quando limitou a um determinado número de gerações o parentesco impeditivo dos casamentos e das eleições. Voltando ao número atual de habitantes deste planeta, cerca de 6.000.000.000 (seis bilhões), a mais grave das poluições, gente demais ou poluição de gente, diz Sagan que, se o tempo de duplicação continuar constante, em 40 anos a Terra terá 12 bilhões de criaturas e em 80 anos, o que em termos históricos é "logo ali", terá 24 bilhões de habitantes.

No meu modesto entendimento, a densidade demográfica atual é a grande responsável, não só pela miséria, pelas favelas e pelo desemprego, como sobretudo e principalmente pela violência. Fico feliz de ler, num artigo do Dr. Waldemar Zusman, a explicação científica para algo de que sempre desconfiei. Vale notar que o Dr. Zusman não é um simples ex-avicultor, como eu, e sim o vice-presidente

da International Psychoanalytical Association. E informa, com o peso da sua autoridade, que o consumo generalizado de drogas, o latrocínio, o estupro, o seqüestro, a violência

contra mulheres, a promiscuidade sexual, o travestismo e a homossexualidade exacerbada têm relação com uma concentração populacional que transcende os limites da suportabilidade humana.

O fato é que o adensamento populacional das grandes cidades, é ainda o vice-presidente da International Psychoanalytical Association quem o diz, transgride as normas e os limites do Instituto de Territorialidade comum a todos os mamíferos caçadores, precursor do conceito humano de pátria e da noção de propriedade. ■

*Me prezo de, aparentemente,
não ter laços de sangue com
alguns políticos*



Búfalo superprecoce

Ex-secretário da Agricultura do RS e líder máximo dos Clubes de Integração e Trocas de Experiências (Cites), o pecuarista Getúlio Marcantonio não se “impressionou” quando leu n’A Granja de junho (página 58) sobre o desenvolvimento de bovinos superprecoces no Brasil. Pegou sua máquina e fotografou um lote de bezerros búfalos murrá com 13-14 meses de idade, pesando, em média, 415kg. E com um detalhe importantíssimo: somente em pastagem nativa. “Esta é a ponta, é claro, mas quero chegar com este desempenho na média do rebanho, composto por 1.000 cabeças”, revelou Marcantonio. Na verdade, estes números representam um prêmio à fé e ao esforço do proprietário da Agropecuária Cincero, de Encruzilhada do Sul/RS, pois foi um dos grandes incentivadores da bubalinocultura no estado.

Casa de ferreiro...

Holambra, distante 150km da capital paulista, conhecida internacionalmente como a cidade das flores, vive um paradoxo. “Todos imaginam chegar no município e encontrar praças floridas e campos de produção abertos à visitação, mas não temos uma praça que justifique o nome da cidade”, lamenta o prefeito Antônio Marino Brandão de Almeida (PSDB). A população, no entanto, se propôs a colaborar para que a obra, tão almejada, saia do papel. Para isso, os 10 mil holambrenses já começaram a adquirir o “floral”, moeda local que irá financiar a sua construção. Cada floral vale R\$ 30,00, o equivalente a um metro quadrado de terra da praça.

Ecoterrorismo volta à carga

Se o projeto que estabelece novos parâmetros para preservação da Mata Atlântica — elaborado pelo deputado federal Fábio Feldmann (PSDB/SP) — passar íntegro na Câmara Federal, poderemos ter um rebuliço no setor primário. Além de querer proteger toda a vegetação embrófila densa, típica da região litorânea, o projeto inclui neste conceito matas secas de Minas Gerais, a região dos pinheirais (que se estende do Rio Grande do Sul a São Paulo) e áreas de floresta estacional em Goiás e Mato Grosso do Sul. São mais de um milhão de quilômetros quadrados. Segundo o presidente da Comissão de Meio Ambiente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Assuero Doca Veronez, isto vai prejudicar a atividade agropecuária em muitos locais. No estado de São Paulo, diz, 81% das propriedades rurais estariam dentro do que seria esta Mata Atlântica em termos ampliados. Nessa região, os agricultores somente poderiam exercer suas atividades mediante a autorização de organismos ambientais. Em função deste quadro, a CNA exige que o projeto, antes de ir à votação, passe antes pela Comissão de Agricultura e Política Rural da Câmara. Afinal, uma decisão deste porte afeta, ou não, a atividade primária?



Divulgação/Embrapa

Qualidade tem marca

A Embrapa Gado de Corte, sediada em Campo Grande/MS, está colocando pela primeira vez no mercado a carne produzida em seu centro de pesquisa. O objetivo é testar a qualidade do produto e, também, avaliar a preferência do consumidor. Em parceria com a Arildo Carnes Especiais, uma conhecida casa de carnes da capital sul-mato-grossense, a empresa vai colocar no mercado 25 diferentes cortes, num balcão especial, totalizando 1.200kg de carne por semana. Os animais, devidamente identificados por origem, idade e sistema de alimentação em que foram criados, são oriundos do cruzamento industrial. Ao adquirir o produto, o consumidor recebe um questionário onde avalia a maciez, sabor, gordura, aparência e da carne. Depois, é só enviar gratuitamente o envelope para a Embrapa. Além de levar para casa um produto de qualidade superior, o comprador não paga mais caro. A picanha, por exemplo, custa menos que a importada da Argentina.

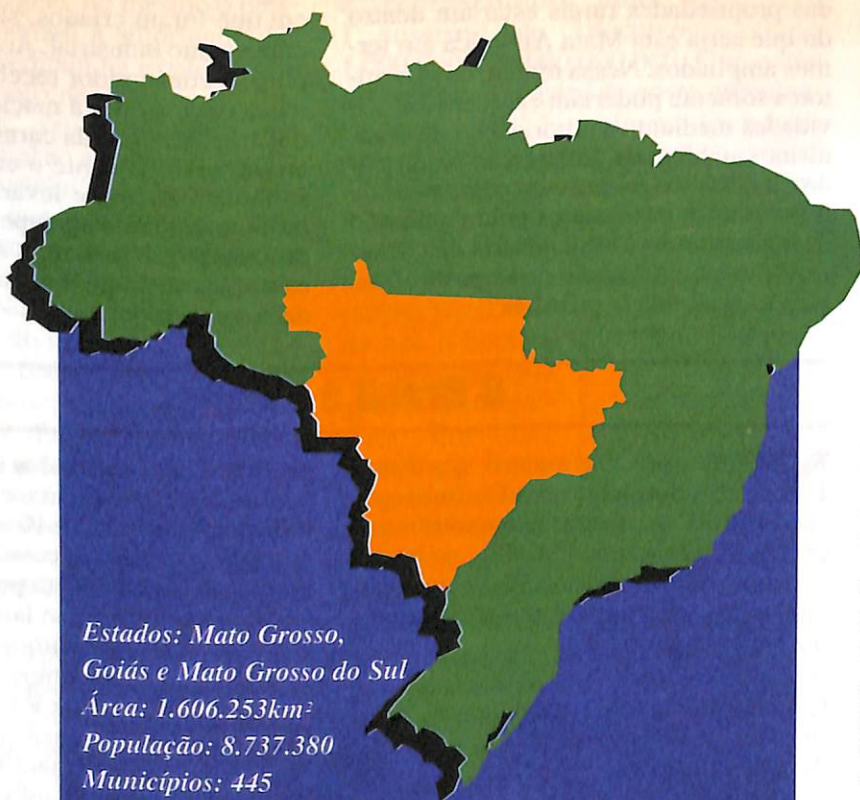
O Brasil é country

Ninguém precisa mais ir aos Estados Unidos para ver índio, forte apache e provas de montaria com touros xucros e cavalos bravios. Marília, no interior paulista, experimentou, no início de junho, todo o charme que uma festa country pode proporcionar a seu público cativo. O Circuito Brahma Rodeio 98 trouxe como novidade, este ano, uma cidade cenográfica ao estilo Velho Oeste americano. Foi uma forma de “padronizar os estandes da feira e a praça de alimentação”, explicou André Duarte, coordenador do Circuito. Anualmente,



no Brasil, são realizados cerca de 1.200 rodeios, que geram em torno US\$ 25 milhões com bilheteria e 10 vezes mais com a venda de roupas, acessórios e equipamentos diversos. Quem perdeu a festa de Marília, não precisa se lamentar. O campeonato — que envolve 60 competidores e vai distribuir R\$ 40 em prêmios — terá sequência em Adamantina/SP (de 16 a 19 de julho), Barretos/SP (21 a 24 de agosto), Cruzeiro/SP (24 a 27 de setembro), Uberlândia/MG (22 a 25 de outubro) e Campo Grande/MS (26 a 29 de novembro). É festa que não acaba mais!

A FORÇA DO CENTRO



*Estados: Mato Grosso,
Goiás e Mato Grosso do Sul
Área: 1.606.253km²
População: 8.737.380
Municípios: 445
Rebanho bovino: 53 milhões de cabeças
Produção agrícola 97/98 (grãos) : 26 milhões de toneladas
Principais atividades primárias: soja, algodão, milho,
cana-de-açúcar, arroz, feijão, mandioca, leite,
suinocultura e pecuária de corte.*

A importância do Centro-Oeste no segmento agropecuário brasileiro é tão grande quanto a extensão de seu território de 1.606.253km² — 20% da área total do País — e do tamanho da França, Alemanha, Espanha e Itália juntas. Formada por três grandes estados, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, a região é hoje dona de 30% da safra de grãos e onde pasta cerca de um terço do rebanho bovino nacional. Este pedaço do Brasil, marcado por numerosos microclimas e solos com baixos níveis de fertilidade que o excluíam dos pacotes de tecnologia agrícola, soube, em 20 anos, transpor suas próprias limitações para tornar-se referência mundial em agricultura, principalmente em soja. Tamanha eficiência e potencial transformaram o Centro-Oeste em uma das últimas grandes fronteiras agrícolas mundiais, pois lá ainda existem mais de 40 milhões de hectares agricultáveis inexplorados, segundo dados do IBGE.

Fruto de uma migração maciça de produtores das regiões Sul e Sudeste,

*Os agroempresários que apostaram
suas fichas em Mato Grosso, Goiás
e Mato Grosso do Sul estão, literalmente,
colhendo os melhores frutos
do cerrado*

Texto e fotos: Gilberto Severo

CENTRO-OESTE

nas décadas de 70 e 80, o Centro-Oeste foi palco do mais expressivo movimento migratório rural do Brasil no século 20. E foram esses mais de um milhão produtores que, atraídos pela excelente topografia e clima bem-definido do cerrado, ajudaram a difundir a atividade agrícola, abrindo estradas e criando dezenas de novas cidades. Para se ter uma idéia, de 1977 até hoje, somente em Mato Grosso o número de municípios saltou de 38 para 126. E foi por essas estradas empoeiradas e cheias de buracos que o Brasil conheceu culturas como a soja, o arroz, o café, o milho, o algodão, o feijão e a cana-de-açúcar do Centro-Oeste. Isso tudo graças à persistência dos produtores e a adaptação de cultivos às condições edafoclimáticas dos três estados. A região ainda é carente de um estrutura viária que permita o escoamento da safra e o transporte de insumos. O mais difícil, no entanto, os produtores já fizeram: tornar o cerrado produtivo. O governo que faça sua parte.

Para dar uma mostra do excelente

trabalho que os produtores vêm desenvolvendo, a reportagem de **A Granja** percorreu, durante 22 dias, mais de 10.000km entre os estados de Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Foram selecionadas algumas cidades e as culturas mais importantes no momento em cada uma dessas microrregiões. Em Mato Grosso, a ênfase é para o algodão, até por que a soja dispensa apresentação. Lá, ao contrário do restante do Brasil, a cotonicultura é sucesso absoluto e não pára de crescer, principalmente em Rondonópolis e Primavera do Leste. Em apenas um ano, a área cultivada em todo o estado aumentou 105% e os cotonicultores projetam um crescimento de 30% na produção, na safra 99. A produtividade da lavoura algodoeira mato-grossense também salta aos olhos. A média é 150 arrobas/ha, mas tem gente que não tira menos de 220 arrobas/ha.

Em Goiás, é possível comprovar os benefícios que a irrigação está trazendo para a cultura do feijão em cidades como Luziânia e Cristalina, onde a produtivi-

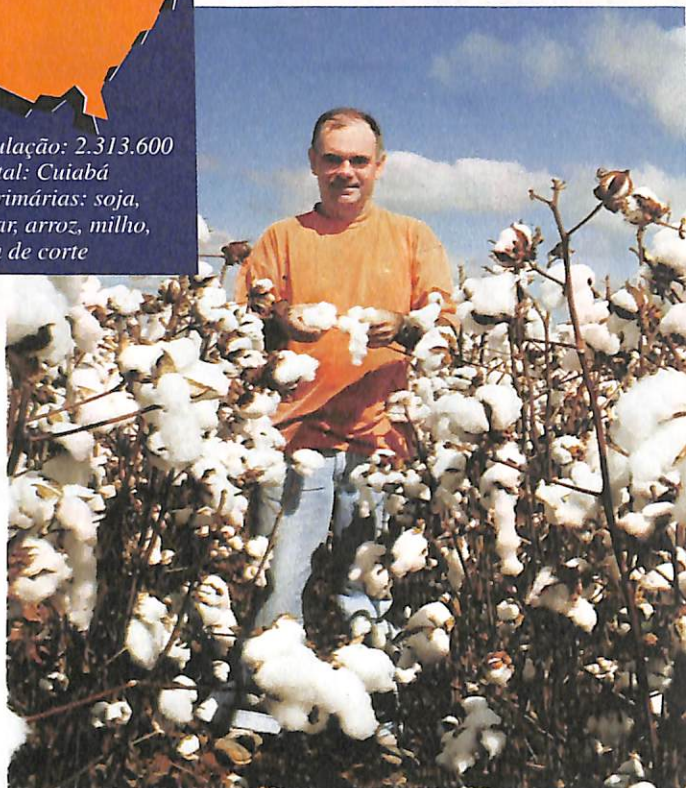
dade pode atingir 48 sacas/ha (2.880kg). Porangatu, ao norte, na divisa com o Tocantins, o pivô central também está resolvendo a falta d'água dos pecuaristas e garantindo boi gordo o ano inteiro. Já em Rio Verde, cidade-pólo do sudoeste goiano, zona mais desenvolvida do estado, os investimentos da Perdigão e da Gessy Lever dão um novo alento para a economia local.

Na última etapa da viagem, foi possível conhecer um pouco da pecuária de Mato Grosso do Sul, a maior do País, com 22 milhões de cabeças, e onde o cruzamento industrial é realizado em maior escala (a próxima edição do suplemento **AG Leilões** trará uma matéria completa sobre a pecuária do Centro-Oeste). O leitor também vai conhecer exemplos de produtores sul-mato-grossenses que tiveram sucesso na integração lavoura-pecuária na recuperação de pastagens e de áreas degradada. Esses são apenas alguns exemplos, mas dão uma idéia da dimensão e do potencial da região no desenvolvimento econômico do Brasil.

O algodão “explode” nos chapadões do cerrado

MATO GROSSO

Área: 906.806km² - População: 2.313.600
Municípios: 126 - Capital: Cuiabá
Principais atividades primárias: soja,
algodão, cana-de-açúcar, arroz, milho,
suinocultura e pecuária de corte



*Em Pedra Preta,
sojicultores
tradicionais, como
Gilberto Goellner
(ao lado), encontraram
motivações e incentivos
para entrar na
cottonicultura.
De 97 pra cá,
a lavoura cresceu 105%
no estado*

aumentou 17%, atingindo 2,45 milhões de hectares, com um montante de 6,69 milhões de toneladas, perfazendo uma média de 45,5 sacas/ha (2.720kg), segundo informou a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

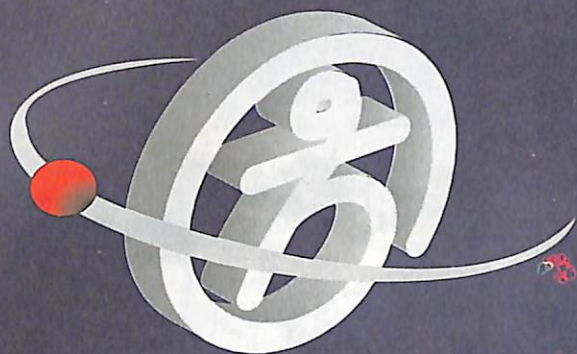
Em 1977, quando o presidente Ernesto Geisel dividiu o gigantesco estado de Mato Grosso em duas partes, criando o Mato Grosso do Sul, o pessoal do norte acusou o Governo Federal de beneficiar os sulistas. Diziam os nortistas que a turma do sul havia ficado com o “filé”, e eles, naturalmente, com a “carne de pescoço”, ou seja: o MS abocanhou as melhores terras e estradas, enquanto o MT, a quem coube uma área de 906.800km, correspondente a 70% do total, era grande demais, ineficiente e extremamente carente de infra-estrutura produtiva. Mas o estado soube dar a volta por cima. Hoje, passados 20 anos, o desafio de domar o cerrado improdutivo do MT foi vencido e a “carne de pescoço” virou “filé”, transformando-se numa potência exportadora de tecnologia agrícola.

Quem visita pela primeira vez a região de Rondonópolis, distante 240km de Cuiabá, e vê a grande extensão de terra coberta por lavouras, não acredita que há pouco mais de duas décadas haviam umas

poucas fazendas que mais pareciam acampamentos, espalhadas por uma imensa e plana superfície. Dentre as mudanças ocorridas, as mais significativas são a criação de um novo perfil de lavoura (com a introdução de grandes extensões de terra no cultivo de grãos) e o desenvolvimento de uma tecnologia própria, até por que o cerrado era o maior limitante dos cultivos de arroz e soja — utilizados na abertura de área — aclimatados apenas às condições do sul do Brasil.

Com a utilização de material genético adaptado às condições de clima e solo, os produtores mato-grossenses aos poucos foram tomando a dianteira na produção de grãos e algodão. Em soja, por exemplo, já são peagadê. Primeiro, eles atropelaram o MS em volume produzido. No ano passado foi a vez de desbancarem o RS, assumindo a vice-liderança, atrás apenas do Paraná. E, ao que tudo indica, nas próximas safras o MT deverá assumir a ponta. Para se ter uma idéia, na última safra a área de soja no estado

Somente nesta região do Brasil é possível, em áreas de 40 mil/ha, obter 48 sacas por hectare. A média foi alcançada pelo Grupo André Maggi, com sede em Rondonópolis, mas com a maior parte da produção localizada em Sapezal, na Chapada dos Parecis, ao norte do estado. Assim como o Grupo Maggi, centenas de grandes produtores conseguem performances capazes de fazer qualquer sojicultor norte-americano morrer de inveja. Um deles é Gilberto Goellner, da Sementes Girassol. Nos 6.000 hectares de soja da Fazenda Girassol, localizada em Pedra Preta, a 70km de Rondonópolis, o empresário obteve um desempenho médio de 57,5 sacas/ha (3.450kg). Isso que o El Niño encolheu sua produtividade em quase 10%. O trunfo desses agricultores é poder contar com variedades produtivas, desenvolvidas especialmente para a região, e ainda resistentes a doenças como cancro-da-haste e, mais recentemente, sementes não-suscetíveis ao nematóide-de-cisto. O trabalho de pesquisa é feito pela Fundação de Apoio à ►



internet

O mais completo site de agropecuária do País



Um meio moderno, ágil e eficiente para V. anunciar sua empresa ou gado. Para informações adicionais entre em contato com Eduardo ou Fábio em Porto Alegre (051) 233-1822 mail@agranja.com César em São Paulo (011) 220-0488 granjasp@mandic.com.br

PATROCÍNIOS

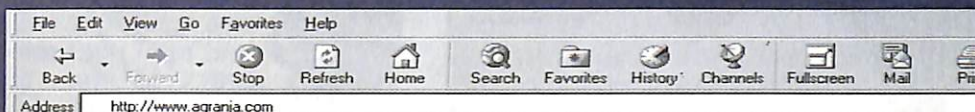
(Líquidos, por mês, por módulo)

Home page _____ R\$ 500,00
Revistas do mês
(A Granja ou AG) _____ R\$ 400,00
Seções _____ R\$ 350,00

http://www.agranja.com

http://www.agranja.com

o endereço rural na internet



agranja
A REVISTA DO LÍDER RURAL

Histórico

Assine
A Granja

Agroshop
O catálogo de compras do homem do campo.

Agenda Centaurus
Útil, Prática, Charmosa, Country, Exclusiva. Cinco razões para você encomendar já.

A Granja do Ano
O mais completo anuário da agropecuária brasileira.

Arquivo
Consulte as edições anteriores

Expointer 97

Sugestões?

A GRANJA - Fevereiro 1998



SAFRA DE VERÃO:

dicas técnicas sobre como evitar perdas na hora da colheita e o aquecido mercado das colheiteiras de grãos.

CAMINHÕES:

saiba o que as grandes montadoras vêm oferecendo para o consumidor brasileiro em termos de conforto, potência e operacionalidade.

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS:

todos os herbicidas, inseticidas, acaricidas, fungicidas e nematocidas para as culturas de banana e girassol.

PLANTIO DIRETO NEWS:

experimento mostra a importância da cobertura de solo como preventivo contra a erosão.

Aconteceu | Eduardo Almeida Reis | Ciência e Tecnologia

AG LEILÕES - Fevereiro 1998



FALOU:

Lício Isfer, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Caracu (ABCC).

TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES:

Técnica que vem conquistando os pecuaristas de norte a sul do País.

ON LINE:

Um balanço do desempenho da pecuária de corte e do setor leiteiro em 1997. E mais: notas sobre o trabalho das associações de raças, mercado de carne etc.

NA PISTA:

Destaque para os resultados da Fenagro, realizada na Bahia, e os preparativos para a Expogrande, que acontece em março, em Campo Grande/MS.

O MARTELO:

Panorama sobre os grandes leilões de 1997, entre bovinos e eqüinos.

MILKBUSINESS:

Uma resenha sobre os temas que dizem respeito à produção leiteira.

AGENDA:

Exposições, feiras, remates e encontros agropecuários em vários estados brasileiros.



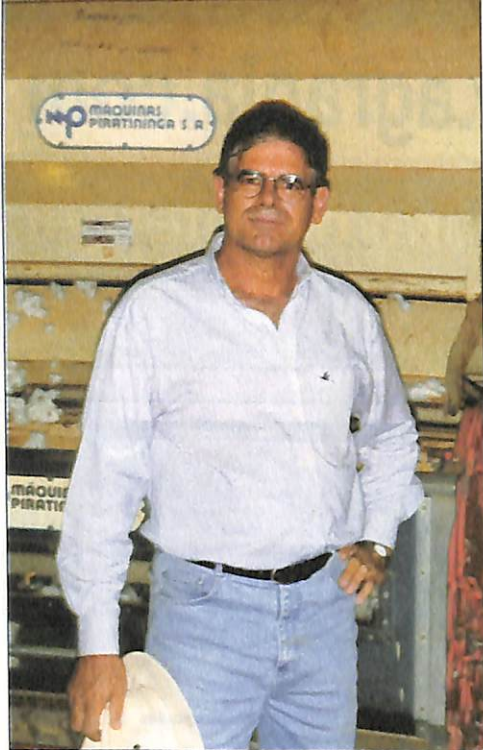
Agro HOT Sites
Os melhores sites do meio rural. Os locais mais quentes onde você pode procurar informações sobre assuntos específicos de seu interesse.

Agro Money
Aqui você encontra comentários econômicos, preços agrícolas e pecuários.

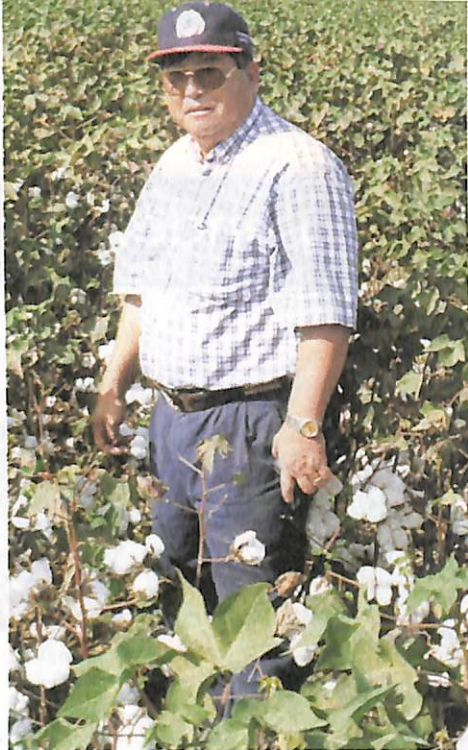
Agro Debates
Através da Internet, estamos abrindo a oportunidade de você se manifestar a respeito de vários assuntos polêmicos.

Agro Classificados
Aqui você vai encontrar aquela oferta que estava procurando.

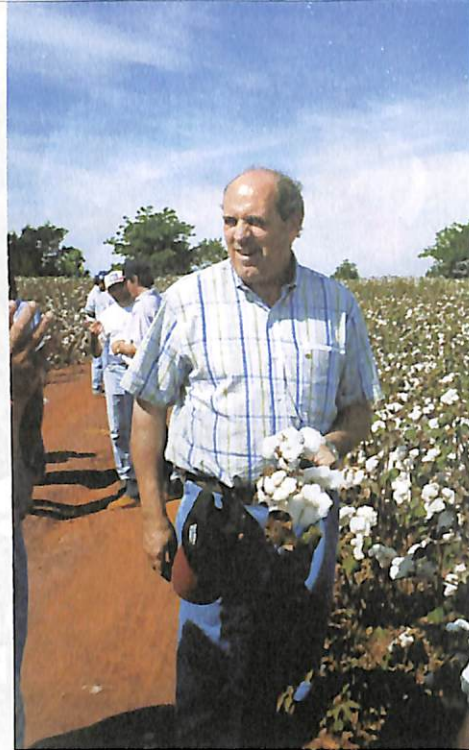




José Pupin, de Campo Verde: em 99, a capacidade da usina beneficiadora vai duplicar



Tadashi Mine, de Primavera do Leste: São Paulo está ficando pra trás



Herbert Schmid, presidente da Santista: produtor precisa aprender a exportar

Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT), com sede em Rondonópolis, em parceria com a Embrapa Soja, de Londrina/PR.

Plumas — Com o mesmo afinco que os transformou em referência mundial em soja, os produtores de Mato Grosso entraram na cultura do algodão. Apesar da pouca experiência nesse cultivo, os “sojicotonicultores” mato-grossenses estão dando aulas de como produzir a fibra. Segundo eles, a união soja/algodão numa única lavoura é um casamento pra lá de feliz, principalmente em 98, quando o preço da soja não está lá essas coisas. Uma das razões do sucesso é “plantar o algodão pensando na soja e vice-versa”, brincam os agricultores. Boa parte da safra ainda não foi colhida, mas a produtividade é disparadamente a maior do País.

A média estadual superior a 150 arrobas/ha também despertou a atenção da indústria, que freqüentemente aterrissa com seus executivos em Mato Grosso. Interessado no volume produzido na região, o diretor-presidente da Alpargatas-Santista, Herbert Schmid, acredita na auto-suficiência brasileira de algodão nos próximos anos e elogia a forma como os produtores estão conduzindo as lavouras. No entanto, ele diz que é necessário cada vez mais buscar a competitividade e, acima de tudo, aprender a exportar. “O agricultor brasileiro precisa se tornar exportador. Essa é a melhor forma de defender o produto nacional do importado”, ensina.

Favorecida pelo clima estável, topo-

grafia propícia à mecanização e uma estrutura fundiária adequada, a cultura do algodão em MT não pára de crescer. Em 97, foram plantados 55 mil/ha em todo o estado. Neste ano, ultrapassou 113.000ha, um aumento de 105%. Lavouras bem-manejadas e sementes adaptadas às condições climáticas são o grande trunfo dos produtores. O apoio da Fundação MT e da Embrapa Algodão, de Campina Grande/PB, tem sido decisivo no sucesso do empreendimento. Desde 96, as duas instituições vêm desenvolvendo novas pesquisas para buscar variedades resistentes à ramulose (principal doença da cultura na região) e às viroses causadas pelo pulgão. Fatores como esses têm sido fundamentais para o MT atrair cotonicultores de outros estados, dizem os agroempresários.

O conhecido agricultor paulista Tadashi Mine, de Ituverava/SP, é um entre dezenas que está transferindo sua produção para o MT. Ao longo de sua experiência de quase 40 anos na atividade, Mine está buscando melhores condições para plantio, pois já não agüenta mais a variação climática em São Paulo. Em Primavera do Leste, a 150km de Rondonópolis, Mine cultiva 1.070ha da fibra, com previsão de atingir um desempenho de 240 arrobas/ha. Na lavoura de Ituverava, com 2.000ha, o empresário obteve um desempenho de 180 arrobas/ha. “Acredito que haja uma recuperação da cotonicultura paulista nos próximos anos, mas, mesmo assim, a tendência é os produtores do sul continuarem migrando para o cerrado”, ressalta.

O legado de Clóves Vektoratto

Parte do sucesso obtido pelo algodão mato-grossense nesta safra também está relacionado ao Programa de Incentivo à Cultura do Algodão em Mato Grosso (Proalmat), um projeto que concede aos produtores locais isenção de até 75% do ICMS incidente na comercialização da fibra, desde que atenda às especificações técnicas exigidas. A medida, em prática desde junho de 97, terá validade até 2001. Pelo projeto, quem opera com produtividades altas, acima de 180 arrobas/ha, poderá receber R\$ 120,00 de retorno por hectare. Para Clóves Vektoratto, autor do projeto, além do incentivo ter chegado em boa hora para o agricultor, ele aumentou a oferta de emprego na região, além de alargar a fonte de arrecadação do Governo Estadual. Com o algodão, Rondonópolis está chamando para si investimentos em usinas beneficiadoras. Vektoratto também é autor de outros programas de sucesso, como o das Granjas de Qualidade na setor suinícola.

Para ter acesso ao Proalmat, o produtor precisa se comprometer em incorporar tecnologia na lavoura e adotar um rigoroso controle ambiental, no que se refere ao manuseio e aplicação de defensivos, com o recolhimento das embalagens plásticas nos centros de reciclagem. Outro item previsto na Lei 6.883, que criou o programa, diz respeito ao recolhimento de 15% do valor do incentivo fiscal para o Fundo de Apoio à Cultura do Algodão (Facual), que tem como objetivo viabilizar pesquisas, palestras e treinamento para os cotonicultores.

PREVISÃO DE SAFRA MATO GROSSO - 1997/1998

Culturas	Safr 96/97		Safr 97/98		▲%	▲%
	Área(ha)	Produção(t)	Área(ha)	Produção(t)	Área	Produção
Soja	2.095.700	5.721.300	2.452.000	6.693.960	17,00%	16,80%
Milho 1ª safra	279.500	1.034.200	201.200	744.200	-28,01%	-28,04%
Milho 2ª safra	352.200	739.600	405.000	1.012.500	14,90%	36,90%
Arroz	337.000	690.900	428.000	1.010.300	27,00%	46,23%
Algodão	55.200	99.360	113.300	260.124	105,25%	161,80%
Cana-de-açúcar	132.815	9.290.500	135.524	9.479.996	7,76%	7,76%

Fonte: CONAB/SAF/MT

Outro que entrou com todo o gás na cultura algodoeira foi Gilberto Goellner. O empresário, referência em produtividade de soja e também presidente da Fundação MT, destinou 700ha da Fazenda Girassol para a produção da fibra. Ele ainda não encerrou a colheita mas, ao que tudo indica, a produtividade não deverá ser inferior a 220 arrobas/ha, um das mais altas da região de Rondonópolis. "Trata-se de uma cultura altamente viável economicamente que, apesar dos altos custos de produção, não pode ser descartada numa propriedade", explica. Goellner está testando também 120ha de café irrigado na propriedade, com perspectiva de iniciar a produção já no próximo ano.

Em Mato Grosso, não existem fazendas produzindo somente algodão. São todas tradicionais propriedades de soja que introduziram a cotonicultura como forma de agregar valor à produção. E mais, como possuem grandes extensões de terra, os agroempresários conseguem diminuir os níveis de ramulose e viroses através da rotação de cultura e, ainda, conservar o solo bem-adubado. O objetivo dos pesquisadores e produtores é utilizar um campo de cultivo no máximo por três safras seguidas, depois entrar novamente com a soja. A ramulose ainda é o maior pesadelo das plantações.

Para José Pupin, da Fazenda Marabá, em Campo Verde, a ramulose tem sido a maior limitante da produtividade da lavoura. Mesmo assim, Pupin espera obter uma média de 190 arrobas nos 4.300ha de algodão da fazenda. Este ano, ele utilizou a variedade ITA 96 que, apesar de ter um desempenho menor que outras variedades, ajuda a segurar a doença. Ele foi um dos primeiros sojicultores de grande porte a investir na lavoura algodoeira no MT. "Para o próximo ano, a estrutura de usina beneficiadora de algodão da propriedade deverá ser duplicada. Nossa intenção é aumentar a área cultivada com a fibra", garante. Pupin, conhecido pelo alto nível tecnológico de sua lavoura, produz ainda 7.000ha de soja. Na última safra, a oleaginosa teve um desempenho

abaixo do esperado, com produtividade de 45 sacas/ha (2.700kg). Segundo ele, a performance da leguminosa foi prejudicada pelo clima. A Marabá produz ainda milho-safrinha e milho-silagem para os bovinos de corte confinados. Anualmente, são confinados 700 novilhos na propriedade.

Custo/benefício — Apesar do preço da arroba-pluma do algodão ser negociado a R\$ 24,50 (30% inferior ao ano passado), a cultura é disparadamente a mais

O algodão "renasceu" em 92

Pelo menos quatro produtores tiveram um importante papel na reintrodução da cultura algodoeira em Mato Grosso: Olacyr de Moraes, Ignácio Mamana, Beijamim Zandonardi e Mário Patriota. Foram eles que ressuscitaram a cultura em solo mato-grossense em 1992, com o cultivo em áreas com extensões médias de 1.000ha, localizadas em terreno de chapada de 600 metros de altitude. Embora tivessem acumulado prejuízos na safra 93/94 — quando as pragas e doenças dizimaram suas lavouras — este pioneirismo serviu para mostrar aos agroempresários locais de que era possível obter um bom desempenho na cotonicultura mecanizada em grandes propriedades. Depois disso, a cultura não parou de crescer no estado.

A quebra da safra 93/94 serviu também para alertar os agricultores da necessidade de adotar um rigoroso controle fitossanitário na lavoura. Surgiram então propriedades tecnificadas, com um rigoroso controle em todas as etapas de produção. Entre os agricultores que iniciaram o cultivo de grandes áreas de forma empresarial — com um rígido controle em cada item dos custos de produção — merece destaque o agroempresário Adilton Sachetti, diretor-administrativo da Agropecuária Sachetti (na foto), de Rondonópolis. No início, Sachetti fez testes experimentais em talhões de 100ha, na Fazenda Sucuri, de

rentável em 98. Isso tudo nas condições de Mato Grosso. E mesmo que o custo de produção tenha oscilado entre R\$ 1.000,00 e R\$ 1.300,00 por hectare, a lucratividade da lavoura supera a da soja de longe. Mesmo assim, os produtores estão preocupados e buscam reduzir os gastos, principalmente com defensivos, responsáveis por 20% dos custos totais de produção. Para Álvaro Salles, da Agropecuária Salles, a redução em 30% dos gastos com agroquímicos na última safra permitiu uma economia superior a R\$ 60,00 por hectare. Se multiplicar esse valor por 1.800ha de lavoura, a economia é substancial. A produtividade na fazenda não deve baixar das 210 arrobas/ha. "Estamos numa época em que qualquer redução nas despesas é importante para a saúde financeira da empresa", diz. No próximo ano, a área de algodão da Salles deverá sofrer um acréscimo de 30%.



propriedade de sua família. Depois, partiu para áreas plantadas de 2.000ha adotando o mesmo controle dos talhões menores com absoluto sucesso. O desempenho de sua lavoura e seu entusiasmo com a cultura acabaram contagiando dezenas de outros produtores. Hoje, a Agropecuária Sachetti produz 5.000ha da fibra, com produtividade média de 170 arrobas/ha. Neste ano, houve uma ligeira queda de 10 arrobas em relação ao ano anterior, ocasionada pela variação climática. Ferrenho defensor da parceria produtor/indústria, o empresário tem sido um dos grandes interlocutores da cotonicultura do MT junto ao segmento têxtil.

Em Rondonópolis, o nelore aprimorado recebe a marca da Fazenda Paulicéia



O pecuarista Antônio Luiz de Castro costuma brincar que ele é um, dentre centenas de produtores do Brasil-Central, dos infectados por uma doença conhecida como “nelorite”. A enfermidade, para quem não sabe, é crônica, e os sintomas mais comuns são: pensar em nelore 24h por dia, só se relacionar com criadores de zebu e ter calafrios quando encontra uma raça bovina européia pela frente. Agora, mais assustados os doentes ficam quando precisam fazer um tratamento radical contra a moléstia que, entre outras coisas, pode levar a rentabilidade da fazenda para o cemitério. O combate mais eficiente tem sido a terapia de choque, ou seja, cruzar o nelore com raças bovinas européias. Mas isso é uma heresia para o nelorista que se preze. Nesse caso, a solução é fazer como Castro: aprimorar a genética da raça. E disso ele entende, pois o mais importante reprodutor nelore padrão existente no País — o Panagpur — saiu de sua propriedade.

Na Fazenda Paulicéia, distante 18km de Rondonópolis, sul do Mato Grosso, o sangue de Panagpur é marca registrada. Seus herdeiros, tanto machos quanto fêmeas, têm excelente performance e vêm seguindo os passos do pai na conquista de boa parte dos concursos da raça. O maior exemplo desse sucesso aconteceu durante a Expozebu, de Uberaba/MG, em maio último, quando uma de suas filhas, a vaca Helen da Boa Terra, foi vendida por R\$ 192.000,00, maior preço da história dos leilões da feira. Outros dois de seus filhos já estão fornecendo sêmen para as principais centrais de inseminação. Campeão em todas as categorias, o touro é igualmente descendente de uma genética pra lá de conhecida e respeita-

da em todo o País. Seu pai é nada menos que Ludy de Garça, considerado o divisor de águas do nelore brasileiro e o maior reprodutor de todos os tempos. Ludy morreu no ano passado e deixou seus genes espalhados em mais de 100 mil filhinhos. “Pela procura por sêmen do Panagpur, é possível que ele possa superar a marca de seu lendário pai no mercado. A central de inseminação VR, onde o animal se encontra, não consegue atender a demanda”, orgulha-se Castro.

O plantel da Fazenda Paulicéia é invejável e reconhecido pela maioria dos criadores de zebu como um dos mais seleitos do Centro-Oeste. Ao todo, são 2.500 animais PO, resultado de 25 anos de trabalho de melhoramento realizado pelo pecuarista, aprimorados com a genética de Panagpur. Os animais da propriedade normalmente têm venda garantida em qualquer leilão. O gado está distribuído em 3.260ha de piquetes formados por colônia, brizanta, tifton, grama-estrela e, em fase de testes, o capim-tangola — um híbrido desenvolvido recentemente pela Embrapa. Com isso, evita-se que o desempenho do rebanho caia nos meses da seca, entre maio e setembro. Castro produz ainda

200ha de seringueira e 140ha de milho para silagem. Segundo ele, grande parte do rebanho é vendido antes de completar 24 meses de idade.

Otimização — Fiel à filosofia de que o rebanho precisa estar sempre sob os olhos do dono, Castro não abre mão de acompanhar cada detalhe do manejo dos animais na fazenda, tarefa dividida com o filho Francisco, veterinário da propriedade, e com a esposa Maria Inêz. Para ele, a pecuária é um aprendizado constante. Experiência é fundamental, mas é necessário sempre investir em tecnologia. A vantagem é que hoje o produtor brasileiro conta com um volume de informações satisfatório. O pecuarista admite ter uma boa dose de sorte, mas atribui seu sucesso ao criterioso trabalho de seleção desenvolvido há mais de duas décadas. “O melhoramento do nelore é fundamental para aumentar o desempenho da pecuária nacional. Como ele é a base do nosso plantel, é impossível otimizar o desfrute sem investir na raça”, assegura. E para quem não investe em genética de ponta só resta partir para o cruzamento com raças bovinas mais precoces.

Apesar de se definir como um nelorista convicto, Castro admite que o cruzamento industrial é o futuro da pecuária de corte no Brasil Central. Ele ressalta a necessidade de melhorar ainda mais a performance da raça porque o custo/benefício do nelore é menor quando comparado com os bovinos. “A grande contribuição do cruzamento é a nova realidade que o criador de zebu está sendo obrigado a encarar. Não basta ter um animal para ganhar exposições. Cabe a nós,

neloristas, produzir uma base genética (baseada em ganho de peso e precocidade) suficientemente apurada para aprimorar ainda mais o ganho no momento de misturar as raças. O ideal, nesse caso, é os criadores de nelore partirem para o animal superprecoces. Isso é tecnologia.”, finaliza. ►



Antônio Luiz de Castro, o proprietário: não basta ganhar exposições

Falta de estudos de impacto ambiental e ação das ONGs emperram projetos hidroviários



Em março de 1997, quando a Hidrovia Madeira-Amazonas entrou em operação, iniciando o transporte da soja produzida no norte de Mato Grosso e destinada ao mercado europeu, via porto de Manaus, o Brasil finalmente se deu conta da importância da região no contexto econômico nacional. Mais do que isso, a hidrovia — com 1.115km de extensão ligando Porto Velho/RO a Itacoatiara/AM — chamou a atenção para a necessidade de se aproveitar a fabulosa bacia hidrográfica do País como corredor para escoamento da produção e, também, levar o desenvolvimento da agrícola nas regiões ribeirinhas do Centro-Oeste e Norte. As 600 mil toneladas do grão que deverão ser transportadas pelo rio Madeira em 98 dão uma dimensão exata da importância de tais projetos. Isso tudo sem mexer no leito, apenas adequando as barcas à calagem dos rios.

Mato Grosso tem outros três projetos semelhantes esperando na fila para serem colocados em prática: as hidrovias Paraguai-Paraná (ligando MT com os países do Rio da Prata); Mortes-Araguaia-Tocantins (entre Água Boa/MT e Xambioá/TO) e Teles Pires-Juruena-Tapajós (de Lucas do Rio Verde/MT a San-

tarém/PA). Elas fazem parte do sistema de transporte multimodal — que engloba ferrovia, hidrovia e rodovia. Pelos estudos, essas hidrovias deverão movimentar cerca de dois milhões de toneladas de grãos, com um custo de transporte até 50% menor que o rodoviário.

Apesar de contar com o apoio do Ministério dos Transportes, os três projetos estão embargados desde o ano passado por decisão judicial. Com isso, obras como o terminal da Navbel, em Água Boa, foram suspensas. A Justiça alega que o andamento das mesmas fere o Artigo 231, parágrafos três e seis da Constituição Federal, a qual determina que a utilização de recursos hídricos em áreas indígenas deve ser precedida de autorização do Congresso Nacional. Como as três hidrovias margeiam reservas, o Ministério Público Federal (MPF) entendeu que, sem o aval do Legislativo, não é possível dar andamento aos empreendimentos. Para o procurador da República em Mato Grosso, José Pedro Taques, um dos autores das ações, o MPF está se baseando apenas no que diz a lei. Segundo ele, resolvida essa questão junto ao Congresso, o andamento dos projetos poderá seguir normalmente. “O MPF não levou em conta possíveis danos

ao meio ambiente porque os estudos sobre o impacto das hidrovias ainda não foram apresentados”, diz. A ação contra a hidrovia Araguaia-Tocantins foi encaminhada pelo Instituto Socioambiental (ISA), uma Organização Não-Governamental (ONG) sediada em São Paulo/SP e São Gabriel/AM, em nome da comunidade indígena xavante.

Contestação — Para o deputado estadual José Lacerda, do PMDB/MT, que há 16 anos defende a implantação de um sistema de transporte multimodal na região, o atraso na construção dos terminais hidroviários vai além da decisão da Justiça. Segundo ele, a falta de interesse da classe política local, aliada à atuação de algumas ONGs, são os principais pontos de estrangulamento dos projetos. “Tirando a Hidrovia Paraguai-Paraná, as outras obras são pequenas e regionais e não conseguem empolgar os políticos”, afirma. Mas o mais nocivo, para Lacerda, é a tentativa das ONGs de abortar programas de investimentos que utilizem o sistema fluvial da região. “Sob a bandeira de defesa dos recursos hídricos do Centro-Oeste e da Amazônia, ao longo dos anos, algumas entidades espalharam boatos de que a navegação fluvial representava um perigo iminente para a sobrevivência dos rios”, reclama.

Para o alívio de quem espera ansioso pela resolução dessas pendengas, em maio último veio uma boa notícia: a Ahitar, empresa responsável pela administração da Hidrovia Araguaia-Tocantins, finalmente concluiu e enviou o relatório de impacto sobre o meio ambiente (conhecido como RIMA) ao Ministério dos Transportes, que deverá encaminhar os documentos para o crivo do Ibama.

Agora as formigas estão com as horas contadas.



Corte seu prejuízo a curto prazo: 72* horas.

2x
Mais
Rápido

Blitz é a mais revolucionária descoberta, com um modo de ação único, que paralisa o corte das formigas na sua lavoura, duas vezes mais rápido que as iscas formicidas convencionais.

- Eficiência comprovada contra as espécies que infestam reflorestamentos e culturas: *Atta sexdens rubropilosa*, *Atta laevigata*, *Acromyrmex subterraneus*
- Paralisação do corte a curto prazo • Modo de ação único, atingindo local específico do Sistema Nervoso Central dos insetos • Micro pellets, o que permite o carregamento até por espécies menores (quenquês)
- Baixa dose, mais econômico • Alta potência • Fácil aplicação e dosagem
- Classe toxicológica IV, faixa verde

Blitz

LIGAÇÃO GRATUITA
0800 122333
CENTRO DE ATENDIMENTO
CAP RHODIA AGRO

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Produto de uso agrícola.

Venda sob Recetário Agrônomo

*em condições normais de aplicação

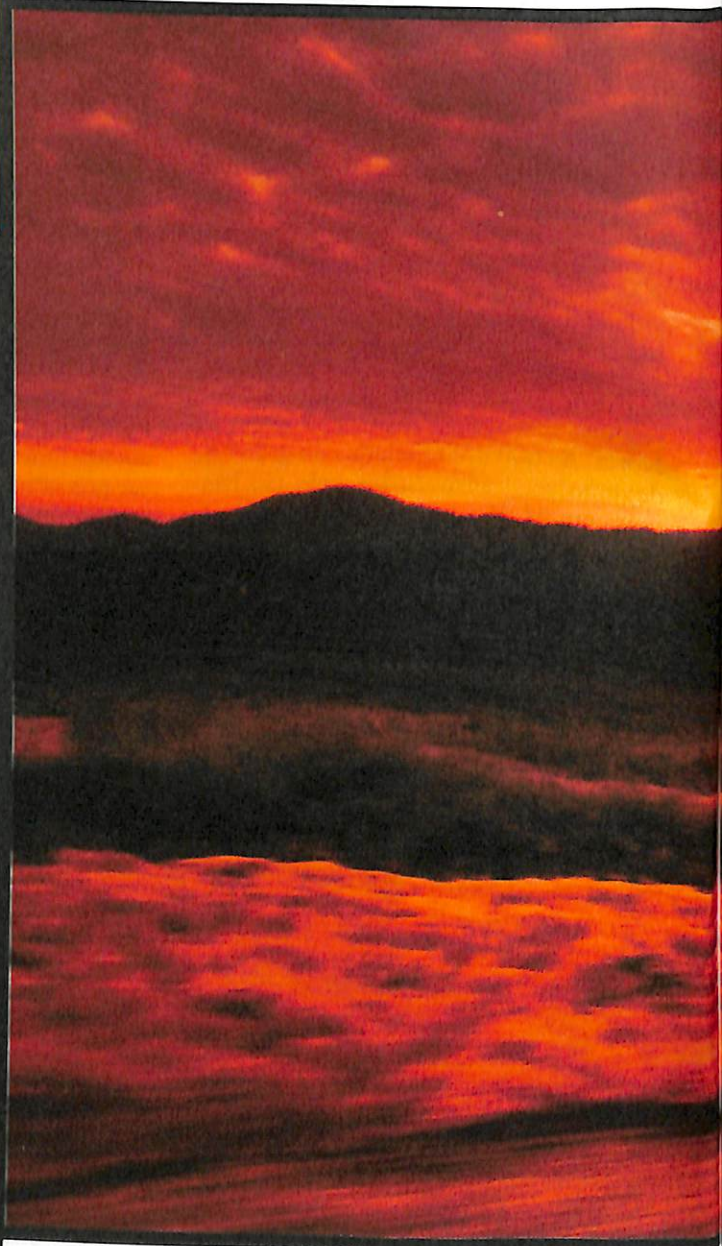
RHODIA AGRO

RHÔNE-POULENC AGRO

GRUPO RHÔNE-POULENC

ATENDEMOS ÀS EXIGÊNCIAS
DE QUEM MAIS
CONSUME CAMINHÕES NO BRASIL:
AS ESTRADAS.

Quando a Ford começou a fabricar caminhões no Brasil, não existiam muitas estradas. Boas estradas então, nem pensar. Mas, em vez de esperar as estradas melhorarem, resolvemos melhorar nossos caminhões. E é isso que a Ford vem fazendo ao longo de todo esse tempo: caminhões cada vez mais resistentes, duráveis, fortes. E, de tanto fabricar caminhões, a Ford descobriu que mais importante que chegar é a maneira como se chega. Por isso, nossos caminhões estão preparados para enfrentar as mais duras viagens. Mas isso não é tudo. Eles também transportam mais carga por menos custo. Menos custo em dinheiro e em problemas. Não importa o destino, dentro de um caminhão Ford, você sabe que está sempre no melhor caminho para o seu negócio. Enquanto isso, a gente vai fazendo o que sabe: caminhões perfeitos.



<http://www.ford.com.br> Use o cinto de segurança. Veículo em conformidade com o PROCONVE -



Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores, preservando o meio ambiente. Alguns dos itens apresentados são opcionais. Use sempre peças e acessórios originais Ford. **Ford by Phone: 0800-17-2000.**

Caminhões

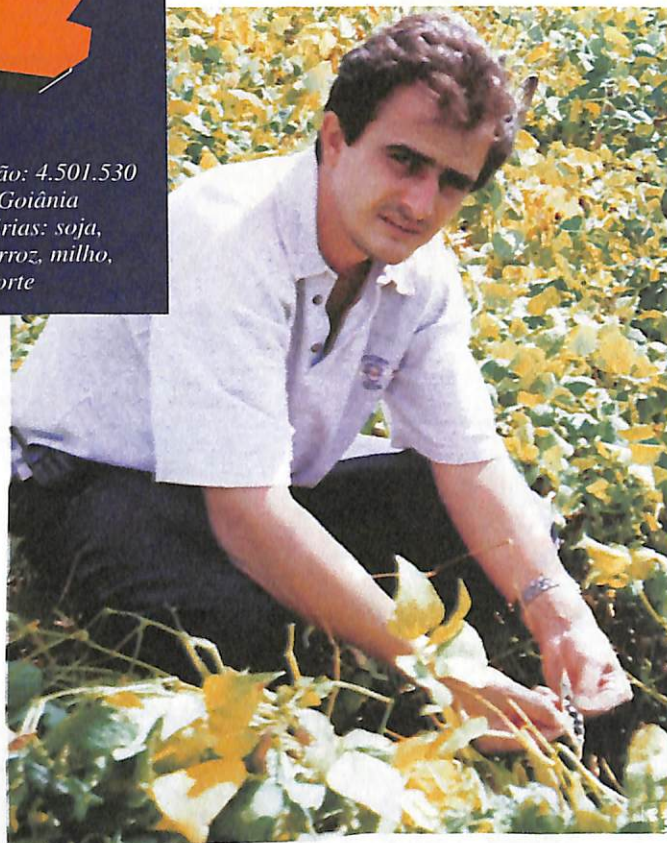
CAMINHÕES FORD. O MELHOR NEGÓCIO EM TRANSPORTES.



Irrigação dá novo ânimo à cultura do feijão

GOIÁS

Área: 341.289km² - População: 4.501.530
Municípios: 242 - Capital: Goiânia
Principais atividades primárias: soja, algodão, cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, leite e pecuária de corte



O produtor Renato Sorgatto (ao lado), de Luziânia, conseguiu uma produtividade de quase 3.000kg/ha da leguminosa na última safra

Nunca os produtores de Goiás plantaram tanto feijão como em 1998. Também, com o preço da saca comercializada a R\$ 80,00, não há agricultor que resista — ainda mais quem foi obrigado a vender uma saca de soja a R\$ 11,00. O estado, que produz anualmente cerca de 90 mil hectares de feijão em duas safras, viu a área de plantio aumentar violentamente quando o Governo Federal acenou a possibilidade de faltar o produto no mercado, devido à queda da produção e dos baixos estoques reguladores. Quem tem pivô central, então, não quer nem ouvir falar em outra cultura. Basta dar um giro pelo entorno de Brasília, em cidades como Luziânia e Cristalina, para comprovar a magnitude de como esta leguminosa vem se desenvolvendo. A região conta hoje com cerca de 100 pivôs, a grande maioria já com a segunda safra em andamento. Logo atrás da colheita de uma lavoura, os agroempresários estão jogando novamente a se-

mente no solo. Afinal, “tempo é dinheiro”.

Mas engana-se quem imagina que os produtores da região estejam apenas aproveitando o bom momento da cultura. A microrregião, composta por 20 municípios, é o segunda maior área produtora de feijão de Goiás e a que mais utiliza o sistema de irrigação, graças à boa reserva de água que possui. O pivô, na verdade, é a única alternativa viável de produção agrícola no período de seca. Além de possibilitar o cultivo em épocas não-favoráveis ao plantio do grão, a irrigação é a grande aliada para manter os índices de produtividades em patamares satisfatórios, garantindo boa rentabilidade. Tem produtor que na primeira safra obteve um desempenho superior a 40 sacas/ha (2.400kg) e espera uma performance parecida na segunda colheita, prevista para o final de julho. E apesar dos custos de produção serem superiores à média — o ataque de doenças e pragas é maior no segundo plantio —,

dá para embolsar um punhado de reais. Empolgado com o excelente momento vivido pelo feijão no Brasil, o agricultor Renato Sorgatto, de Luziânia, tem ainda mais motivos para comemorar: a produtividade da primeira safra atingiu 48 sacas/ha (2.880kg). Ele não espera repetir a dose quando colher o segundo plantio, mas, mesmo assim, o resultado deve extrapolar as 40 sacas. “Nós precisamos aproveitar esse momento para capitalizar a lavoura. É uma oportunidade única; não dá para perder”, acrescenta. De acordo com Sorgatto, é impossível pensar em agricultura nos meses do inverno sem a utilização da água. O empresário, que também administra em parceria com seu irmão Remi uma empresa de comercialização de cereais (marca Pérola), possui três pivôs numa área de 306ha e está instalando três novos equipamentos numa fazenda recém-adquirida, na divisa de Luziânia com Cristalina. Neste ano, a área está coberta com feijão, mas nem sempre é assim. Ele também planta milho safrinha e, eventualmente, soja irrigada. No entanto, a soja é produzida na área não-coberta pela irrigação, com produtividade de 54 sacas/ha (3.240kg) neste ano. A cobertura morta para a lavoura da soja é feita com milheto, pois toda as suas áreas agrícolas estão em regime de plantio direto.

Garantia — Além de conferir maior qualidade à produção, o sistema de pivô central evita perdas por veranico, muito comum na região nos meses de janeiro e fevereiro. Mais do que garantir safra o ano todo, a irrigação consegue manter boa

parte da mão-de-obra local ocupada na entressafra, período quando normalmente há dispensa de trabalhadores das fazendas. Claro que os cuidados com o cultivo em pivô devem ser constantes, principalmente pela acentuada proliferação de fungos e pragas. O mais temido deles é o *Fusarium*, que pode dizimar a lavoura se o produtor não for rigoroso no combate. Nesse caso, a rotação com outras plantas que não sejam oleaginosas é fundamental, até porque ainda não existe um defensivo totalmente eficaz no tratamento da moléstia. Como forma de amenizar os efeitos do fungo, a pesquisa está investindo na rotação de áreas irrigadas com braquiária, mas os testes ainda não são definitivos.

É fundamental para a saúde financeira de quem utiliza o sistema de irrigação via pivô ficar atento aos custos de produção. Culturas como o milho, por exemplo, não são viáveis economicamente; pelo menos com os R\$ 6,00 que o mercado está oferecendo pela saca de 60kg atualmente. Para Onorato Paludo, de Cristalina, o produtor precisa saber otimizar o uso do equipamento, pois corre o risco de sofrer prejuízo se não souber fazer a coisa certa. Paludo teve o desempenho de sua lavoura de feijão, colhida



Onorato Paludo, de Cristalina: é preciso fazer a coisa certa

em março, comprometido por uma série de fatores, entre eles a alta temperatura e a disseminação de doenças no pivô, como mosca-branca, *Fusarium* e a cigarrinha. A produtividade não ultrapassou as 30 sacas/ha (1.800kg). No total, ele plantou 320ha, incluindo as áreas de sequeiro. Já na soja o desempenho dos 400ha superou as 50 sacas/ha (3.000kg). "Já um pivô

de 120ha de milho produziu cerca de R\$ 16,2 mil em cinco meses. Isso é muito pouco, e eu optei por plantar o feijão, entrar com o milho em novembro e voltar com feijão em janeiro", complementa. Apesar disso, o agricultor não dispensa o pivô e diz que só não instala mais um por falta de água na fazenda.

Mas o veranico não fez só estragos nas áreas de feijão, a soja também foi afetada pelo clima da região. Para Edevino Aléssio, de Cristalina, se não fossem as altas temperaturas no mês de janeiro, sua produtividade em soja nesta safra seria similar ao ano passado: 62 sacas/ha (3.720kg). Por culpa do tempo, o desempenho caiu para 46 sacas/ha (2.760kg). Mesmo assim, nada mal. Agora, o produtor espera compensar essa perda com o feijão, com produtividade estimada de 45 sacas/ha (2.700kg). Aléssio, na verdade, já tem know-how em cerrado, pois foi o primeiro agricultor a plantar soja na sua região, em 1980. Ele utiliza as variedades paiguás, vitória e conquista. Em sua propriedade, com 1.750ha, além da soja, tem feijão, plantado numa área irrigada de 216ha, e o milho, também produzido no pivô, colhido em março último, com produtividade de 140 sacas/ha (8.400kg).

WALTERSCHEID

- EIXOS CARDÃS
- EIXOS HOMOCINÉTICOS
- CAIXAS DE TRANSMISSÃO
- EMBREAGENS



TECNOLOGIA ALEMÃ NA TRANSMISSÃO AGRÍCOLA



**É O NOVO SISTEMA DE
ACOPLAMENTO RÁPIDO
TRATOR COM IMPLEMENTOS**

A região de Rio Verde, no sudoeste, sintetiza o melhor da agricultura moderna



A região sudoeste de Goiás se tornou um chamarisco de projetos agroindustriais. Bastou a Perdigão anunciar investimentos de cerca de US\$ 150 milhões na construção de uma unidade de produção e processamento de aves e suínos em Rio Verde (centro geográfico de uma área composta por 18 municípios), para outras empresas do setor agro voltarem as atenções para essa cidade de cerca de 100 mil habitantes, 250km ao sul de Goiânia. A tradicional fabricante de extrato de tomate Cica, hoje pertencente à multinacional belga Gessy Lever, também está marcando presença, com perspectiva de iniciar a produção já nos primeiros meses de 1999. Incentivos fiscais houveram, mas o que mais pesou foi, sem dúvidas, a facilidade de interligação da cidade com os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, aliada à diversificação e ao potencial produtivo da região. Para se ter uma idéia, o sudoeste goiano lidera o ranking estadual de produção de soja, milho, sorgo, algodão, feijão de sequeiro, arroz de sequeiro, cana-de-açúcar; tem o maior rebanho de bovinos de corte e é o segundo na produção de leite. Além disso, possui uma significativa área cultivada com hortaliças.

Para Antonio Chavaglia, diretor da Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste de Goiás (Comigo) — a mais importante das 53 cooperativas existentes no estado — e que abrange 11 cidades da região, é possível sentir os efeitos do projeto pelo aumento da demanda de mão-de-obra na construção dos galpões para a suinocultura. A unidade da

Perdigão vai gerar três mil empregos diretos quanto estiver operando com toda a capacidade, fora o trabalho que deverá fomentar indiretamente nas fazendas. “Rio Verde está dando um grande passo de desenvolvimento econômico e social. Isso tudo deve-se à sua excelente localização e vem coroar o profissionalismo de seus agricultores”, complementa. Há 24 anos, Chavaglia ajudou a fundar a Comigo e foi um dos incentivadores da abertura de lavouras de grãos na região. A cooperativa conta com hoje com 3.900 associados.

A região sudoeste detém hoje 60% da produção de soja de Goiás. Na última safra, foram plantados cerca de 670 mil hectares da oleaginosa, com destaque para Rio Verde, que cultivou 170 mil/ha. Isso representou um crescimento de 25% em relação ao ano anterior. No entanto, boa parte desse crescimento é atribuída ao desinteresse dos agricultores pelo milho. Este, por sua vez, teve uma queda de 64%, despencando de 128 mil/ha para 45 mil/ha. Segundo os próprios produtores, foi melhor optar pela safrinha do que arriscar um prejuízo maior com o cereal no verão, até porque havia o temor de que uma instabilidade climática puxasse para baixo os índices de produtividade. Em todo o estado de Goiás, a queda na área produzida foi de 39%, restando um total de 455 mil/ha de lavoura. Já na soja, também em nível estadual, o crescimento

global foi de 35%, passando para 1,375 milhão de hectares.

Os agroempresários de Rio Verde esperam recuperar as áreas de milho quando a fábrica da Perdigão começar a operar, na virada do milênio. Isso vai proporcionar um aumento significativo na demanda do cereal destinado à ração. Por enquanto, os produtores rio-verdenses ainda não sentiram os efeitos dos pesados investimentos. Apenas os operários da construção civil estão trabalhando com força total.

Mérito — Independentemente do frisson provocado pela Perdigão e a Gessy Lever, os números apresentados pelas lavouras da região já são suficientes para comprovar a importância do sudoeste goiano no contexto econômico do Centro-Oeste. Isso justifica por que 70% das agroindústrias de Goiás se concentram na região. E aí estão incluídas usinas de açúcar e álcool, beneficiadoras de algodão, soja, entre outras. Sementes produtivas e solos com bons níveis de fertilidade garantem médias superiores a 40 sacas/ha (2.400kg) em soja, por exemplo. Apesar do veranico que castigou as plantas na época de floração e frustrou um pouco a produtividade, os sojicultores tiveram um desempenho satisfatório neste ano. Os inconvenientes ficaram por conta dos preços desfavoráveis no mercado externo, os altos custos de produção e a limitação de crédito. “Mesmo assim, a opção foi melhor que o milho. Aliás, qualquer cultura teve desempenho superior ao cereal, menos o algodão”, brinca o agricultor Nilto Schwening, de Rio Verde.

Na última safra, Schwening plantou 3.000/ha de soja-semente, com desempenho de 47 sacas/ha (2.820kg). A área de milho ficou restrita apenas a 10% da lavoura, estimada em 3.500ha. O agricultor produz ainda sorgo, milheto e tem um rebanho de 500 animais nelore cruzados com aberdeen-angus. A fazenda possui pastagem de braquiária adubada, e os animais recebem ainda suplementação com resíduos de soja e sorgo, mistura-



Nilto Schwening, da Cereal Ouro: a soja bate qualquer cultura

A tecnologia e a produção marcaram encontro no centro-oeste brasileiro.

No centro-oeste brasileiro, a produção em larga escala é resultado de imensas áreas agricultáveis, de condições climáticas favoráveis, e, principalmente, da visão empreendedora de suas lideranças, que acreditaram e aportaram tecnologias capazes de tornar a região um dos maiores centros de produtividade de soja no mundo. Num lugar como este, os projetos, equipamentos e instalações Kepler Weber integram o cenário. No segmento de armazenagem, são milhares de toneladas de capacidade estática instaladas. Estas, aliadas ao arrojo tecnológico utilizado em outros empreendimentos, como nos terminais portuários que compõem a hidrovia Madeira-Amazonas, contribuem para ampliar o conceito de produtividade da região e alavancar a competitividade.



KEPLERWEBER®

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

FONES: Panambi (055)375-4000 / Porto Alegre (051)341-1044
Cascavel (045)226-5422 / São Paulo (011)825-7433
Goiânia (062)233-4500 / Campo Grande (067)742-3013
Cuiabá (065)627-1087 / INFORMAÇÕES DDG (051)800-2104
<e-mail>marketing@kepler.com.br / <http://www.kepler.com.br>

dos com amônia. Os animais são abatidos aos 22 meses, com peso superior a 16 arrobas. Considerado um dos produtores-modelo de Rio Verde, este empresário gaúcho, há 15 anos sediado em Goiás e dono da Cereal Ouro, possui um eficiente sistema de armazenagem, secagem e conservação de grãos.

Agora, quando o assunto é diversificação, a Fazenda São Judas, de Antonio Haddad, distante 50km de Rio Verde, não pode ficar de fora. Da propriedade partem os mais variadas hortaliças que abastecem tanto a indústria quanto as Ceasas de Goiás e São Paulo. Ao todo, são 2.500ha, dos quais 700ha irrigados. Nos

pivôs, são cultivados 30ha de cenoura, com produtividade média de 1.500 caixas/ha; sete hectares de beterraba, com 700 caixas/ha; 15 mil caixas de jiló, em 10ha, vendidos diretamente em São Paulo; 15ha de pimenta, com 25 toneladas/ha; além de abóbora e pimentão. Ainda tem 270ha de feijão e 180ha de tomate, que consegue uma performance de 80 toneladas/ha.

A São Judas ainda produz, anualmente, 700ha de milho-doce para a indústria de conserva. Em 97, Haddad implantou na fazenda um sistema de parceria, onde terceiriza a produção de hortaliças. Sob sua responsabilidade fi-

caram apenas o feijão e o milho-doce. Pelo acordo feito com os arrendatários, o produtor financia o custeio da lavoura e participa dos lucros. Dois agricultores participam do programa: José Eduardo Campelo e também o administrador da propriedade, Ariston Hermes Vieira. Os dois são unânimes em afirmar que o início da produção da Gessy Lever em Rio Verde vai fazer com a área de tomate, por exemplo, tenha um salto muito grande em produção. A região tem cerca de 2.500ha de pivô, mas são necessários cerca de 5.000ha de área irrigada para garantir a produção de tomate da multinacional.

E o algodão decepcionou os produtores

Se uma parte dos produtores do sudoeste goiano vislumbra boas perspectivas para um futuro próximo, a outra vive dias sombrios. São os cotonicultores, que amargaram uma queda de mais de 50% nos índices de produtividade nesta safra. A quebra da lavoura algodoeira é atribuída às altas temperaturas, responsáveis pelo aumento do ataque de pragas e a consequente proliferação de doenças. Além de sofrerem os efeitos da queda de mais de 30% do preço da fibra no mercado, os agricultores, que ampliaram a área do estado de 84 mil para 163 mil/ha nesta última safra, viram a performance de seus campos baixar de 153 arrobas/ha para 73 arrobas/ha. Resultado da catástrofe: não vai sobrar dinheiro nem para pagar os 40% financiados pelo Banco do Brasil.

Independentemente do perfil de cada produtor, os efeitos provocados pelo clima foram os mesmos. Claro que o estrago aumenta de acordo com a área de cada um. Para Christina Maria de Paula, de Quirinópolis, cuja família planta 200ha da fibra, o desempenho da safra será suficiente apenas para pagar o Banco do Brasil, que financiou um terço do custeio. Como a maior parte das dívidas está com empresas de insumos e máquinas, o medo da agroempresária é provocar um efeito dominó. "Se com o meu perfil de pequena produtora eu tenho dívidas de mais de R\$ 300 mil, imagine quem planta em grandes extensões", desabafa. E como o banco não

fez Proagro, a situação se agrava ainda mais. O desempenho da lavoura de Christina atingiu 80 arrobas/ha, uma queda de mais de 50% em relação ao ano passado. Na planilha de custo, os defensivos foram disparadamente os que mais pesaram. Na maioria das lavouras, o número de aplicação de agroquímicos saltou de quatro para 14.

Na verdade, a quebra da lavoura algodoeira de Goiás nesta safra lembra fato semelhante ocorrido em Mato Grosso há quatro anos. Diante disso, tanto a indústria quanto pesquisadores questionam alguns fatos que teriam desencadeado o problema, entre eles a variedade de semente deltapine, suscetível ao pulgão (transmissor das viroses do algodoeiro).

O ataque da praga foi potencializado pelas temperaturas acima da média na região. Os técnicos lembram que quando ocorreu caso similar em Mato Grosso as condições climáticas eram semelhantes às deste ano.

O Banco do Brasil não liberou o Proagro para os produtores justamente porque a semente deltapine não era indicada para as condições de Goiás. Como o clima afetou a qualidade da fibra, além de não conseguir um bom preço, o cotonicultor corre o risco de ter seu produto rejeitado pela indústria. Esta, por sua vez, avisa que a quebra da safra vai prejudicar a comercialização do algodão-pluma. "A compra de matéria-prima de qualidade inferior vai depender da demanda interna. A queda da produção deve ocasionar perdas sem precedentes para os produtores",

alerta Norberto Miguel Tófano, do setor de compras da Alpargatas-Santista Têxtil S.A., uma das maiores compradoras do Brasil.

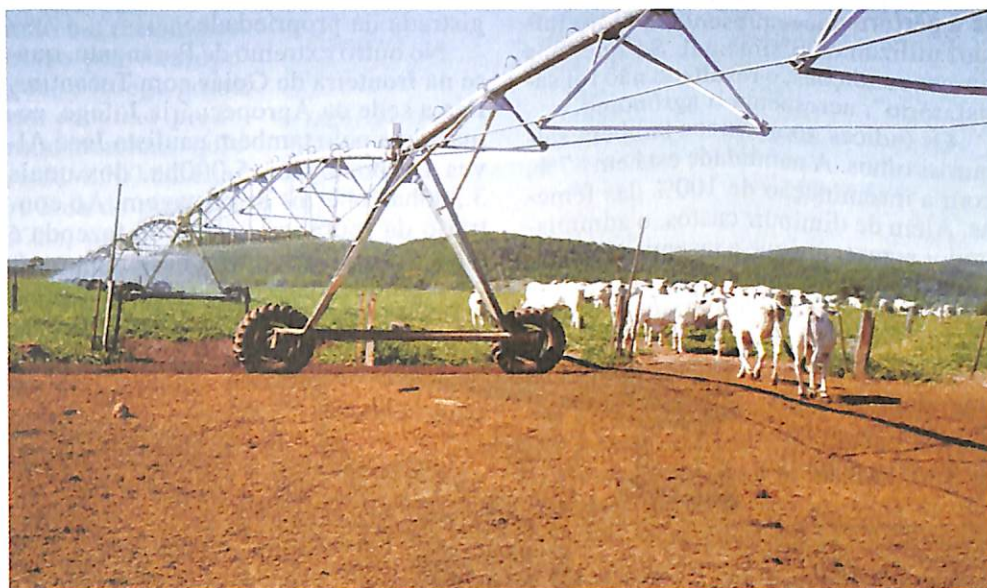
Reivindicações — Capitaneados pela Federação de Agricultura do Estado de Goiás (FAEG) e produtores de grande porte, como Antônio Ribeiro Borges (na foto), de Santa Helena de Goiás, e Wander Carlos de Souza (maior produtor de algodão da América Latina com 15 mil/ha plantados), de Acreúna, os cotonicultores entregaram um manifesto solicitando algumas medidas urgentes do Executivo para amenizar a situação da lavoura.

O documento foi repassado ao presidente Fernando Henrique Cardoso, que esteve presente no dia-de-campo realizado na Fazenda Canadá, em Acreúna, no dia 14 de maio. Segundo Ribeiro — que também preside a Comissão de Agricultura da FAEG —, se não forem adotadas medidas emergenciais para o setor, o aumento recorde da área plantada em 98 vai se transformar na falência generalizada de produtores. A

área plantada de Antônio Ribeiro foi de 3 mil/ha e o desempenho foi de 50 arrobas/ha, 60% inferior à média obtida no ano passado. Entre os pontos mais importantes do documento está a ampliação do sistema de compra (AGF) dos atuais 20% para 50% da produção.



Porangatu, ao norte, trocou as lavouras de grãos pela criação de gado. Com sucesso



Boi no pivô: tecnologia que dá mais carne/ha/ano



Cruzamento industrial: nelore e meio-sangue zebu-europeu

Porangatu, uma pequena cidade de 50 mil habitantes localizada a 500km ao norte de Goiânia, quase na divisa de Goiás com o estado de Tocantins, é um dos muitos municípios do Centro-Oeste brasileiro que viram a crise dos anos 80 detonar com suas frágeis economias fundamentalmente agrícolas. É que com o fim dos subsídios para abertura de áreas novas destinadas à cultura de grãos, o Governo Federal deletou o não menos insustentável modelo de produção sem que nada pudesse ser feito para salvar a região da decadência e da pobreza. Os 15 funcionários que a agência do Banco do Brasil emprega na cidade atualmente ilustram bem esse quadro. Para se ter uma idéia, na metade da década de 80, o banco mantinha mais de 70 empregados para atender os produtores de Porangatu (cidade-

sede de uma microrregião composta por 19 municípios).

Com o passar dos anos, a região descobriu na atividade pecuária uma boa alternativa para tirar sua economia do atraso. Aos poucos, as lavouras foram substituídas por pastagens, modificando bastante o panorama local — embora muito aquém dos tempos em que as culturas do arroz e do milho eram soberanas — mas devidamente adequadas ao limitado clima local, onde as chuvas cessam no mês de abril e recomeçam somente em outubro. Hoje, a microrregião de Porangatu tem um rebanho de corte estimado em 1,2 milhão de cabeças, 9% do efetivo total de Goiás.

Os problemas hídricos enfrentados pela região nos meses da seca levou alguns produtores a adotarem medidas que

em outras áreas não têm sido uma boa estratégia: a irrigação via pivô central. Mais do que uma alternativa econômica, os pivôs são fundamentais para, no período seco, manter o rendimento do rebanho nos mesmos patamares que na estação chuvosa, além de contribuir para a melhoria do desfrute que, a exemplo do resto do País, não ultrapassa a média de 14%. Com a planilha de cálculos nas mãos, duas grandes fazendas próximas a Porangatu vêm obtendo uma performance produtiva que supera as expectativas. O equipamento foi instalado há pouco mais de um ano, mas o resultados permitem vislumbrar um futuro promissor. O melhor exemplo vem da Agropecuária Iporanga, do empresário paulista Walter Geraigire. Com uma área total de 5.000ha, distribuídos em três propriedades, dos quais 2.200ha de pastos formados por braquiário, andropogon e tanzânia, a empresa já consegue um desfrute de 22%, com expectativa de chegar a 25% ainda em 98, segundo estimativas do agrônomo Selênio Siqueira, um dos administradores da Iporanga. Nos 50ha cobertos pelo pivô e divididos em 32 piquetes, Siqueira optou pelo capim-mombaça devido sua excelente massa verde.

Referência entre as fazendas do norte de Goiás, a pecuária irrigada da Iporanga substituiu o confinamento e vem encurtando o ciclo de produção. Já é possível abater os animais com 16 arrobas aos 22 meses. Mas o objetivo é diminuir ainda mais a idade de abate dos bovinos. Para isso, há um controle criterioso de ganho de peso dos 500 animais sob o pivô. A média diária de conversão alimentar é de 850g. Pelos critérios adotados na propriedade, os animais mais pesados recebem tratamento diferenciado, consumindo o pasto localizado nas pontas de cada piquete e, portanto, com mais massa verde. Isso permite a eles um desempenho superior aos demais, sendo comercializados mais cedo. Os bois recém-introduzidos na pastagem comem diariamente 350g de um proteinado à base de sal, uréia e farelo de milho.

Para Siqueira, a irrigação é uma excelente alternativa, desde, é claro, que haja um rigoroso controle de todas as etapas da produção, aliado a um trabalho de melhoramento da genética do rebanho. “O pivô é como um carro a 160km por hora: qualquer erro tira você da pista”, ilustra. Pelos cálculos do agrônomo, somando todos os componentes como consumo de combustível (diesel) e manutenção do equipamento; adubação; vermifugação e mineralização do rebanho; mão-de-obra e depreciação do maquinário, o custo por arroba fica na casa dos

R\$ 15,00. Outro aspecto importante é o cruzamento do gado nelore com o aberdeen e o red angus realizado pela Iporanga há dois anos. "Queremos animais precoces e, ao mesmo tempo, adequados às exigências do mercado consumidor, que é uma carne de qualidade", explica.

Genética apurada — a Agropecuária Iporanga descobriu que sua vocação é mesmo para a pecuária. Até porque, o solo pobre e extremamente pedregoso sempre foi o obstáculo para a produção de grãos. Mas a limitação talvez tenha sido o grande impulso para o trabalho de seleção e melhoramento do rebanho de 4.500 cabeças. O programa é novo, tem cerca de dois anos, mas o resultado chama a atenção de qualquer produtor considerado eficiente. Em 98, 100% dos

animais destinados ao abate serão oriundos do cruzamento do nelore com a aberdeen e o red angus. A opção dos técnicos pelas duas raças bovinas deve-se à performance apresentada. "No início, utilizamos o simental. Só que, nas nossas condições, o resultado não foi satisfatório", acrescenta o agrônomo.

Os índices zootécnicos também saltam os olhos. A natalidade está em 87%, com a inseminação de 100% das fêmeas. Além de diminuir custos, o administrador acrescenta que a inseminação tem sido o caminho mais eficiente. Ainda neste ano será feita um faxina nos currais da propriedade, onde deverão permanecer apenas os reprodutores nelore PO que fazem parte do programa de

melhoramento da raça implantado há alguns anos, além das fêmeas, é claro. O gado de elite da Iporanga, reconhecido em todo o estado de Goiás, é marca registrada da propriedade.

No outro extremo de Porangatu, quase na fronteira de Goiás com Tocantins, fica a sede da Agropecuária Jofege, comandada pelo também paulista José Alves Barbosa. São 5.000ha, dos quais 3.200ha cobertos de pastagem. Ao contrário da Iporanga, o solo da fazenda é mais rico e a topografia bastante propícia à produção agrícola (tanto que até o início dos anos 90 a área era grande produtora de milho). Mas, ali, o cruzamen-

Goiás é o terceiro no ranking nacional do leite

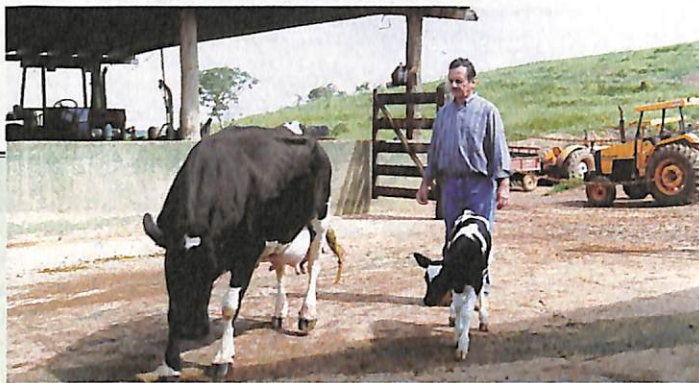
Outra área em que Goiás está conseguindo potencializar a produção é no setor leiteiro. Graças à combinação de fatores como condições edafoclimáticas favoráveis ao cultivo de forragens e grãos a preços competitivos, baixo custo da terra, privilegiada localização em relação aos principais centros consumidores e à modernização das propriedades, o estado é hoje o terceiro maior produtor de leite e derivados do País. Com 1,54 milhão de vacas ordenhadas (plantel igual a 1997), os produtores deverão obter em 98 cerca de 2,5 bilhões de litros de leite. Esse número representa um aumento em produtividade de mais de 20% em relação ao ano passado, segundo projeções da Federação da Agricultura do Estado de Goiás (FAEG). Se comparado com o crescimento da produção leiteira do Brasil nos últimos sete anos, os pecuaristas goianos levam grande vantagem. De 90 a 97, enquanto a média nacional evoluiu 40,39%, passando de 14,4 bilhões de litros para 20,3 bilhões, Goiás cresceu 114,3%, ampliando o volume de 1,07 bilhão de litros para 2,29 bilhões.

Mas não foram só os aspectos climáticos e logísticos que alavancaram a produção de leite goiana. Medidas como otimização da mão-de-obra, aumento da escala e associativismo foram igualmente importantes no processo. Tudo isso graças ao trabalho quase isolado dos produtores. Mais bem-estruturados e organizados em cooperativas, os agroem-

presários podem barganhar um preço diferenciado para seu produto, como é o caso de Edilberto Marra Carneiro, de Palminópolis, distante 70km de Goiânia. Ele faz parte de uma associação de 26 pecuaristas que produzem um volume diário de 18 mil litros. Pelo acordo firmado com um laticínio do interior de São Paulo, eles recebem R\$ 0,29 por litro.

Otimista com o futuro do segmento lácteo de seu estado, Carneiro, que também é assessor técnico da FAEG, acredita no associativismo como a maneira mais adequada para o setor melhorar o desempenho (até porque a indústria quer garantia de abastecimento e se compromete em pagar um pouco mais por isso). O volume de 780 litros/dia produzido na sua fazenda ainda é pequeno, mas os índices são muito superiores à média estadual. São 39 vacas holandesas em lactação, o que dá uma média de 20 litros/animal. A propriedade tem 85ha, 12 dos quais destinados ao cultivo de milho para silagem e três de cana-de-açúcar. No período seco, os animais recebem cana, uréia, silagem e um volume baixo de concentrado. Segundo ele, a melhoria do aporte alimentar das fêmeas permitiu um salto em produtividade e representa 50% do crescimento da produção obtido nos últimos anos. E isso não representou aumento nos custos. Pelos seus cálculos, a performance produtiva do plantel aumentou cerca de 90% em três anos. Parte disso, claro, também é decorrente do melhoramento genético das vacas.

Também próximo à capital é possível encontrar produtores igualmente com



bons índices produtivos, mas com uma razoável dose de ceticismo em relação ao desenvolvimento da pecuária leiteira. Um deles é José Veras de Araújo (na foto), do município de Silvânia. Até o ano passado, Araújo recebia R\$ 0,26 por litro. Seu perfil de médio para grande produtor permitia obter um preço diferenciado na indústria. Mas isso não se manteve, e o preço pago pelo produto caiu hoje para R\$ 0,24. E ele ainda tem de ouvir a lamúria de seu parceiro comercial. "A queda da renda é evidente. Em 93, eu pagava US\$ 1,65 por um grama do medicamento tetraciclina. Hoje, a mesma dose custa US\$ 5. E a indústria fala que nós precisamos reduzir custos. Nesse período, o preço do leite se manteve estável", desabafa. A atividade nos 418ha da fazenda é diversificada, o que, segundo ele, evita que o balancete entre no vermelho. Ao todo, a propriedade abriga 350 animais da raça holandesa, dos quais 106 em lactação, com produtividade média diária de 22 litros por vaca. São 100ha de pastagem e mais 40ha para a produção de silagem de milho. Tem ainda soja, com desempenho de 40 sacas/ha (2.400kg), e o milho, com produtividade de seis toneladas/ha. Para o empresário, os recursos provenientes do Fundo do Centro-Oeste (FCO), em vez de nivelarem, aumentaram a desigualdade entre os produtores.

to industrial ainda não se concretizou. Com 90% do capim formado por braquiário e o restante coberto por andropogon, a Jofege possui um rebanho predominantemente nelore de 4.500 cabeças. A área de pivô é de 97ha, mas a lotação é de apenas sete cabeças por hectare. A rentabilidade, neste caso, é menor, mas, mesmo assim, de acordo com Siqueira, é possível uma lucratividade satisfatória.

O manejo adotado em ambas as propriedades é similar. O que muda é o tipo de pasto no pivô e a forma como cada uma conduz o programa de melhoramento. Vantagem para a Iporanga, que tem, mesmo no desfrute do nelore, um desempenho superior. A idade média de abate dos animais da Jofege é 30 meses, portanto, mais tardios. A intenção do agrônomo é, ainda neste período de seca, aumentar a lotação para oito ani-

COMPARATIVO - PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE GOIÁS / SAFRAS 96/97 X 97/98

Produtos	Área plantada safra 96/97 (ha)	Área plantada safra 97/98 (ha)	%
Milho (verão)	746.840	455.547	-39,00%
Soja	1.016.488	1.375.766	35,35%
Arroz	136.247	128.557	-5,64%
Algodão	83.234	165.182	98,45%
Milho (safrinha)	203.131	209.530	3,15%
Sorgo (safrinha)	93.048	131.013	40,80%
TOTAL	2.278.988	2.465.595	8,19%

Fonte: IBGE
Ref.: Abril/98
Algodão - dezembro/97

mais/ha. Esse seria o limite máximo para que o pasto não sofra desgaste e a conseqüente perda de rendimento. Ambas as propriedades já têm projetos de aumentar o número de pivôs. Independentemente do manejo e lucro conseguidos por cada produtor, a verdade é que ambas as propriedades pecuárias devem ampliar a área com pivô.

Selênio Siqueira,
administrador da Iporanga: carne
precoce, mas com qualidade



Winner[®]

Inseticida Sistêmico para controle das cigarrinhas transmissoras do CVC da Citricultura

Winner[®]

PROTEÇÃO SISTÊMICA VIA TRONCO

Novo conceito na citricultura

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo.

Venda sob receituário agrônomo.

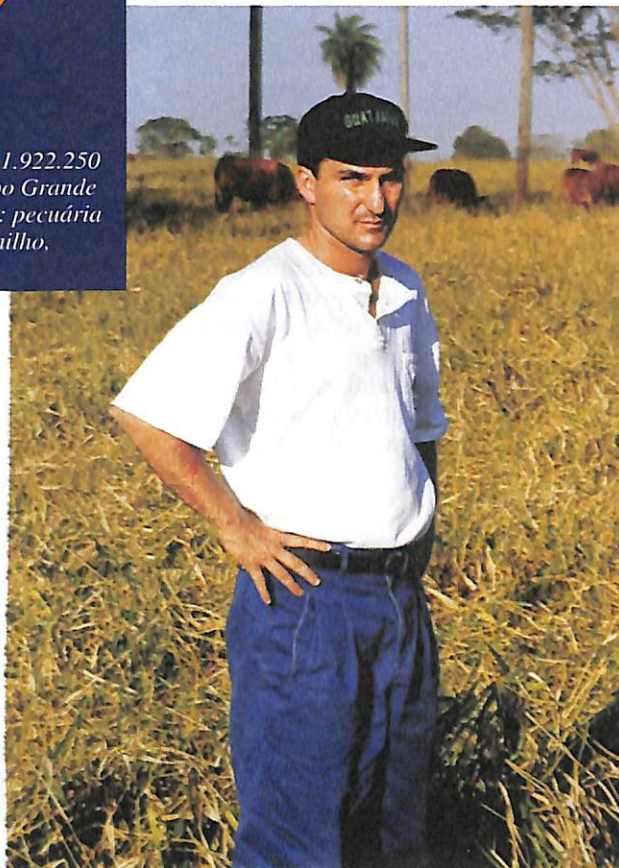
Bayer

Proteção das Plantas

MATO GROSSO DO SUL

Área: 358.158km² - População: 1.922.250
Municípios: 77 - Capital: Campo Grande
Principais atividades primárias: pecuária de corte, soja, algodão, arroz, milho, café, mandioca e avicultura

A pecuária se tornou a principal atividade



Marcus Vinícius Ferreira (ao lado), da Fazenda Guatambu, administra um projeto moderno de exploração pecuária em Rio Brilhante

A história da colonização do território onde hoje se localiza o Mato Grosso do Sul está ligada a três ciclos econômicos importantes do Centro-Oeste brasileiro: a extração da erva-mate, a navegação comercial de Corumbá pelo rio Paraguai-Paraná (por onde chegaram os bandeirantes no século 18) e a exploração da pecuária extensiva, iniciada logo após a Guerra do Paraguai. Das três atividades, apenas a última conseguiu ter sustentação econômica e se transformou na principal fonte de renda da região. Graças a sua privilegiada proximidade com grandes centros consumidores — São Paulo, Minas e Paraná —, o MS aos poucos se transformou no principal fornecedor de carne bovina do País. Na década de 70 e início de 80, aproveitando os subsídios agrícolas do Governo Federal e os juros baixos, o estado viveu outra fase produtiva, com a implantação de lavouras de grãos. Mesmo assim, a pecuária de corte permaneceu como atividade sobe-

rana. Atualmente, o MS possui um rebanho bovino estimado em 22 milhões de cabeças (o maior do Brasil) e uma área de pastagem que ultrapassa 16 milhões de hectares.

Como toda a região Centro-Oeste, a lavoura sul-mato-grossense cresceu de forma acentuada nos últimos 20 anos, dividindo espaço com a pecuária. Em 1980, por exemplo, a produção agrícola do estado totalizou dois milhões de toneladas. Em 98, o volume deverá superar as 5,5 milhões de toneladas. Destaque para a soja, milho, algodão, arroz, café, trigo e feijão. O MS é hoje o sétimo maior produtor de grãos do Brasil, com cerca de 5,1% da safra nacional. A soja é a principal cultura, com uma área plantada de mais de 1,3 milhão de hectares na safra 97/98. A oleaginosa vem obtendo excelente performance nas microrregiões de Dourados (no sul do estado) e, mais recentemente, Chapadão do Sul, na divisa com Goiás. Juntas, as duas áreas detêm

mais de 80% da produção. A média geral da soja em MS está em 40 sacas/ha (2.400kg).

Como a vocação dos produtores da região é mesmo a pecuária, a agricultura se tornou uma atividade "secundária", no estado. Basta dar um giro nas cercanias da capital Campo Grande para ver *in loco* a importância do boi gordo para a economia local. O sistema de produção é predominantemente extensivo, mas não impede o MS de possuir uma das mais desenvolvidas pecuárias do País, embora ainda precise evoluir muito. Hoje, todas as raças bovinas existentes no Brasil são encontradas no território sul-mato-grossense. Isso tudo graças aos programas de cruzamento em grande escala do nelore com raças bovinas européias. Além de transformar o estado num pólo de investimentos de agroempresários de todo o Brasil, o cruzamento industrial adotado aumentou significativamente a taxa de desfrute da atividade. Em 86, o desfrute do rebanho não chegava a 9%. Em 97, a performance atingiu 15%, ou seja, um aumento de 65%. Os índices ainda são baixos, mas levando em conta que a média nacional não chega aos 13%, o desempenho da atividade é animador.

Inovação — O cruzamento industrial, aliás, foi o pontapé inicial para a implantação de um dos programas de maior sucesso da pecuária nacional: o novillo precoce. Com isso, os produtores locais conseguiram encurtar o ciclo produtivo, otimizando e dando maior rentabilidade para a atividade. Para o agrônomo e tradicional pecuarista Francisco José Ribe-

ro Junqueira, de Campo Grande, até aqui o choque de sangue representou o maior avanço da atividade, mas admite que a pecuária do Brasil Central só conseguirá melhorar sua performance aumentando a precocidade

das fêmeas — via diminuição do intervalo entre partos — bem como melhorar o ganho de peso dos machos e a qualidade da carne.

Nos 320ha de pastagem cultivada da Fazenda Junqueira, distante 18km da zona urbana de Campo Grande, o empresário mantém 800 animais puro-sangue da raça beefalo (resultante da cruz do selvagem bisão americano com raças bovinas européias). Em 91, o pioneiro Junqueira importou dos EUA um lote de 106 animais puros, depois de realizar testes utilizando sêmen de beefalo em vacas nelore. O objetivo era obter fêmeas meio-sangue mais férteis a com maior habilidade materna que as vacas aneloras, assim como bezerros com maior rentabilidade, nas condições do Centro-Oeste. O agrônomo possui um rebanho de 20 mil cabeças espalhadas por fazendas localizadas no Pantanal.

As vacas beefalo nunca saem da Fazenda Junqueira. Com isso, a produção de touros puro-sangue é mantida. Apenas os reprodutores são enviados ao Pantanal para cobrirem as vacas aneloras. Os números apresentados nos relatórios técnicos de manuseio com o beefalo nos últimos seis anos justificam o entusiasmo do produtor. As vantagens mais significativas dos animais meio-sangue são a precocidade reprodutiva e a excelente habilidade materna das fêmeas F1 e F2. Além disso, o ganho de peso diário na

EFETIVO E ABATES NA PECUÁRIA DO MS

Período	Rebanho total (milhões)	Abates	Desfrute (%)
1993	20.394.609	2.514.142	12.9
1994	21.800.445	2.660.692	12.9
1995	22.244.427	2.896.622	13.02

Fonte: IBGE/SEPLAN-MS

recria a pasto do bovino cruzado foi superior ao do nelore e do canchim (ver tabela). Na idade adulta, os machos atingem 900kg, e as fêmeas 600kg.

Mesmo na época seca, o rendimento desses animais se mantém acima dos demais pela facilidade de adaptação a pastos mais pobres. O volumoso utilizado na seca é composto de feno e braquiárias. Os bezerros recebem um concentrado de milho, farelo de soja e minerais como ração inicial, garantindo um ganho diário de peso entre 1.000 e 1.500 gramas. “Somos bastante sensatos para verificarmos que a melhoria das pastagens e do manejo aumenta a produtividade, mas nossa intenção é verificar dentro das mesmas condições como obter melhor rendimento da genética animal”, acrescenta. O objetivo do empresário de difundir o beefalo em todo

o Brasil parece estar se concretizando: já existem criatórios em São Paulo, Paraná, Maranhão e Distrito Federal.

Conexão MS — Difundir ainda mais a raça braford no Brasil-Central também é a intenção do empresário gaúcho Valtér José Pötter, da Estância Guatambu, de Dom Pedrito/RS. Para isso, desde julho do ano passado, o empresário está investindo na recuperação das pastagens da Fazenda Guatambu, em Rio Brilhante, distante 160km de Campo Grande. Até agora, já foram recuperados 600ha de pasto formado basicamente de capim-tanzânia, mas a meta é chegar na primavera de 2001 (quando a propriedade estiver produzindo com capacidade plena) com uma área de 950ha de pastagem de qualidade e lotação de 4.000 animais. Atualmente, a fazenda, de 1.200ha, possui 1.041 animais, dos quais 648 ventres.

O sistema de manejo adotado na propriedade é o maior diferencial na região. A pastagem verde e bem-adubada chama a atenção de quem passa pela área. Como a Pötter realiza ciclo completo — da reprodução ao abate —, fatores como a auto-suficiência em pastagem de qualidade são considerados fundamentais. O programa de nutrição envolve aspectos como utilização dos recursos forragei-

Corumbá precisa se reciclar

A região de Corumbá está entre as áreas que mais sofreram com a crise do setor agropecuário. O rebanho, que em 1980 ultrapassava três milhões de cabeças, hoje não atinge 1,5 milhão. Entre as causas para a decadência estão a cheia do Pantanal, a falência do modelo extrativista, praticado há mais de 200 anos pelos pecuaristas, e a falta de infra-estrutura para escoamento da produção. O rico passado desta cidade, fundada em 1778 em pleno Pantanal e o principal entreposto comercial de Mato Grosso no século XVIII, contrasta com a falta de investimentos e tecnologias operacionalmente sustentáveis para as condições da região, até por que o sistema de manejo adotado em outras áreas do estado não serve de parâmetro. Descapitalizada, a pecuária pantaneira não consegue se redimensionar para tornar-se competitiva.

Para os produtores locais, a chamada pecuária não-especializada funcionou bem na região até o início dos anos 80. Hoje, no entanto, ela não tem sustentação econômica. Segundo Manoel Martins, um dos mais tradicionais criadores da região, como a atividade conviveu harmoniosamente com a na-

tureza durante dois séculos, os produtores literalmente “pararam no tempo”. “Outro problema é o desconhecimento do pantaneiro para com o termo extensão rural”, salienta. Ele coloca o conceito de intocabilidade do Pantanal como um dos que mais contribuíram para agravar a crise do setor.

Apesar de tudo, Martins, como bom pantaneiro, acredita na recuperação da atividade e, principalmente, no desenvolvimento da região. Corumbá é a principal cidade dessa que é a maior planície inundável do planeta, com área estimada em 140.000km², dividida entre o MT e o MS. E é exatamente na diversidade da fauna, da flora e na beleza do lugar que a pesquisa busca alternativas economicamente viáveis. Em 23 anos, a Embrapa Pantanal já identificou 1.550 variedades de plantas aquáticas e terrestres, que podem ser utilizadas no consumo humano, na criação de gado e na indústria. O potencial pesqueiro da região também dispensa apresentação. Já foram catalogadas cerca de 250 espécies de peixes, o que aumenta ainda mais as chances do Pantanal encontrar uma saída para a crise.



Lote de bezerros beefalo puro-sangue nas cercanias de Campo Grande: orgulho dos Junqueira

ros através do pastoreio rotativo ou intensivo; correção de pH; fertilização de solo; reforma das pastagens degradadas; introdução de forrageiras de qualidade; e reserva de alimentos, como silagem de grãos de sorgo úmidos para suplementação na seca.

Segundo o veterinário e administrador da Guatambu MS, Marcus Vinícius Ferreira, a intenção é adotar um sistema de produção semelhante ao utilizado pelo pecuarista no Rio Grande do Sul. "Queremos manter um ciclo curto, com fêmeas entrando em fase de reprodução aos 14 meses", explica. O trabalho desenvolvido permite que a novilha entre para a categoria de vaca aos 18 meses, já prenhe. A taxa de prenhez precoce e a conseqüente redução da idade de abate, para no máximo 20 meses, são fundamentais para conseguir uma pecuária com alto desfrute a com maior produção de quilos por hectare. Valter Pötter, aliás, é referência entre os pecuaristas gaúchos.

Fundação MS viabilizou o desenvolvimento regional difundindo a integração lavoura-pecuária

Mato Grosso do Sul precisa resolver urgentemente um problema tão grande quanto a extensão de sua área de pasto, estimada em 16 milhões de hectares. Trata-se da degradação das pastagens, na verdade um problema nacional, mas que no estado adquire proporções maiores exatamente pelo fato da economia local estar atrelada à exploração da pecuária de corte. Originada na acidez e baixa fertilidade do solo; na falta de adubação corretiva e de manutenção de nutrientes; práticas inadequadas de formação e manejo, a deterioração das forrageiras é a principal limitante na produção de carne/ha/ano. No processo de recuperação dessas áreas, duas alternativas vêm sendo adotadas pelos técnicos e alguns produtores. A primeira é restabelecer a qualidade da massa verde via adubação ou utilizando culturas como milho ou aveia. A segunda é através da integração lavoura-pecuária, um caminho rápido e economicamente mais seguro para devolver o equilíbrio nutricional das forrageiras e também a rentabilidade da fazenda.

Os benefícios que uma cultura pode trazer para a outra através da integração são ilimitados, desde, é claro, que haja criterioso sistema de manejo. Para o pesquisador Dirceu Luiz Broch, da Fundação MS para Pesquisa e Difusão de Tecnologias Agropecuárias, sediada em Maracaju, distante 140km de Campo Gran-



Lote de novilhas braford: raça "pegou" no cerrado

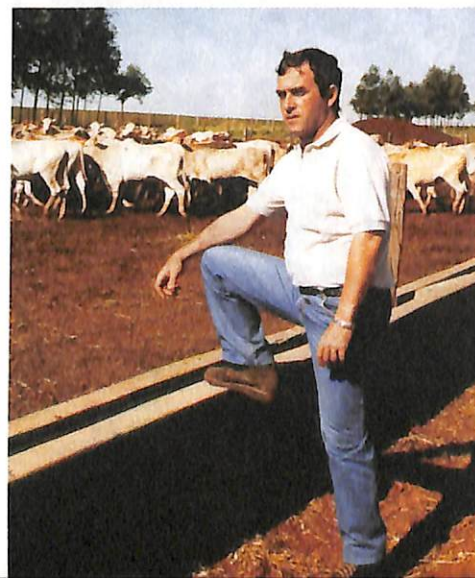
de, o primeiro passo é conscientizar os agropecuaristas para a necessidade. "A integração representa o aumento da rentabilidade da fazenda. Isso significa aumento na produção de grãos e de carne", explica. Há anos, a Fundação MS vem pesquisando e desenvolvendo trabalhos de recuperação de solo e pastagem junto a produtores e pecuaristas de todo o estado, através da utilização da pastagem como cobertura morta para a produção de soja.

Dentre os benefícios que a agricultura pode trazer para a atividade pecuária, pelos menos quatro são considerados fundamentais, segundo a Fundação MS. O primeiro é a possibilidade de recuperar ou renovar as pastagens a custos menores. O segundo ponto é o fornecimento de adubo residual. É que as plantas forrageiras que se desenvolvem após a lavoura (especialmente a cultura da soja) beneficiam-se do adubo não-absorvido pelas culturas antecessoras no decorrer de seu ciclo. De acordo com os estudos da Fundação, além do fósforo, potássio, cálcio e magnésio, a soja deixa no solo após a colheita mais de 100kg/ha de nitrogênio, o que é indispensável para a produção das gramíneas. Outro grande problema que o sistema vem resolvendo é a produção de forragem na época mais crítica, entre os meses de maio e outubro. As opções pós-soja são as mais variadas. Pode-se, por exemplo, utilizar milho safrinha, sorgo, aveia e milho, tanto para as condições de pastejo como para suplemento do rebanho. Além disso, a pastagem perene semeada após a oleaginosa é mais resistente à seca, geadas e doenças. O

quarto e mais importante item é a rotação de culturas, fundamental para diminuir a incidência de pragas e doenças. "A rotação também é essencial para viabilizar o sistema de plantio direto da soja em cima da pastagem, item-chave para manter o terreno bem-nutrido a custos acessíveis", acrescenta Broch.

Alternativa — A recuperação de pastagens via agricultura pode ter no sistema de parceria uma excelente opção tanto para o pecuarista como para o agricultor desde, é claro, que haja ganhos para as duas partes, como ensina o agrônomo Izidro Gea Cabrera. Há 14 anos, Cabrera é o parceiro agrícola da Fazenda Lagoa Dourada, em Sidrolândia, distante 80km de Campo Grande. Nesse período, ele já conseguiu recuperar toda a área de pasto da fazenda, formado basicamente por tanzânia e andropogon: quase 3.000ha.

O sistema de manejo adotado pelo técnico permite que a cada ano sejam entregues 200ha de pastagens renovadas. Cabrera tem na fazenda uma área de 1.000ha, dos quais 400ha são fixos e o



Izidro Cabrera, de Sidrolândia: parceria é a melhor forma de otimizar a produção



Ari Basso, em meio à plantação de nabos: o produtor precisa de opções

restante rotativos. A produtividade da soja na parte fixa na última safra foi de 56 sacas/ha (3.360kg), enquanto que nos terrenos onde é feita a rotação, foi possível obter um rendimento médio de 37 sacas/ha (2.220kg). Nos locais de pastagem que nunca foram utilizados em agricultura, o técnico adotou o seguinte manejo: passou grade pesada, depois a niveladora e plantou nabo-forrageiro. Em novembro, a crucífera é dessecada e ele entra com arroz na área. Colhido o cereal, Cabrera entra com o milho, joga calcário e aí planta soja. “O arroz, na verdade, fornece aporte financeiro para o calcareamento do solo”, garante. Antes, o técnico utilizava o “sistema barreirão”, ou seja, entrava com a grade pesada, arado de aivecas, fazia o nivelamento e só depois plantava, mas o custo aumentava em 50%, que só em óleo diesel consumia 100 litros/ha. O agrônomo alerta ainda que é suicídio financeiro os produtores plantarem diretamente a soja em áreas que sempre foram pastagem. A vantagem do sistema é que depois do plantio da soja não é mais necessário repetir o manejo. Cabrera tem a possibilidade de entrar com aveia tanto para colocar os animais para o pastoreio, nos meses de julho e agosto, como para silagem. O ganho de peso diário dos animais colocados nos terrenos de aveia se mantém nos mesmos índices obtidos no verão: cerca de 800g.

O bom resultado do trabalho de integração lavoura-pecuária via parceria é comprovado através dos números apresentados pela Fazenda Lagoa Dourada. Antes, a lotação dos campos era de no máximo um animal/ha; hoje, a pastagem suporta 2,5 animais/ha. “Mais do que sobrevivência, a parceria é a melhor forma de otimizar a produção das grandes pro-

priedades do MS”, defende. Ele planta soja três anos consecutivos e, depois, transforma a área em pastagem por mais quatro anos. Cabrera recomenda que os talhões corrigidos sejam seqüenciados, para evitar o deslocamento dos animais em distâncias muito grandes.

Testes — O sucesso do plantio direto sobre pastagem perene exige, acima de tudo, pasto bem-formado e com palhada distribuída uniformemente sobre o terreno. Desta forma, evitam-se a compactação e também os sulcos de erosão. Ainda não existem pesquisas oficiais que recomendem o PD sobre pastagem. Por isso, tanto técnicos quanto produtores estão testando diferentes formas de manejo. O produtor Ari Basso, da Fazenda Recanto, também de Sidrolândia, por exemplo, adotou um sistema que alterna em um ano lavoura e no outro pastagem. Para ele, essa fórmula tem funcionado muito bem nos 870ha da propriedade. Com isso, o produtor consegue manter um rebanho de

PREVISÃO DE SAFRA MS

Cultura	Prod. 96/97 (mil t)	*Prod. 97/98 (mil t)	%
Soja	2.226	2.352	+6
Algodão	87.9	48	-48
Milho	1.650	1.907	+16,5
Arroz	254.300	236.700	-7
Trigo	50.300	45.600	-10

* previsão Conab

700 animais em 360ha da pastagem com alto valor nutritivo. Numa outra área próxima da Recanto, onde mantém só pecuária, o agricultor está adotando o sistema de parceria com o seu gerente. Basso fornece todo o suporte de maquinário e insumos e o funcionário entra com o trabalho.

Já nas áreas degradadas, o agropecuarista optou por corrigir os níveis de fertilidade do terreno e entrar diretamente com a soja. Hoje, ele pode optar seqüencialmente pela soja, nabo-forrageiro, milho e pastagem. “É preciso criar opções e tentar adequar ao sistema as mais eficientes e com custo relativamente mais baixo, levando em conta a produtividade, lucratividade e os aspectos químicos e físicos de cada método”, diz.



Ake, de Maracaju, tem a fórmula

O agroempresário Ake Bernhard van der Vinne, de Macaraju/MS, é hoje referência internacional quando o tema é integração lavoura-pecuária em terras de cerrado. Ele foi o pioneiro na plantação da soja em cima da pastagem e um dos primeiros a adotar o sistema PD na região de Maracaju. Em 1987, ele encontrou a fórmula ideal para os principais problemas que afetavam a lavoura da soja no verão e a falta de culturas lucrativas no inverno. Os níveis de nematóides e cancro-da-haste foram praticamente eliminados. Hoje, ele só se preocupa com as doenças de final de ciclo, como a podridão-da-raiz. Na pecuária, a falta

de nutrientes das pastagens limitavam sua produtividade também foram solucionadas. Com pastos perenes de alta qualidade, o produtor conseguiu encurtar a idade de abate dos animais de 30 para 22 meses, com uma produção de 15 arrobas/ha/ano. “Na época eu tinha duas atividades, mas administradas de forma paralela. Só que era necessário investir pesado na nitrogação da pastagem. A integração permitiu, por exemplo, que a soja fornecesse o nitrogênio para a pastagem e, conseqüentemente, tivesse do pasto a cobertura necessária para realizar o PD”, explica. Na tabela acima, o demonstrativo sobre a rotação utilizada pelo produtor.

A ATMOSFERA

DA TERRA

É COMPOSTA DE NITROGÊNIO, OXIGÊNIO

E

AGORA

IRIDIUM.



APRESENTAMOS A PRIMEIRA REDE GLOBAL DE TELEFONE PORTÁTIL E PAGER VIA SATÉLITE
DO MUNDO. AGORA O SEU SERVIÇO TELEFÔNICO PESSOAL VAI COBRIR TODO O MUNDO.
LIGUE 0800-558816 WWW.IRIDIUM.COM/BRAZIL

ligando o planeta terra


IRIDIUM

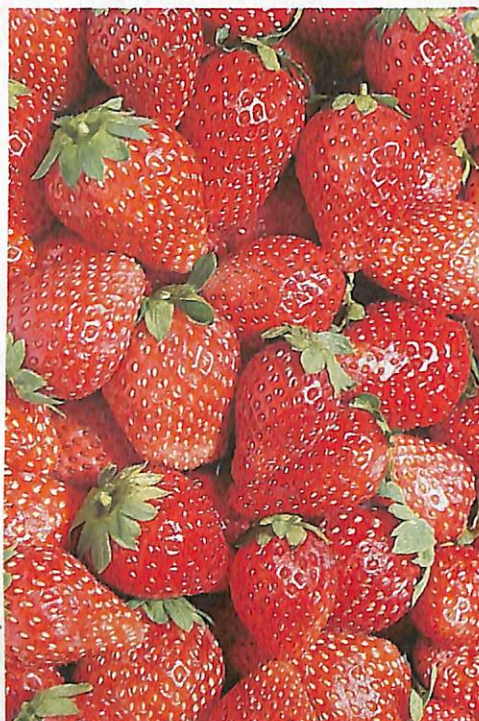
MORANGO & PIMENTÃO

Alerta contra pragas e doenças

Texto: Gilberto Severo / Pesquisa: Priscila Castro

No Brasil, estima-se que o morango (*Fragaria vesca*) e o pimentão (*Capsicum annuum*) sejam cultivados em mais de 14 mil hectares, dos quais 10 mil hectares destinados à solanácea. Os números são aproximados, porque nem o Ministério da Agricultura possui informações precisas. São duas culturas que têm em comum o uso cada vez maior da plasticultura. Além de racionalizar a atividade, o uso do plástico é o responsável pelo aumento da produtividade das plantações e a conseqüente diminuição dos problemas fitossanitários. Na última safra, o desempenho médio da lavoura de pimentão foi de 15t/ha, que tem o estado de São Paulo como principal produtor e, também, mercado consumidor. No morango, a performance ficou em 30t/ha. Neste segmento, São Paulo divide a produção da fruta com o Rio Grande do Sul. Destaque para Atibaia, cidade paulista onde se concentra a principal área plantada.

Apesar de serem cultivos bastante exigentes de um rigoroso controle sanitário, é na hora da colheita que os custos pesam mais: cerca de 30%. Como ainda não existem lavouras mecanizadas, os produtores dependem muito de mão-de-obra para a colheita, o que acaba onerando a produção. Das duas atividades, o morangueiro é o mais trabalhoso. Ele demanda tratamentos especiais, como índices corretos de fertilização do solo, irrigação em intervalos curtos, ausência de ervas daninhas nos canteiros e o efetivo combate a pragas e doenças. Além disso, apesar da fruta se adaptar facilmente a diversos climas, o rendimento é melhor nas regiões com temperaturas mais amenas. É importante destacar que o frio excessivo também limita o desempenho do morango.



Fotos: A Granja



Por tratar-se de uma fruta delicada, o morango é suscetível ao ataque de pragas como pulgões, formigas e ácaros. Estes últimos agredem a planta com mais frequência entre os meses de agosto e novembro. Entre as doenças, destaque para a mancha-da-folha, causada pelo fungo *Mycosphaerella fragariae*. São manchas circulares que, dependendo dos níveis de infestação, acabam necrosando a folha e, posteriormente, a planta. Para o controle mais eficiente da doença, é importante também que o agricultor escolha mudas saudáveis, oriundas de regiões livres do patógeno.

Rotação — O pimentão é uma hortaliça que, tomadas todas as precauções durante o ciclo produtivo, ofe-

rece boa recompensa para o produtor na hora da colheita. Uma adubação bem-executada, por exemplo, possibilita ótimos rendimentos. E para ter uma lavoura saudável é necessário ainda manter os canteiros limpos, livres de ervas invasoras. Com relação às pragas, é comum o ataque de pulgões, tripses e vaquinhas. Atenção redobrada também com doenças como a requeima (*Phytophthora infestans*), a antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*), entre outras. A rotação de culturas tem sido recomendada pelos técnicos para diminuir os índices de fungos do solo desde, é claro, que as outras espécies não sejam da família das solanáceas. O combate químico ainda é o mais utilizado. É importante que o produtor tenha consciência de que o controle deve ser feito mediante o receituário do agrônomo, levando em conta todos os cuidados necessários com a classificação toxicológica de cada produto.

CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA

I	Extremamente tóxicos
II	Altamente tóxicos
III	Medianamente tóxicos
IV	Pouco tóxicos

MORANGO				
HERBICIDAS				
Basf				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Capim-carrapicho, marmelada, papuã, milhã, colchão, pé-de-galinha, beldroega, caruru, falsa-serralha, guanxuma, gorga, nabiça, picão-branco, picão-preto, roseta, tiriricão, trapoeraba	50g/m2
Buckman				
Bunema 330 CS	Metam sodium	II	Caruru, guanxuma, capim-pé-de-galinha, picão-preto, trapoeraba, capim-carrapicho	750 l/ha
INSETICIDAS/ACARICIDAS				
Hokko				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Hokko Cyhexatin 500	Cyhexatin	III	Ácaro-rajado	50g/100 l de água
Meothrin 300	Fenpropatrin	I	Ácaro-rajado	65ml/100 l de água
Naled 860	Naled	II	Pulgões, ácaro-rajado	100ml/100 l de água
Iharabras				
Danimen 300 CE	Fenpropatrin	I	Ácaro-rajado	65ml/ha
Novartis				
Thiovit Sandoz	Enxofre	IV	Ácaro-branco	300g/100 l de água
Vertimec 18 CE	Abamectina	III	Ácaro-rajado	50 a 75ml/100 l de água *Adicione 250ml de óleo mineral ou vegetal. Misture Vertimec 18 CE com o óleo antes de adicioná-los ao tanque de pulverização
Samaritá				
Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Ácaro-branco, ácaro-rajado	500ml/100 l de água
Sipcam				
Tiomet 400 CE	Dimetoato	I	Pulgão-lanígero, mariposa-oriental, pulgões, ácaro-rajado, cochonilha-branca, mosca-das-frutas	120ml/100 l de água
Sulficamp	Enxofre	IV	Ácaro-rajado, ácaro-vermelho	300ml/100 l de água
Uniroyal				
Omite 720 CE DR	Propargite	II	Ácaro-rajado	30ml/100 l de água
FUNGICIDAS				
BASF				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Mela/damping-off	50g/m2
Cobox	Cobre	IV	Mancha-das-folhas	200g/100 l de água
Bayer				
Folicur 200 CE	Tebuconazole	III	Micosferela	75ml/100 l de água
Buckman				
Bunema 330 CS	Metam sodium	II	Tombamento Rizoctoniose	750 l/ha
Du Pont				
Benlate 500	Benomyl	III	Mofo-cinzento, oídio, mancha-das-flores, murcha-de-verticillium, rizoctoniose	60g/100 l de água
Hokko				
Orthocide 500	Captan	III	Mofo-cinzento	240g/100 l de água
Sialex 500	Proclimidone	II	Mofo-cinzento	50 a 100g/100 l de água

Iharabras				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Sumilex 500 PM	Proclimidone	II	Mofo-cinzento	50 a 100g/100 l de água
Cercobin 700 PM	Tiofanato metílico	IV	Mofo-cinzento, mancha-foliar, cretamento-das-folhas, oídio	70g/100 l de água
Cercobin 500 SC	Tiofanato metílico	IV	Mofo-cinzento, mancha-foliar, cretamento-das-folhas, oídio	100ml/100 l de água
Frownicide 500 SC	Fluazinam	II	Mancha-foliar	100ml/100 l de água
Dithiobin 780 PM	Mancozeb + tiofanato metílico	II	Mofo-cinzento, mancha-foliar	250g/100 l de água
Novartis				
Copidrol PM	Hidróxido de cobre	IV	Antracnose, mancha-de-diplocarpon, mancha-foliar	220g/100 l de água
Sanachem				
Fungiscan 700 PM	Tiofanato metílico	IV	Mofo-cinzento, mancha-foliar, cretamento-das-folhas, oídio	70g/100 l de água
Sipcam				
Metiltiofan	Tiofanato metílico	IV	Mancha-de-micosferela, mancha-de-diplocarpon, mofo-cinzento, oídio	90g/100 l de água
Frumizeb	Mancozeb	III	Mancha-de-micosferela, antracnose, mancha-de-diplocarpon	200g/100 l de água
NEMATICIDAS				
BASF				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Nematóides controlados	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Meloidogyne hapla, exigua, javanica, incognita Pratylenchus coffeae, brachyurus	50g/m2
Buckman				
Bunema 330 CS	Metam sodium	II	Meloidogyne incognita Pratylenchus brachyurus	750 l/ha
PIMENTÃO				
HERBICIDAS				
BASF				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Capim-carrapicho, marmelada, papuã, milhã, colchão, pé-de-galinha, beldroega, caruru, falsa-serralha, guanxuma, gorga, nabiça, picão-branco, picão-preto, roseta, tiriricão, trapoeraba	50g/m2
Nortox				
Trifluralina Nortox	Trifluralina	II	Beldroega, capim-arroz, milhã, capim-carrapicho, capim-mimoso, capim-marmelada, capim-pé-de-galinha, capim-cevadilha, capim-massambará, capim-oferecido, capim-rabo-de-gato, capim-de-tapete, caruru, erva-de-bicho, erva-de-queimada, erva-de-santa-maria, grama-azul-anual, painço, alfinete-da-terra, poala, salsola, sorgo, urtiga	Solo arenoso: 1,2 l/ha Solo areno-argiloso: 1,8 l/ha Solo argiloso: 2,4 l/ha
INSETICIDAS/ACARICIDAS				
AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Decis 25 CE	Deltametrin	III	Broca-pequena, minador-de-folhas, traça-da-batata Percevejo-rendado, vaquinha-verde, vaquinha-das-solanáceas, besouro Lagarta-rosca	40ml/100 l de água 30ml/100 l de água 50ml/100 l de água

Agripec				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Folisuper 600 BR	Paration metílico	I	Pulgão, tripses	70ml/100 l de água
Stron	Metamidofós	I	Vaquinhas, lagarta	100ml/100 l de água
Agriatoato 400	Dimetoato	I	Pulgão-verde, vaquinha-verde, vaquinha-das-solanáceas	100ml/100 l de água
Bayer				
Confidor 700 GRDA	Imidacloprid	IV	Pulgão-verde, ácaro-vermelho, ácaro-rajado	75ml/100 l de água
Hokko				
Tedion 80	Tetradifon	III	Tripos, pulgão, mosca-branca	200 a 300g/ha
Hamidop 600	Metamidofós	I	Ácaro-vermelho, ácaro-rajado, ácaro-branco	300ml/100 l de água
Naled 860	Naled	II	Pulgão-verde, vaquinha-verde, vaquinha-das-solanáceas	100ml/100 l de água
Orthene 750 BR	Acefato	IV	Pulgões, vaquinhas	100ml/100 l de água
Iharabras				
Sumithion 500 CE	Fenitroton	II	Pulgão-verde, lagarta-militar	100g/100 l de água
Novartis				
Thiovit Sandoz	Enxofre	IV	Tripos, pulgão-verde, lagarta, vaquinha-das-solanáceas, vaquinha-verde	150ml/100 l de água
Vertimec 18 CE	Abamectina	III	Ácaro-branco, ácaro-vermelho	200g/100 l de água
Sipcam				
Tiomet 400 CE	Dimetoato	I	Ácaro-rajado, ácaro-branco	50 a 100ml/100 l de água *Adicione 250ml de óleo mineral ou vegetal. Misture Vertimec 18 CE com o óleo antes de adicioná-los ao tanque de pulverização
Sulficamp	Enxofre	IV	Pulgão-da-cenoura, pulgão, tripses, vaquinhas, percevejos, broca-pequena-dos-frutos, broca-grande-dos-frutos, ácaro-rajado	120ml/100 l de água
Cefanol	Acefato	III	Ácaro-branco, ácaro-vermelho	400g/100 l de água
FUNGICIDAS				
Agripec				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Agrinose	Oxicloreto de cobre	IV	Mancha-bacteriana, podridão-do-fruto, requeima-do-pimentão, antracnose, ferrugem-do-pimentão, podridão-seca, mildio, mancha-das-folhas, podridão-do-algodão	350g/100 l de água
BASF				
Basamid	Dazomet	III	Mela/damping-off	50g/m ²
Cobox	Cobre	IV	Requeima, pinta-preta, mancha-das-folhas, antracnose	250g/100 l de água
Bayer				
Persist SC	Mancozeb	III	Requeima, antracnose, ferrugem, mancha-de-estenfilio	540ml/100 l de água

Du Pont				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Manzate 800	Mancozeb	III	Requeima, ferrugem, cercosporiose, mancha-de-estenfilio	3,0kg/ha
Giulini				
Funguran 350 PM	Oxicloreto de cobre	IV	Mildio, mancha-das-folhas, podridão-do-fruto, antracnose	250g/100 l de água
Funguran 500 PM	Oxicloreto de cobre	IV	Mildio, mancha-das-folhas, podridão-do-fruto, antracnose	220g/100 l de água
Garant	Hidróxido de cobre	IV	Antracnose, mancha-bacteriana, requeima	250g/100 l de água
Hokko				
Hokko Cupra 500	Oxicloreto de cobre	IV	Mancha-bacteriana, requeima, antracnose, ferrugem	Sementeira: 200g/100 l de água Campo: 250g/100 l de água
Dacostar 500	Clorotalonil	I	Mancha-de-estenfilio, podridão-de-ascoquita, requeima	400ml/100 l de água
Dacostar 750	Clorotalonil	II	Requeima, pinta-preta, estenfilio, podridão-de-ascoquita, antracnose	200g/100 l de água
Iharabras				
Daconil BR	Clorotalonil	II	Podridão-de-ascoquita, mancha-de-estenfilio, requeima, antracnose	200g/100 l de água
Daconil 500 SDS	Clorotalonil	I	Mancha-de-estenfilio, podridão-de-ascoquita	300ml/100 l de água
Dacobre PM	Clorotalonil + oxicloreto de cobre	II	Mancha-de-estenfilio, requeima-do-pimentão	350g/100 l de água
Rohm and Haas				
Dithane PM	Mancozeb	III	Requeima, antracnose, ferrugem, cercosporiose, mancha-de-estenfilio	300g/100 l de água
Persist SC	Mancozeb	III	Requeima, antracnose, ferrugem, cercosporiose, mancha-de-estenfilio	540ml/100 l de água
Sipcam				
Isatalonil	Clorotalonil	II	Podridão-de-ascoquita, requeima, mancha-de-estenfilio	200ml/100 l de água
Frumizeb	Mancozeb	III	Mildio ou requeima, pinta-preta ou queima, antracnose, mancha-de-estenfilio, ferrugem-do-pimentão, cercosporiose-do-pimentão, septoriose-do-tomateiro, cladosporiose	200g/100 l de água
Zeneca				
Vanox 500 SC	Clorotalonil	I	Pinta-preta, mancha-de-ascoquita, antracnose, requeima, mancha-de-estenfilio	400ml/100 l de água
Vanox 750 PM	Clorotalonil	II	Pinta-preta, mancha-de-ascoquita, antracnose, requeima, mancha-de-estenfilio	200g/100 l de água
Bravonil 500	Clorotalonil	III	Mancha-de-ascoquita, mancha-de-estenfilio	400ml/100 l de água
Bravonil 750 PM	Clorotalonil	II	Antracnose	200g/100 l de água
NEMATICIDAS				
BASF				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Nematóides controlados	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Meloidogyne hapla, exigua, javanica, incognita, Pratylenchus coffeae, brachyurus	50g/m ²

Obs.: Rhodia Agro não enviou as informações.



Em agosto: todos os defensivos agrícolas utilizados no cultivo de feijão. Aguarde



ERVAS INVASORAS IV

Texto e fotos adaptados de "Plantas Infestantes e Nocivas", Tomo II, de Kurt G. Kissmann, edição BASF

A serralha está em todo o lugar

Alfafe, algodão, arroz, café, cana-de-açúcar, citros, fumo, milho, pastagens, soja, trigo... Praticamente nenhuma cultura de valor econômico escapa do "vampirismo" da serralha, conhecida nos meios científicos pelo pomposo nome de *Sonchus oleraceus* L. No entanto, a maior prejudicada é a horticultura, pois esta invasora — além de competir por água e nutrientes — pode abrigar nematóides e inocular viroses em cultivos de alface, beterraba e pepino, só pra citar os mais expressivos.

A literatura especializada menciona que a planta — também conhecida no Brasil como serralheira e chicória-brava — seja originária do sul da Europa e do norte da África, o que gera muitas discussões, pois ela é encontrada em quase todo o mundo. Entre nós, dependendo das condições ambientais, pode ser uma espécie anual ou bianual. Na parte meridional do País, é anual, com um ciclo de 100 a 120 dias, preferindo solos trabalhados e úmidos. Em São Paulo e estados centrais, ocorre de setembro a março, provavelmente por ser um período mais chuvoso.

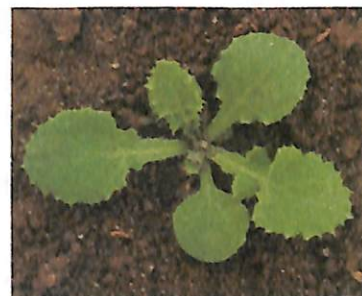
É uma planta herbácea, ereta, pouco ramificada, reproduzida por sementes e que atinge de 20 a 120cm de altura, também conforme as condições ambientais. O caule é algo carnoso, latescente, com entrenós fistulosos, cilíndrico angulado,



Sonchus oleraceus



Aquênios com papilho



Plântula

ramificado na parte superior, com superfície lisa de coloração verde-azulada ou verde-avermelhada. A raiz principal pivotante é grossa, e as secundárias fibrosas.

A arquitetura das folhas é simples, embora se apresente irregular. Na parte baixa das plantas, as folhas, geralmente, mostram a base com limbo contraído, limitado a estreitas alas de cada lado da nervura, formando um longo pecíolo alado. Depois, formam-se alguns lobos laterais e um lobo apical, maior. Gradualmente, subindo pelas plantas, as folhas perdem o aspecto peciolado, e suas bases vão envolvendo parcialmente o cau-

le, em forma auriculada. As folhas superiores, muitas vezes, não apresentam lobos laterais. Uma característica da espécie é que as bases auriculadas de folhas semiauriculadas terminam em projeções agudas, nunca arredondadas. Toda a margem das folhas apresenta pequenos dentes pontiagudos, moles. A superfície é glabra, lisa e lustrosa, de cor verde-escura. Nervura central de cor branca na face ventral das folhas. Os capítulos florais têm de 2 a 3cm de diâmetro, com involúcro formado por diversos filamentos lanceolados, verdes. A flor, propriamente dita, é de um amarelo intenso.

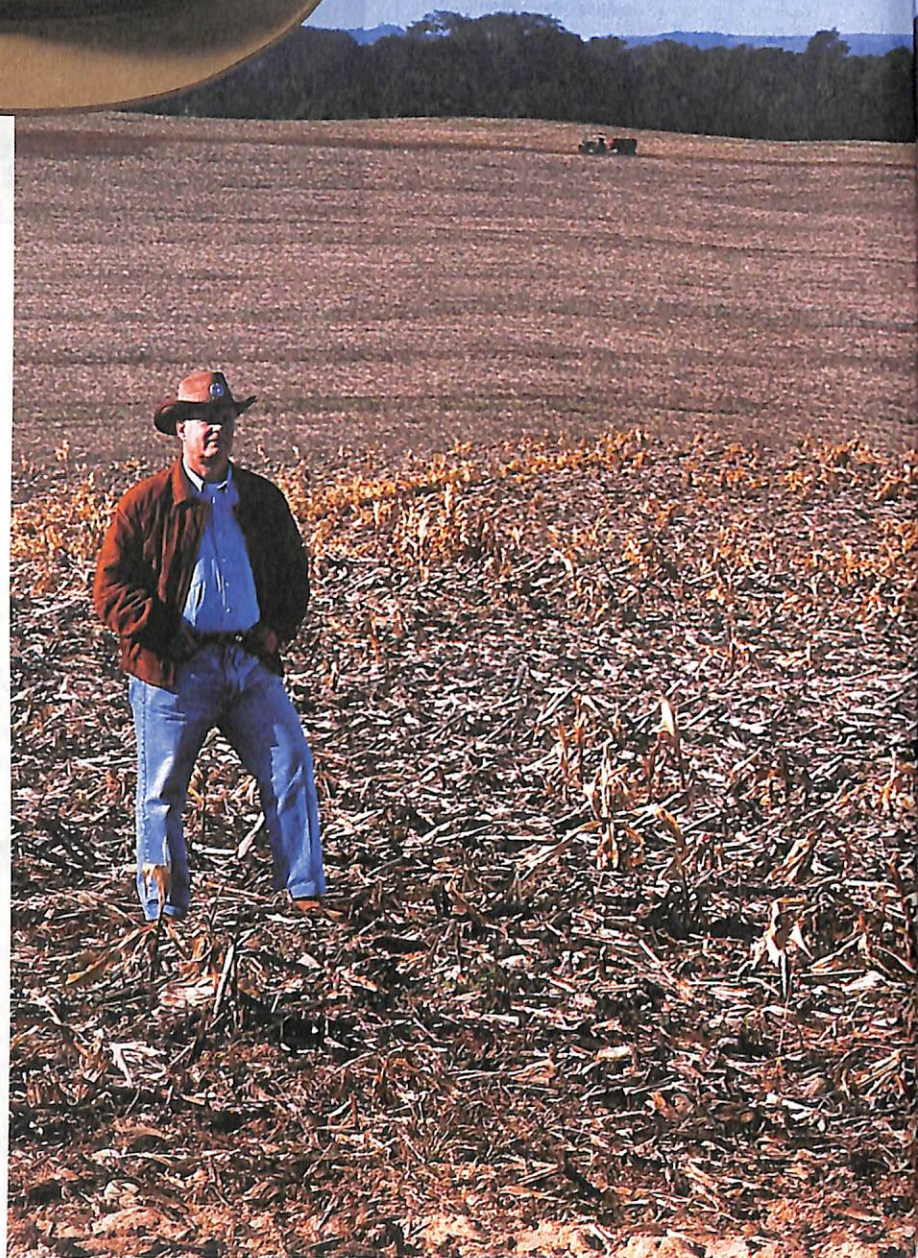
O potencial de infestação da invasora é excepcional: uma única planta pode produzir até 100.000 sementes, cuja germinação se dá na superfície do solo ou a pequena profundidade, até 2cm. Estas, também conhecidas como aquênios, são providas de papilhos, que lhes permitem a flutuação no ar. Por via aérea, é claro, se espalham pelos mais variados locais.

O combate racional desta invasora se dá por meio da aplicação de herbicidas. Para as culturas citadas no início do artigo, os princípios ativos mais importantes encontrados no mercado são: fluazifop-butil, pendimetalin, 2,4-D, MSMA, ametrina + simazina, glifosato + 2,4-D, sulfentrazone, dicamba, ametrina, atrazina, diuron, atrazina + metolaclo, glifosato e linuron. Importante: toda e qualquer orientação sobre o combate químico de invasoras deve passar pelo engenheiro agrônomo, único profissional capacitado legalmente a emitir o receituário agrônômico. 

O lado útil da planta

Como acontece na vida, a serralha também tem seu lado "bom". As folhas e raízes são comestíveis, tanto que é comum o seu consumo em algumas regiões da África. Investigando um pouco, fica-se sabendo que o historiador Plínio já fazia menção do uso desta planta pelos cidadãos de Roma, na forma de salada. Ele a recomendava por suas propriedades nutritivas e, mal sabia à época, que também é rica em vitamina C e sais minerais. Caprinos e bovinos apreciam suas folhas, e ainda hoje se diz que sua ingestão aumenta a produção de leite.

**A New Holland
revolucionar
Dito e feito.**



A New Holland acreditou, investiu pesado e se preparou para atender a todas as exigências da agricultura brasileira. O resultado está aí. A New Holland construiu no Brasil uma das mais modernas fábricas do mundo onde produz a mais completa e revolucionária linha de tratores do País. Agora, você pode

Faça como o mundo inteiro.



garantia que ia os tratores do Brasil.



escolher entre dezenas de modelos e versões de 52 a 240 HP o trator perfeito para cada necessidade da sua fazenda. É trator para tudo quanto é serviço. Se você procura inovação, robustez e produtividade, daqui pra frente seu trator vai ser New Holland. Mas este líder mundial não pára por aqui.

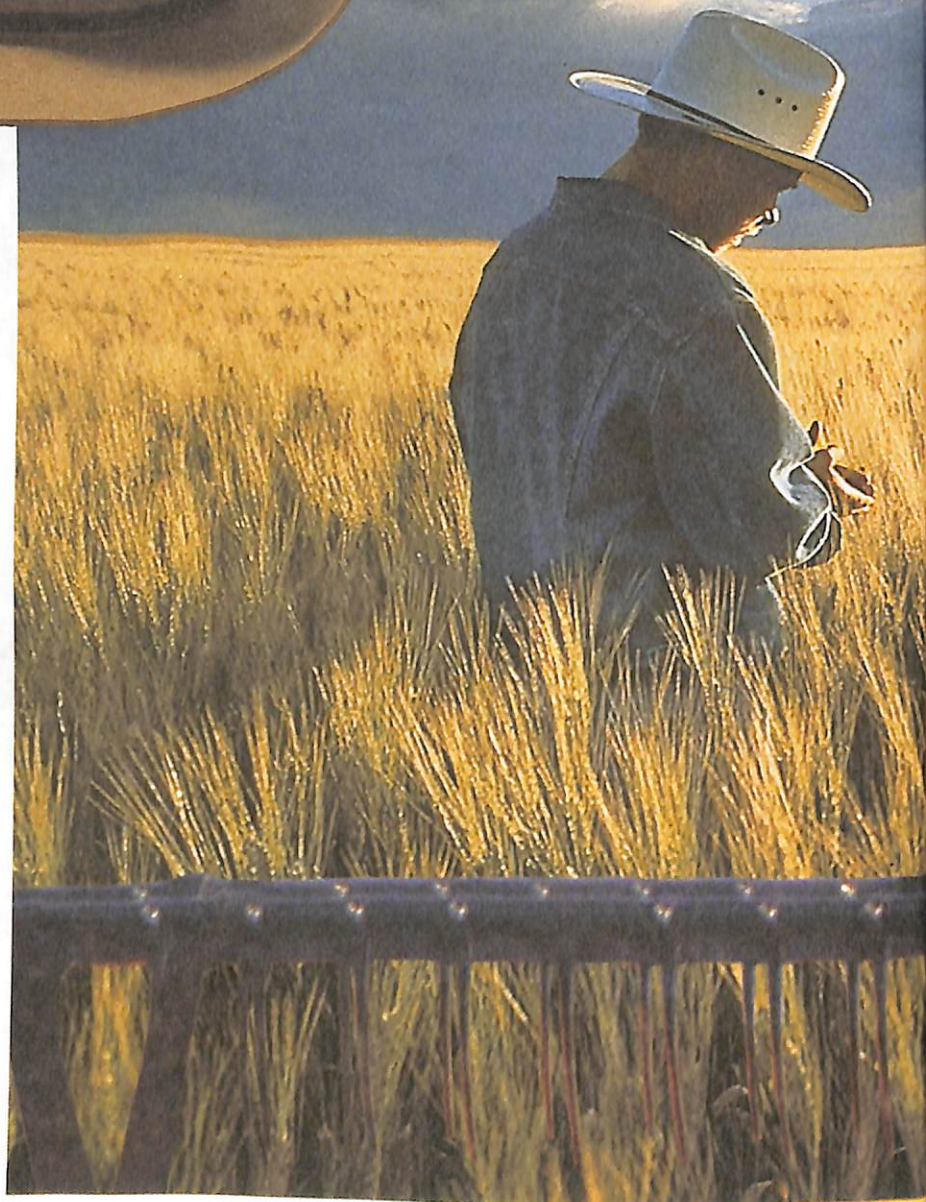
Conte com a New Holland.



NEW HOLLAND

Agora, a revolução

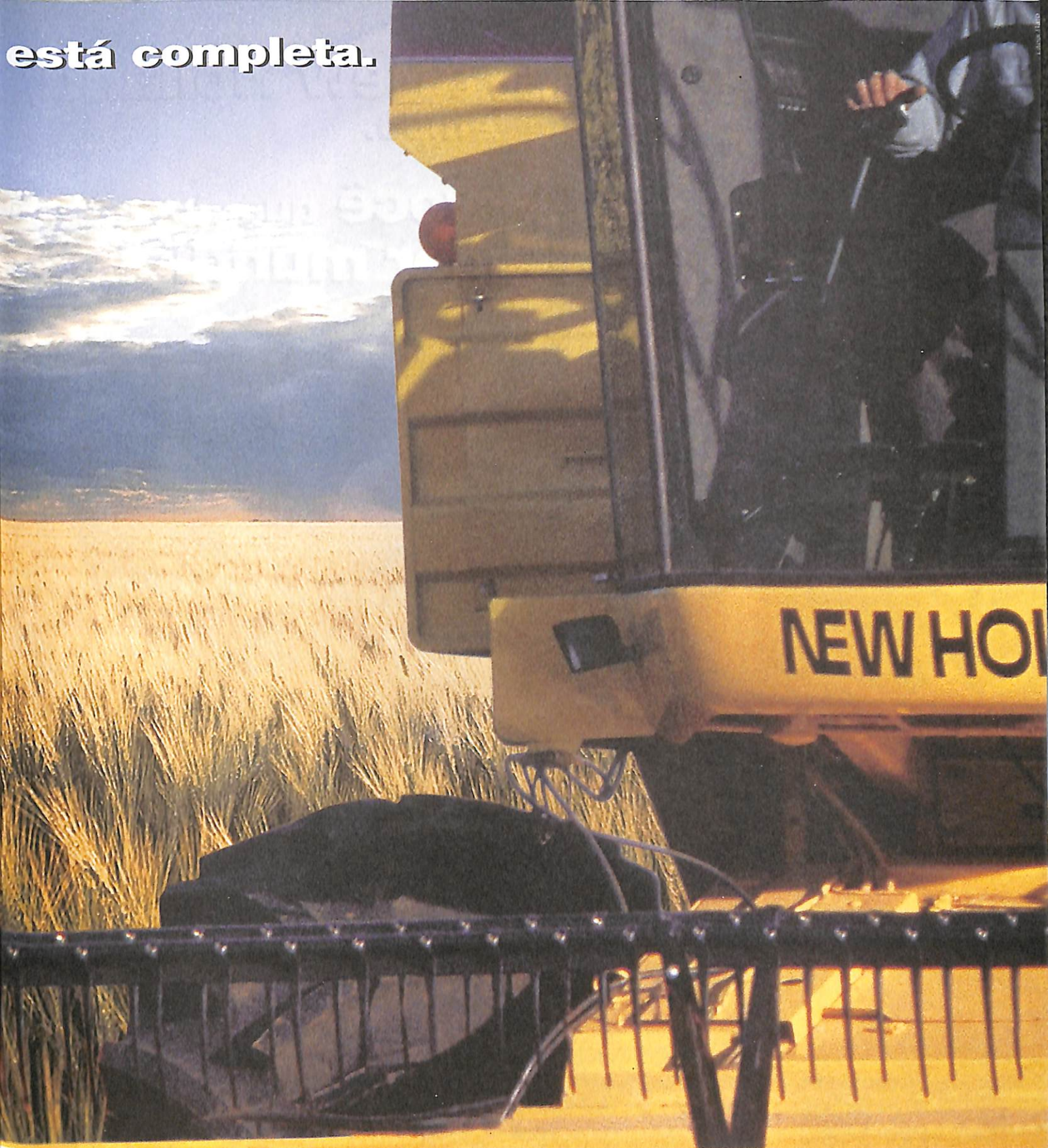
**Dito e feito.
Palavra do
líder
mundial.**



Nenhum outro fabricante está realizando um programa de lançamentos de máquinas tão amplo e arrojado como a New Holland. E a prova já está em todos os campos do Brasil: a mais completa, avançada e produtiva linha de máquinas para a agropecuária, para você trabalhar, do preparo do solo à colheita, com o melhor

Faça como o mundo inteiro.

está completa.



da tecnologia mundial. E com mais uma grande vantagem: máquinas projetadas e produzidas por quem conhece cada palmo de terra deste País.

Pense em sua produtividade e em seu futuro. A agricultura de hoje exige um parceiro como a New Holland.

Conte com a New Holland.



NEW HOLLAND

**Se você ainda não é New Holland,
é só uma questão de tempo.**

**Ninguém faz tanto por VOCÊ quanto este
líder mundial.**



Pense na tranquilidade de trabalhar com uma empresa com 18 fábricas, 13 centros de pesquisa, 05 "joint-ventures", que produz mais de 20 por cento dos tratores do planeta e está presente em mais de 180 países. Pense na segurança de trabalhar com um fabricante com uma moderna estrutura industrial no País e suporte tecnológico e de serviços para garantir uma parceria sólida e duradoura com os seus clientes.

**Nossos 120 concessionários aguardam sua
visita num dos 150 pontos de venda em todo o Brasil.
Bem-vindo ao mundo New Holland.**



NEW HOLLAND



A *Baccharis coridifolia*, também conhecida como mio-mio, vas-sourinha ou alecrim, é uma planta perene, arbustiva, ereta, medindo de 50 a 80cm de altura, reproduzida por sementes. As flores são pequenos capítulos brancos em panículas terminais. As folhas são numerosas, lineares, de ápice agudo. A brotação ocorre na primavera, e a floração no outono. Ocorre em campo nativo, onde o solo é pobre e ácido. Prefere clima temperado, resistindo bem a geadas. A planta pode ser encontrada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. No RS, o mio-mio vegeta principalmente na região da Fronteira. A intoxicação atinge principalmente bovinos e ovinos, mas ocasionalmente verifica-se, também, morte de eqüinos e suínos.

Condições de ingestão — A intoxicação ocorre por desconhecimento da planta pelos animais, geralmente quando criados em zonas livres de mio-mio são transportados e imediatamente soltos em áreas infestadas. O risco da intoxicação aumenta consideravelmente se, durante o transporte, os bovinos passarem fome, sede, estrés ou forem submetidos a marchas longas. Por outro lado, animais criados em pasto onde existe mio-mio raramente, ou nunca, se intoxicam. Excepcionalmente, a intoxicação pode ocorrer em animais lactentes (principalmente ovinos), quando começam a pastar. O mio-mio é mais tóxico na floração (outono), mas a intoxicação pode ocorrer durante todo o ano, caso existam as condições citadas anteriormente.

Sinais clínicos e lesões — O curso da doença é agudo. Os animais apresentam perda do apetite, timpanismo leve, andar cambaleante, tremores musculares, focinho seco, rúmen com murmúrio contínuo, fezes ressequidas, sede, gemidos, taquicardia e inquietação. Esses sintomas aparecem algumas horas após a ingestão, e a morte ocorre entre 24 e 72 horas. Nos casos não-fatais, os sintomas clínicos são semelhantes mas, geralmente, há o aparecimento de diarreia, fato que parece ser um sinal de bom prognóstico, pois os ani-

mais se recuperam em até duas semanas. As lesões localizam-se, principalmente, no sistema digestivo, no trato gastrintestinal. Há avermelhamento e erosões nas mucosas do rúmen e retículo. Pode haver hemorragias no intestino e no coração. Essas lesões, histologicamente, consistem em degeneração, necrose e desprendimento do epitélio do rúmen e do retículo.

Mesmo com pequena intensidade, a infestação causa grandes prejuízos

Diagnóstico — É firmado baseando-se nos sinais clínicos e, principalmente, nos dados epidemiológicos. É indispensável que seja feita uma investigação no local, com levantamento de históricos, para estabelecer a origem dos animais e as condições em que foram soltos no campo. Como geralmente, nesses casos, existem vários animais mortos, o diagnóstico pode ser complementado, realizando-se as necropsias e exames histológicos à procura das lesões compatíveis com a intoxicação.

Tratamento e prevenção — Não há tratamento eficaz para intoxicação, porém, vários são utilizados por técnicos e fazendeiros. São empregados purgantes oleosos, extratos hepáticos, glicose e cal apagada e carvão em partes iguais (como protetor de mucosas).

Mio-mio pode ser fatal

Maria del Carmen Méndez e Franklin Riet-Correa
Faculdade de Veterinária da UFPel
Pelotas/RS

A administração deste último tratamento parece dar bons resultados, segundo informações de alguns fazendeiros. Existem vários métodos profiláticos ou de prevenção recomendados. Há o método da defumação, no qual o animal aspira a fumaça da planta queimada, ou o de esfregá-la no focinho e gengivas. Eles são utilizados para fazer com que o animal conheça e, posteriormente, não ingira o mio-mio. Outro método consiste em introduzir os animais nos campos com a planta, em forma gradativa, deixando os bovinos ingerir pequenas quantidades no primeiro dia e aumentando gradativamente o tempo de permanência no campo infestado, até que, em alguns dias, estes não tentem mais pastar a *Baccharis*. Esta última opção requer que o proprietário possua poteiros livres do mio-mio. 



Kurt G. Kissmann

Plante que a indústria garante



Fotos: Emerson Cervi

Reunidos sob a forma de condomínios, produtores de Castro/PR, como Cláudio Kobauashy (acima), investem nos contratos de garantia de venda para a indústria

Emerson Urizzi Cervi

Em tempos de globalização, o maior sonho de muitos agricultores tem sido encontrar mercados estáveis para a comercialização de suas produções. Para um grupo de bataticultores do município de Castro/PR, isso virou realidade. Além de conseguirem fixar o preço de venda de seus produtos até seis meses antes do plantio das lavouras, os bataticultores ainda têm o benefício de contar com uma margem de rendimento de pelo menos 30% acima do custo final. Isso tudo porque estes agricultores são

contratados da Elma-Chips, que garante a compra de toda a produção. Os preços pagos pela empresa variam de R\$ 20,00 a 24,00 a saca de 50 quilos de batata, que têm um custo médio ao produtor de R\$ 15,00. Em anos com excesso de batata no mercado, a saca de 50 quilos chega a ser vendida pelo produtor da região por até R\$ 5,00 no mercado livre.

Mas nem tudo é vantagem. Já teve anos com quebra de produção, onde a procura foi maior que a oferta. A saca de batata chegou a ser vendida pelos produ-

tores por até R\$ 40,00, e os contratados pela fabricante de batatas-fritas continuaram recebendo seus R\$ 20,00 ou R\$ 24,00, dependendo da época de colheita, como estava definido previamente no contrato. Só que eles dizem estar satisfeitos com o sistema de produção. O que importa é a regularidade dos preços e a tranquilidade em saber que, antes do plantio, a colheita já está com comercialização garantida.

A Elma-Chips mantém este tipo de parceria com bataticultores nos estados do

Produção de batata-semente é novo mercado

Quando os preços da batata começaram a se estabilizar, no início desta década, agricultores cooperados à Cooperativa Castrolanda, de Castro, resolveram voltar à atividade que já havia sido bastante tradicional na região. Nessa época, produtores e técnicos da Cooperativa perceberam que um dos maiores limitantes dos níveis de rentabilidade era a baixa qualidade das sementes, que não permitiam a elevação dos índices de produtividade. Foi então que a Cooperativa decidiu abrir uma unidade de beneficiamento de batata-semente, que começou a funcionar em 1994. A princípio, esta unidade atenderia apenas a demanda dos cooperados, mas depois passou a ser fornecedora para não-cooperados. Atualmente, das 80 mil caixas de batata-semente beneficiadas pela Castrolanda, 50% é vendida para não-cooperados. A média anual de cultivo de batata pelo associados da Castrolanda está em torno de 500 hectares. O gerente da unidade de beneficiamento, Maximiano Viotto Ferraz, explica que o controle de produção e certificação da batata-semente beneficiada pela Castrolanda é um dos principais atrativos para o produto. "Antes, os agricultores tentavam fazer a batata-semente na propriedade, mas, como nem todos seguem as exigências técnicas, acabavam tendo resultados abaixo do esperado. Por isso, muitos preferem terceirizar esta etapa da produção", explica Maximiano. Além disso, a produção de batata-semente para venda é uma atividade de alto risco. Além de exigir

um acompanhamento técnico intensivo, o produto precisa ser escoado com rapidez após a colheita, para não perder suas características ideais.

Em 1994, a Castrolanda firmou um convênio com a Agrico, uma das maiores produtoras de batata-semente da Holanda, se tornando um dos representantes da empresa no Brasil. Além da Castrolanda, a Agrico tem apenas mais um representante no País, em São Paulo. As sementes básicas importadas daquele país passam por pelo menos cinco gerações até serem registradas no Brasil, o que demonstra um intenso controle de qualidade. Além do Paraná, a Castrolanda vende batata-semente para São Paulo e Minas Gerais.

Outra diferença está no preço. Enquanto um quilo de batata-semente custa cerca de R\$ 0,80 para o produtor, ele consegue vender o quilo da batata para consumo por R\$ 0,24. Só que ao plantar 80 caixas de 30 quilos de batata-semente por hectare a produção pode alcançar as 30 toneladas de batata para consumo, dando a relação de uma caixa de batata-semente para cada 12 caixas produzidas de batata para consumo.

Meta — A meta da unidade de beneficiamento de batata-semente da Castrolanda é chegar à comercialização de 100 mil caixas por ano, que é sua capacidade máxima. Para isso, ela conta hoje com oito produtores de batata-semente certificada. O pré-requisito para ser um produtor de batata-semente na Castrolanda é ter se dedicado à cultura por pelo menos três anos com bons índices de produtividade e demonstrar que é um agricul-

tor tecnificado. Técnicos da unidade de beneficiamento fazem visitas semanais às áreas cultivadas com sementes básicas, além de acompanhar todo o processo de colheita. As sementes importadas são plantadas entre os meses de dezembro e janeiro e colhidas entre maio e junho. A época de plantio da batata-semente começa em julho e sua colheita ocorre entre dezembro e fevereiro.

A unidade de beneficiamento da Castrolanda, projetado na Holanda, tem capacidade para armazenamento de até 600 toneladas por seis meses em duas câmaras frias. A temperatura das câmaras frias deve ficar entre três e quatro graus centígrados positivos. O controle é feito por um sistema computadorizado que conta com sensores instalados dentro das caixas de batata-semente.

Quando chega à unidade, as batatas passam por um período de descanso para a "cicatrização" de suas peles. O controle e monitoramento de pulgões na unidade é feito constantemente, pois são estes insetos que transmitem as viroses para as sementes. A principal doença causada por virose em batata-semente é o Fusarium. Depois, elas são beneficiadas, quando acontece a retirada das batatas-mães, terra e raízes, vindo a seguir a fase de classificação por tamanho. Posteriormente, seguem para a câmara fria em caixas de uma tonelada, de onde só saem para serem comercializadas. O prazo médio para o beneficiamento da semente é de 45 dias.



Av. Corifeu de Azevedo Marques, 409
Centro - CEP 86800-230
TEL/FAX: (043) 423-2727
Apucarana - Paraná



SP ☎ (011) 885-1605
RJ ☎ (021) 9975-7339

Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo. A maior parte da área contratada pela empresa no Paraná fica em Castro, devido às condições climáticas e de altitude do município, ideais para o cultivo deste tubérculo. Aliás, durante as décadas de 70 e 80, Castro se transformou num grande produtor e exportador de batatas para outros estados brasileiros. A região foi um grande centro da bataticultura durante quase 20 anos, quando a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) garantia bons preços e assistência técnica especializada. Com o encerramento das atividades da Cotia na região, em meados da década de 80, os bataticultores perderam a assistência especializada e ficaram à mercê das oscilações do mercado, o que causou uma decadência da atividade.

Em 1993, com os contratos de garantia de venda para a Elma-Chips, a atividade voltou a crescer. Hoje, só em Castro, são cultivados pelos menos 800 hectares com a cultura todos os anos para aquele fabricante de batatas fritas. Além destes, existem ainda os produtores independentes, que substituem parte de suas áreas de produção de cereais por hortifrúti, que dão maior renda por unidade cultivada. Como os preços do mercado livre da batata estão estabilizados acima dos custos de produção, esta tem sido uma boa alternativa para diversificar a produção agrícola. E a tendência é que esta atividade se torne ainda mais rentável, já que outras multinacionais estão entrando no mercado de batatas fritas, como Parmalat e Arisco. A expectativa é de que a concorrência faça com que os preços pagos ao produtor neste sistema de comercialização aumentem.

Outro segmento que ganhou força em Castro foi o da produção de batata-semente. Como o próprio nome diz, esta batata é colhida especificamente para ser vendida aos produtores, que irão plantá-la e daí conseguir a batata para consumo humano. Os grandes produtores contratados pela Elma-Chips produzem suas próprias sementes, sem depender de terceiros. Já os médios e pequenos, que dão prioridade à utilização da batata-semente em suas lavouras pelos ganhos de produtividade que

elas representam, precisam comprar de terceiros. Grande parte deles já abandonou o costume de guardar parte da produção anterior para semear no ano seguinte. A Cooperativa Agropecuária de Castrolanda, em Castro, inaugurou em 1994 uma unidade de beneficiamento de batata-semente e hoje é fornecedora para bataticultores cooperados e não-cooperados. As matrizes de suas sementes são importadas da Holanda.

Condomínio de produtores — Como as áreas cultivadas com batata nas propriedades normalmente não são muito extensas, uma compradora como a Elma-Chips precisa adquirir o produto de muitos agricultores. Para evitar o excesso de burocracia, que daria contratar 800 hectares por ano com a média de 40 hectares por propriedade, os bataticultores são agrupados em condomínios. Assim, uma espécie de síndico faz os contratos e se responsabiliza pela entrega da produção de vários outros condôminos.

Um grupo de seis jovens produtores resolveu modificar um pouco este sistema. Ao invés do condomínio reuni-los apenas para efeito de contratação, eles dividiram as funções e todas as etapas de produção. As áreas são plantadas em conjunto e cada membro se responsabiliza por um setor da produção, desde a assistência técnica até a contabilidade. Um dos integrantes do condomínio Massuda, o engenheiro agrônomo Cláudio Fumio Kobauashy, responsável pelo acompanhamento técnico das lavouras, explica que este sistema reduz os custos operacionais, aumentando a margem de lucro. “Estamos trabalhando neste sistema há três anos e, como os resultados têm sido muitos bons, pretendemos até 1999 ampliar a abrangência do condomínio para outras culturas”, explica. Além de Cláudio Kobauashy e Marcos Koitti Kato, o condomínio Massuda é formado por Sutomu Massuda, Fábio Maeda e Enzo Shikasho, Rosário Osaka e Roberto Koike, Osmar Okubo e André Okubo. Todos têm ligações com a agricultura, mas o fato de terem entre 30 e 40 anos de idade é citado por Cláudio como o mais importante para que sempre haja consenso na tomada de decisões do grupo.

A programação que o condomínio recebe anualmente da Elma-Chips é para plantar, em média, 250 hectares de batata. Este total é ampliado para cerca de 280, se forem consideradas as áreas de batata-semente. Todas as áreas cultivadas por eles são arrendadas. Apesar de todos possuírem seus sítios, o condomínio não é proprietário de terras. “Mesmo quando plantamos batata em áreas de integrantes do grupo, o condomínio paga a eles pelo arrendamento da terra”, afirma o agrônomo. A principal vantagem é a rotação anual de áreas sem a necessidade de investimentos na compra de novas propriedades. Não é recomendado que a batata seja cultivada por mais do que três anos na mesma área, para evitar a incidência de doenças que comprometam a produtividade da lavoura. A principal doença, atualmente, é a requeima, causada pelo fungo *Phytophthora infestans*. Ela ataca as folhas e pode causar perdas de até 50% na produtividade. Seu controle é feito através da aplicação de fungicidas e com a rotação de áreas de cultivo. Pelo sistema de arrendamento fica mais fácil fazer esta rotação de terrenos e só retornar numa área com batata depois de cinco anos.

Com estes cuidados de controle sanitários, acompanhamento técnico e nível tecnológico elevado, o condomínio consegue produzir, em média, 450 sacas de batatas por hectare no plantio entre setembro e outubro e um pouco menos quando a semeadura ocorre em novembro e dezembro. Esta diferença de produção deve-se ao clima. A batata não é adaptada aos meses de maior calor do ano. Se não utilizassem batata-semente de boa qualidade, técnicas como irrigação das lavouras, a produtividade poderia cair pela metade. O custo médio de produção no condomínio Massuda, mesmo tendo que pagar o equivalente a 20 sacas de soja pelo arrendamento do hectare, fica em torno de R\$ 15,00 a saca. Isso representa uma margem média de rendimento de 32%. Mas o objetivo é reduzir ainda mais os custos. Outra vantagem do contrato de pré-venda é o prazo de pagamento. “Sempre recebemos 10 dias depois da entrega do produto e sem nenhum atraso”, conta o produtor. Quem

PLANTADEIRA DE ARRASTO SEED-MAX

- Plantio direto, planta soja, milho e feijão.
- Disco de corte e sulcador desencontrados.
- Distribuição de adubo através de roseta autolimpante.
- Distribuição de semente através de disco alveolado.
- Sistema de sulcagem com opção pula-pedra ou sulcador fixo.
- Disponível nos modelos de 5 e 7 linhas para soja.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES CONSULTE-NOS



Telefax: (054) 330-2300
Carazinho - RS



30 ANOS AO LADO DO AGRICULTOR

Substitua o picador
pelo novo
**ESPALHADOR
DUPLO**
de palha
BANDEIRANTE



BANDEIRANTE
SOL. E COM. DE MÁQUINAS LTDA.

Av. Brasil Leste, 2222
Fone: (054) 313.2844 e 313.2493
Fax: (054) 313.3948 - Passo Fundo - RS

produz batata para vender no mercado aberto fica sujeito aos calotes dos atravessadores. Mesmo quando o pagamento existe, ele normalmente é feito 45 dias após a entrega do produto.

Como é difícil diminuir os preços de produtos e serviços, como arrendamento, Cláudio Kobauashy diz que eles estão trabalhando para abaixar os custos de processamento e lavagem da batata, depois da colheita, que começa em junho e segue até agosto. Em julho, começa o plantio antecipado das novas áreas. Isso porque o condomínio Massuda arrenda terras em regiões mais quentes do que Castro, conseguindo se antecipar ao final do inverno. Quando o clima fica quente nesta região, é feito o plantio em terras no próprio município. "Assim nós conseguimos trabalhar com o plantio e colheita da batata melhor distribuídos."

O agrônomo indica a utilização desta forma de associativismo por ser dinâmica, necessitar de menores investimentos e com resultados em menos tempo. O condomínio Massuda possui todos os implementos e adquire os insumos necessários para o cultivo da batata. Além de conseguir negociar preços na compra de insumos devido ao maior volume, também existe a maximização do uso de equipamentos. Se não fizessem a parceria em todas as etapas de produção, cada membro do condomínio teria que possuir seus próprios equipamentos, desde adubadeiras, plantadeiras, pulverizadores e outros que seriam subaproveitados durante o ano.

"O caro, na agricultura, é a estrutura para produção; quando esta estrutura é dividida entre vários agricultores, ela fica mais fácil de ser administrada", diz. O potencial para o desenvolvimento da bataticultura no País ainda é muito grande. Só em Castro, a área cultivada atualmente pode ser dobrada. No início dos anos 80, o município tinha 1,5 mil hectares plantados com batata, hoje são 800 hectares. Outro fator que favorece o retorno da batata é a rentabilidade média da cultura. Segundo ele, a receita de cinco hectares de batatas equivale a aproximadamente o que se ganha com 100 hectares de um cereal anual de verão. A segurança com os contratos de venda para a fábrica de batatas fritas fez ressurgir a atividade não só em Castro, mas também em outros municípios paranaenses, como Contenda e São Mateus do Sul. Só a Elma-Chips necessita de aproximadamente quatro mil hectares de batatas anualmente, para suprir sua demanda por matéria-prima.

O condomínio Massuda planta a variedade de batata atlântica em 95% de suas áreas. Esta variedade, de origem canadense, apesar de não possuir uma boa aparência externa para os padrões de consumo é uma das que apresenta melhor ponto de fritura. Como a compradora irá beneficiar as batatas e não colocá-las à venda *in natura*, ela prefere mais qualidade e menos aparência. É a compradora quem faz toda a programação de plantio, colheita e variedades a serem utilizadas nos condomínios de produtores. 



A batata renasce nos Campos Gerais do Paraná

Preço baixo & produtividade

SEMENTES FORRAGEIRAS DE INVERNO CRA:

- Aveia Preta e Branca
- Azevém
- Cornichão São Gabriel
- Cornichão El Rincon
- Trevo Branco
- Trevo Vermelho
- Trevo Vesiculoso

E mais, Alfafa Crioula, Centeio, Festuca, Pensacola, Ervilhaca e Nabo Forrageiro. Toda a linha de Sementes Fiscalizadas com os melhores preços. Consulte a Cra:

fone/fax: (051) 481 3377



semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS
Est. da Arrozeira, 90 - CEP: 92990-000 Eldorado do Sul - RS.

SUPER GERADOR DE ÁGUA QUENTE CENTAURO

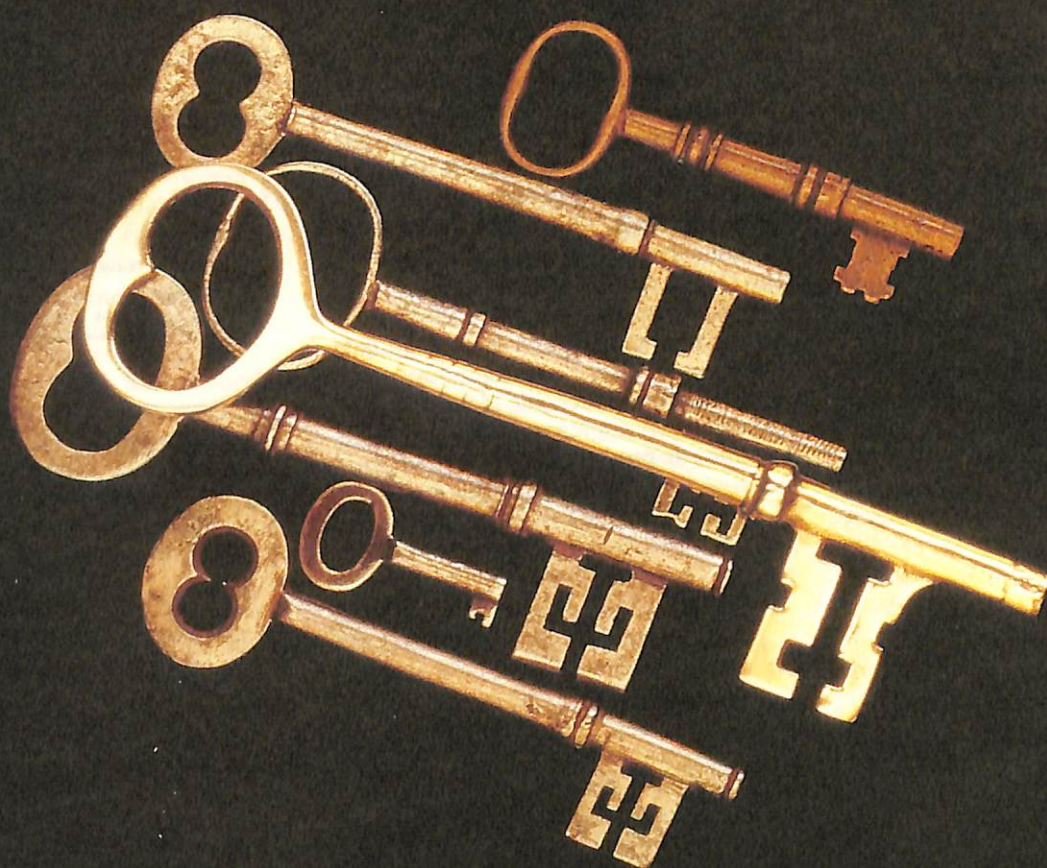
O SUPER GERADOR DE ÁGUA QUENTE CENTAURO É ÚNICO NO MERCADO NACIONAL, DOTADO DE AQUACON que transferiu às finalidades agropecuárias a tecnologia dos trocadores de calor industriais. Para utilização em ORDENHA MECÂNICA; PLASTICULTURA; RANICULTURA; PISCICULTURA, ETC.

Dados Técnicos:

Tanque interno aço inox ASI 304
Aquecimento em 12 minutos e recuperação ultra-rápida
Tripla segurança
Não necessita de pressão hidrostática
Garantia 3 anos
Instalação orientada pelo fabricante

COOMEC - COOPERATIVA INDUSTRIAL MECÂNICA LTDA.
Av. TANCREDO NEVES, 680 DIST. INDUSTRIAL
CACHOEIRINHA RS - CEP 94.030-540
FONE DDG 051.800.4104

Para consultar todos



A chave
da
comunicação
dos agronegócios

os dias, o ano inteiro

Lista inédita e única, com endereços completos e atualizados de todos os serviços e produtos existentes no segmento rural do Brasil.

Um serviço de utilidade inigualável.



Uma justa e democrática homenagem

Em setembro, os líderes da agropecuária brasileira têm encontro marcado em Porto Alegre. Representantes de 25 áreas de atuação, entre produtores, industriais e técnicos, escolhidos pelo voto direto de nossos assinantes, serão laureados com os troféus **A GRANJA DO ANO DESTAQUE/98**.

Além de distinguir os homens que impulsionam a produção primária nacional, a Editora Centaurus acredita que a oportunidade também servirá para integrar, cada vez, mais produtores primários e a agroindústria dos diversos estados.

O Destaque/98 de



será conferido nas seguintes áreas:

- | | |
|---|------------------------------|
| 1 - Pecuária de corte | 13 - Máquinas de colheita |
| 2 - Pecuária de leite | 14 - Sistema de irrigação |
| 3 - Equinos | 15 - Defensivos agrícolas |
| 4 - Ovinocultura | 16 - Silos e armazenamento |
| 5 - Suinocultura | 17 - Caminhões e utilitários |
| 6 - Avicultura | 18 - Produtor de arroz |
| 7 - Nutrição animal | 19 - Produtor de milho |
| 8 - Defensivos animais | 20 - Produtor de soja |
| 9 - Sementes | 21 - Produtor de trigo |
| 10 - Tratores | 22 - Produtor de vinho |
| 11 - Implementos de preparo de solo e plantio | 23 - Pesquisa agropecuária |
| 12 - Adubos e corretivos | 24 - Cooperativismo |
| | 25 - Bancos |



Para planejar seu agronegócio

Uma radiografia por dezoito segmentos. Mostrando áreas plantadas, quadros comparativos com outros países, participação no PIB, custo de produção, metas a cumprir, perspectivas. Uma visão completa para o leitor ter um respaldo firme para saber como ganhar dinheiro no agronegócio.

Informações detalhadas e comentários abrangentes sobre:

- | | |
|-----------|----------------|
| ● SOJA | ● BATATA |
| ● TRIGO | ● FRUTICULTURA |
| ● MILHO | ● HORTICULTURA |
| ● ARROZ | ● FLORICULTURA |
| ● AÇUCAR | ● SILVICULTURA |
| ● CAFÉ | ● BOVINOS |
| ● LARANJA | ● OVINOS |
| ● ALGODÃO | ● SUÍNOS |
| ● FEIJÃO | ● PISCICULTURA |

**Fechamento publicitário
31 de julho/98**

Uma edição que vale por doze.

Tratamento de sementes de soja com fungicidas

Augusto César Pereira Goulart / Pesquisador M.Sc. – Fitopatologia / Embrapa Agropecuária Oeste
Caixa postal 661 Dourados, MS / Email; goulart@cpao.embrapa.br

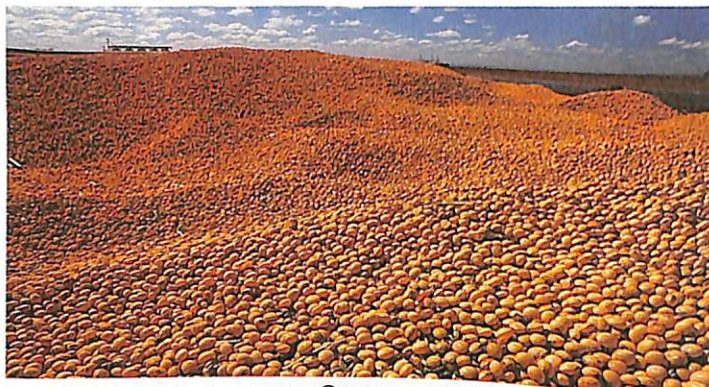
A semente de soja assume importante papel no estabelecimento da lavoura, uma vez que ela é o mais importante veículo de disseminação e sobrevivência de muitos patógenos, tais como: *Phomopsis spp.*, *Colletotrichum truncatum*, *Fusarium semitectum*, *Cercospora kikuchii*, *Aspergillus sp.* e *Penicillium sp.* Nem sempre a semeadura é realizada em condições ideais, o que resulta em sérios problemas de emergência, havendo, muitas vezes, a necessidade de replantio, acarretando enormes prejuízos ao produtor. Por essa razão, o uso do tratamento de sementes de soja com fungicidas vem sendo utilizado por um número cada vez maior de produtores, para garantir populações adequadas de plantas, quando as condições edafoclimáticas durante a semeadura são adversas. Deve-se ressaltar que a soja emerge rapidamente quando semeada em solos com boa disponibilidade de água e temperaturas adequadas. Quando essas condições não são satisfeitas, a semente fica praticamente armazenada no solo à espera de condições favoráveis para iniciar o processo de germinação. Durante esse tempo, ocorre um atraso nesse processo, proporcionando aos fungos presentes no solo e na própria semente maior oportunidade de ataque, podendo causar sua deterioração no solo ou a morte de plântulas. Nessas condições, torna-se necessária a utilização do tratamento das sementes de soja com fungicidas, o qual oferece os maiores benefícios quando a semente ou a plântula é submetida a diferentes tipos de estresses durante as duas primeiras semanas após a semeadura.

O objetivo principal desse tipo de prática é controlar os fungos presentes nas sementes, além de proporcionar proteção contra os fungos presentes no solo.

O tratamento das sementes de soja com fungicidas deve ser realizado antes da semeadura, porque, quando efetuado antes ou durante o período de armazenagem, impede que os lotes tratados e não-comercializados sejam destinados à indústria. Atualmente, a pesquisa recomenda e coloca à disposição do produtor uma série de fungicidas para o tratamento das sementes de soja. Entretanto, fica evidenciada a importância do uso de misturas de fungicidas sistêmicos (benomyl, carbendazim, carboxin, thiabendazole, difenoconazole) com os de contato (tolylfluanid, thiram, captan e PCNB), de modo a proporcionar um aumento no espectro de ação no controle de fungos presentes nas sementes e no solo.

Quando da utilização da solução açucarada na inoculação das sementes de soja, torna-se de fundamental importância o uso do tratamento dessas com fungicidas, uma vez que o açúcar empregado nesse processo funciona como uma "isca", atraindo para as sementes os fungos do solo.

A operação de tratamento deve ser feita antes da inoculação, para garantir boa cobertura e aderência do fungicida à se-



A Granja

mente. O tratamento pode ser feito em tratadores de sementes, na unidade de beneficiamento (máquinas de tratar sementes) ou empregando um tambor giratório com eixo excêntrico. Não se aconselha o tratamento da semente diretamente na caixa semeadora, devido à baixa eficiência, em função da pouca aderência e cobertura desuniforme das sementes.

A prática do tratamento de sementes de soja no Brasil vem crescendo a cada safra, partindo de apenas 5% da área que era semeada com sementes tratadas na safra de 1991/92 e atingindo expressivos 60% na safra 1997/98.

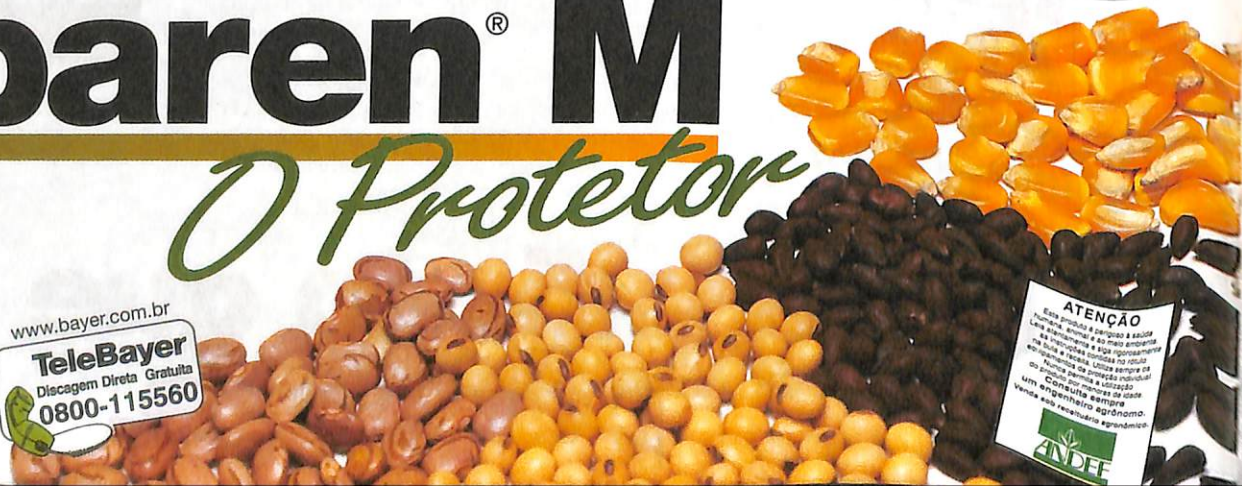
Este fato demonstra a importância dessa tecnologia que, apesar de seu baixo custo (em torno de 0,6% do valor de instalação de 1ha de soja — relação custo/benefício favorável), traz benefícios inegáveis ao sojicultor, garantindo a estabilidade da produção de soja no País. Desse modo, o tratamento de sementes de soja com fungicidas é um "seguro barato" que o agricultor faz no início de instalação de sua lavoura.

Euparen® M

O Protetor

Bayer
Proteção das Plantas

www.bayer.com.br
TeleBayer
Discagem Direta Gratuita
0800-115560



ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use sempre com cuidado e evite o contato com a pele e os olhos. Evite a inalação de pó. Evite o contato com a água. Evite o contato com alimentos. Evite o contato com roupas. Evite o contato com superfícies. Evite o contato com animais domésticos. Evite o contato com crianças. Evite o contato com plantas ornamentais. Evite o contato com peixes. Evite o contato com aves. Evite o contato com insetos. Evite o contato com outros organismos. Evite o contato com o solo. Evite o contato com a água. Evite o contato com o ar. Evite o contato com o fogo. Evite o contato com o calor. Evite o contato com a luz. Evite o contato com o som. Evite o contato com o cheiro. Evite o contato com o gosto. Evite o contato com o tato. Evite o contato com o olfato. Evite o contato com o paladar. Evite o contato com a audição. Evite o contato com a visão. Evite o contato com a fala. Evite o contato com a escrita. Evite o contato com a leitura. Evite o contato com a música. Evite o contato com a dança. Evite o contato com o esporte. Evite o contato com o trabalho. Evite o contato com o estudo. Evite o contato com o lazer. Evite o contato com o descanso. Evite o contato com o sono. Evite o contato com a alimentação. Evite o contato com a higiene. Evite o contato com a saúde. Evite o contato com a vida. Evite o contato com a morte.

Plantio Direto

NEWS

Os "pequenos" também querem entrar no PD

Mas de 800 pequenos agricultores de 72 municípios distribuídos em cinco microrregiões do centro-sul do Paraná e norte de Santa Catarina participaram do 1º Encontro Estadual de Plantio Direto na Pequena Propriedade, que aconteceu em maio, em Irati/PR. Além deles, o encontro contou com a participação de acadêmicos do curso de Agronomia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, da Universidade Federal do Paraná, ambas de Curitiba, e da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Só a presença dos agricultores e o interesse dos técnicos neste assunto já demonstrariam que a técnica de plantio direto está conseguindo vencer um de seus principais desafios no Brasil: entrar na pequena propriedade. Mas o evento contou com o apoio de multinacionais como a Zeneca e a Souza Cruz, que apostam nos mercados abertos pela tecnologia usada na agricultura familiar. O encontro estadual foi organizado pela Secretaria Municipal de Agricultura e contou com o apoio da Emater, Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e Secretaria Estadual de Agricultura. Fabricantes de implementos para plantio direto em tração animal também participaram. Irati sediou o evento porque foi um peque-

Técnica originalmente voltada para médias e grandes propriedades por necessitar de equipamentos pesados, o plantio direto vem sendo democratizado pelos implementos de tração animal

Emerson Urizzi Cervi

no produtor deste município que iniciou o plantio direto na pequena propriedade em escala comercial. Antes de Félix Krupek, 62 anos, o uso de implementos de pequeno porte adaptados para o trabalho na palhada só era feito dentro dos institutos de pesquisa agropecuária do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O presidente da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, Manoel Henri-

que Pereira, o Nonô Pereira, participou da abertura do encontro. A Federação foi a principal incentivadora para o lançamento do programa de Plantio Direto na Pequena Propriedade, em 1994. Aos pequenos produtores, Nonô Pereira lembrou que os resultados da agricultura convencional, trazida pelos colonizadores europeus, não foram satisfatórios no Brasil devido principalmente ao nosso clima tropical. Segundo ele, o fenômeno El Niño, que está triplicando a quantidade de chuvas este ano em algumas áreas, é uma prova disso. Milhões de toneladas de solo descoberto estão sendo levadas pelas enxurradas. "Este é o grande ano do plantio direto, porque estamos conseguindo levá-lo para a pequena propriedade, que também necessita de métodos mais racionais para exploração agrícola a médio e longo prazos", completou. Pelo sistema convencional, o agricultor precisa passar sobre a área cultivada por 13 vezes do plantio até a colheita de uma lavoura anual como o feijão, por exemplo. Com o PD, esta necessidade cai para seis vezes. Isso faz mais diferença ainda quando o sistema de trabalho é por tração animal.

Não existe uma estatística oficial sobre o número de pequenos agricultores que

Roundup[®]

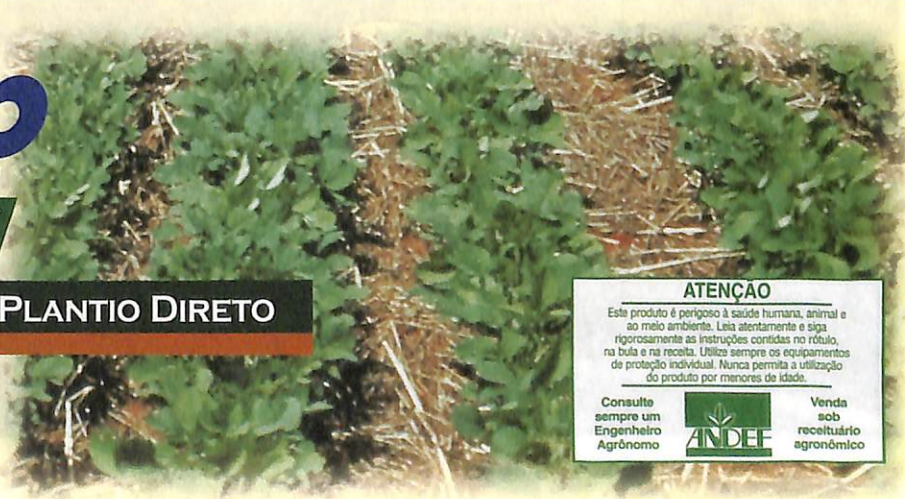
WG

FAZ BONITO NO PLANTIO DIRETO



0800 15 6242
Monitores Atendimento ao Cliente

MONSANTO
Alimento • Saúde • Esperança™



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
agrônomo

já adotaram o PD em suas propriedades. Sabe-se que até o final de 1996 haviam sido comercializadas mais de 10 mil máquinas adaptadas a este sistema no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O número de fábricas especializadas também aumentou. Em 1996, eram apenas quatro. Hoje, são nove.

O pioneiro — Félix Krupek é pequeno agricultor desde que nasceu. Sua propriedade possui 47 hectares e, até 1991, ele enfrentava os mesmos problemas que todos os seus vizinhos. O principal deles era a erosão. A diferença é que Félix sempre procurou os extensionistas e pesquisadores para saber quais as melhores formas de combater a perda de solo. Certa ocasião, em 1988, ele recebeu pesquisadores do Iapar em sua propriedade para falar sobre o cordão vegetado em curvas de nível e foi convidado a participar de testes com uma nova máquina de plantio por tração animal, cujo protótipo se chamava Gralha Azul. Félix Krupek aceitou. Só que existia uma diferença: a plantadeira trabalhava sobre a palhada e por isso ele não poderia mais arar, gradear ou queimar os restos de culturas anteriores. Foi assim que a propriedade de Félix Krupek se transformou numa Unidade de Teste e Validação (UTV) para os pesquisadores do Iapar. O agricultor conta que, a princípio, aquilo lhe pareceu estranho, mas se iria conter a erosão valeria a pena tentar. “Além do mais, não precisava mais arar nem gradear a terra, o que era muito desgastante para nós e para os nossos animais”, afirma. Félix administra a propriedade junto com dois filhos. Para arar um hectare de solo em tração animal, o agricultor precisa andar cerca de 40 quilômetros.

Naquele primeiro ano, foram cultivados 500m² de feijão em PD sobre a palhada de papua. A indicação dos técnicos continua sendo para que os produtores iniciem o PD em pequenas áreas, com aumento gradativo. Félix conta que a produção foi

zero. Primeiro, porque a área não foi corrigida com calcário; segundo, porque ele passou o cultivador na hora do plantio, o que favoreceu o desenvolvimento de ervas daninhas; terceiro, porque houve uma seca no final do ciclo da planta. No segundo ano, na mesma área e passando o cultivador novamente, a produção foi de oito sacas de feijão por hectare.

No seguinte, o produtor cultivou aveia no inverno para servir como cobertura do feijão, calcareou o terreno e, seguindo as mesmas determinações, colheu 10 sacas por hectare.

Foi quando ele se convenceu das vantagens do PD e começou a aumentar gradativamente as áreas com conservação de palhada. Depois de nove anos, todas as culturas anuais de Félix Krupek estão no novo sistema. São pouco mais de 24 hectares de milho, feijão, arroz, cebola e, este ano, ele experimentou plantar soja. Os resultados foram satisfatórios, diz. “Antes de plantar, combinei com o vizinho que tem uma colhedeira para que ele fizesse a colheita da minha produção. Ele aceitou, e nós escalonamos a safra para não haver problemas. O rendimento financeiro da soja foi maior que o do feijão.”

A insistência do agricultor em fazer PD mesmo depois de dois anos ruins tem lhe rendido bons frutos. Com frequência, Félix Krupek é convidado para participar de dias-de-campo e encontros regionais sobre o PD na pequena propriedade. Ele esteve no Encontro Sul-Americano de Plantio Direto, ano passado, no Paraguai. “Foi lá que vi soja plantada na pequena propriedade e resolvi experimentar”. Em quatro hecta-



Krupek, o pioneiro: sempre procura os técnicos

res e meio de soja, ele colheu 221 sacas. A produtividade de feijão está próxima das 40 sacas por hectare, e o milho ultrapassa as 90 sacas. Só que neste último caso a maior parte é destinada à silagem. Félix mantém um livro de visitas em sua propriedade, que já conta com mais de sete mil assinaturas.

O agricultor cita uma vantagem indireta do PD: dar oportunidade para conhecer novas alternativas. “Eu acho que o PD é como uma escada que ajuda a gente a subir”, define. Com a tecnologia, vem a rotação de culturas, integração com pecuária e outros. Hoje, ele garante que a renda total de sua propriedade aumentou em cerca de 50% se comparada com os ganhos de 10 anos atrás.

Em 1999, Félix pretende iniciar a fabricação caseira de açúcar mascavo e rapadura. A cana-de-açúcar já foi plantada e os equipamentos para a fábrica artesanal estão sendo comprados. “Nós vamos fazer o açúcar mascavo, embalar e vender. Os pesquisadores têm me mostrado como é importante agregar renda dentro da propriedade”, completa.

Pesquisa — Para que o PD se tornasse tão atrativo aos pequenos agricultores,



C-909

Soluções[®]
Tecnológicas

**O SUPER-PRECOCE
PARA RECORDES DE
PRODUTIVIDADE
COM QUALIDADE
DE GRÃOS**



principalmente aos jovens, que são maioria nos encontros técnicos, pesquisadores do Iapar começaram a trabalhar em 1985 neste projeto. Até 1989, só existia um protótipo da plantadeira de tração animal para plantio direto porque nenhuma fábrica queria produzir o implemento. Nesse ano, passaram a integrar o projeto a Emater, Secretaria Estadual de Agricultura (Seab) e a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha. Foi então que a Seab e a Federação de Plantio Direto fizeram uma parceria para financiar a fabricação de 30 máquinas a partir do modelo da Gralha Azul, desenvolvido no Iapar. Estas plantadeiras foram distribuídas para agricultores de 30 municípios da região centro-sul do Paraná em 1992. Nessa época, Félix Krupek já estava testando a técnica com o protótipo do Iapar.

Em 1993 começaram a ser organiza-

das excursões de agricultores para visitar as propriedades que participavam do programa. A tecnologia também começou a ser apresentada em dias-de-campo e encontros de produtores. Naquele ano, o pólo regional do Iapar em Ponta Grossa, onde o programa estava sendo desenvolvido, recebeu mais de mil visitas de produtores interessados em conhecer o PD por tração animal. Então, algumas fábricas começaram a se interessar em produzir em escala comercial as máquinas. Em 93, os fabricantes venderam 600 plantadeiras que, até 1996, vinham sendo subsidiadas pelo Governo do Estado. A partir de 1998, um novo programa estadual de incentivo à agricultura passou a financiar a compra de kits de implementos para PD por tração animal. Cada kit é composto por uma plantadeira, um rolo-faca, uma calcariadeira e um pulverizador. Os kits são financiados para gru-

pos de no mínimo quatro agricultores.

O extensionista José Carlos Caldasso, da Emater/PR, explica que o governo tem incentivado a adoção do PD na pequena propriedade porque ele traz uma nova filosofia de trabalho. "Entre as vantagens do novo sistema está a menor utilização de mão-de-obra, racionalização de máquinas e insumos e menos erosão", diz.

Até o final do ano, deve ser iniciada a segunda fase do projeto de PD na pequena propriedade no Paraná. As unidades de teste e validação serão escolhidas entre os produtores que já se interessam pela nova tecnologia. "Estamos tratando de um novo sistema e como tal apresenta seus problemas e falhas, por isso temos que continuar buscando soluções", adverte Caldasso. Entre as pesquisas desta nova fase estarão os testes com tratores de baixa potência para uso em PD. 

Empresas apóiam, e crescem, com a pequena propriedade

A Mecânica Mafrense Ltda, de Mafra/SC, foi uma das primeiras a entrar no mercado de implementos para PD por tração animal. Ela está no ramo desde 1992. No primeiro ano, ela vendeu 50 máquinas, entre plantadeiras, pulverizadores, calcariadeiras e rolos-facas. Em 1994, este número subiu para 150. Em 1995, foi para 300 e, em 1997, já estavam sendo fabricados 450 implementos. Para 98, o representante da empresa no sul do Paraná, Célio Dacorégio, diz que a meta é produzir 700 máquinas. Até abril, a Mafrense já tinha recebido mais de 200 pedidos, o que foi um recorde. "Durante todo este período, nós exportamos cerca de 250 peças para países da América Latina e da África", conta.

Uma plantadeira para tração animal em PD consegue semear um hectare de feijão por dia e até dois hectares de milho no mesmo período. A indústria está em seu sexto modelo de plantadeiras, e a

MML5 consegue plantar até sementes de cebola em PD. O custo desta máquina entregue na propriedade do comprador fica em R\$ 650,00. "Um dos nossos maiores problemas é a falta ou constância das linhas de financiamentos, o que impede muitos produtores de terem acesso a estes implementos", diz Célio Dacorégio. A Mafrense é uma das fabricantes que mantém os maiores contatos com o Iapar. Antes de qualquer modificação entrar no mercado, ela passa pelos testes de validação do Iapar. Uma das principais vantagens deste desenvolvimento de modelos é que as plantadeiras estão ficando cada vez mais leves e adaptadas ao trabalho em terrenos acidentados.

Outra empresa que tem apoiado a difusão do PD na pequena propriedade é a fumageira Souza Cruz. Não é para menos: ela tem 60 mil produtores de fumo em sistema de parceria no Brasil, cuja média é de dois hectares da lavoura por proprieda-

de. O pesquisador agrícola da empresa em Tubarão/SC, Gracioso Marcon, participou do Encontro Estadual em Irati e destacou a recuperação dos solos como principal vantagem da técnica. "A Souza Cruz acredita que os produtores que não mudarem o sistema de cultivo em pouco tempo estarão inviabilizados", assegurou.

O incentivo ao PD pela Souza Cruz começou em 1993, com a adoção do sistema de cultivo mínimo. No primeiro ano, foi cultivado um hectare de fumo neste sistema. No seguinte, foram 300 hectares e, no terceiro, já eram três mil hectares. Atualmente, cerca de 15 mil hectares de fumo dos agricultores parceiros da Souza Cruz estão no sistema de cultivo mínimo ou plantio direto. No centro-sul do Paraná, o objetivo é chegar nos próximos dois anos a 70% da área com PD. "Mas nas lavouras de feijão e milho pós-fumo podemos assegurar que 85% das áreas já está em plantio direto", completa o pesquisador.



TM 95.
TESTADO
E APROVADO
NOS MAIS
FÉRTEIS
CAMPOS
DE PROVAS.

O Pirelli para tratores e colheitadeiras foi feito para aproveitar o máximo de sua potência. O desenho da banda de rodagem deste pneu garante maior capacidade de tração e autolimpieza, com o mínimo de compactação do solo. Resultado: maior produtividade e total eficiência para suas máquinas. TM 95. Em matéria de pneus, nunca se viu uma safra como esta na agricultura.



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

futura

BOI GORDO



Exportações crescem mais de 20%

As exportações de carne bovina registraram um crescimento de 20,7% neste primeiro quadrimestre de 98 em relação ao mesmo período do ano passado. Foram 110,7 mil toneladas contra 91,7 mil toneladas em equivalente carcaça. As vendas de carne industrializada cresceram 9,7%, atingindo 78,3 mil toneladas, contra 71,4 mil em 97. Na carne in natura, o crescimento é surpreendente e expressivo. Foram vendidas 32,4 mil toneladas no período contra 20,3 mil no ano passado, com elevação de 60%.

O resultado é reflexo do maior volume de compras da Europa neste ano, como reflexo da baixa disponibilidade de carne bovina para venda na Argentina. Ou seja, os compradores europeus estariam voltando-se para o produto brasileiro, devido à dificuldade de compra na Argentina.

E a perspectiva é que as exportações brasileiras aumentem no médio prazo, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os dois estados receberam no final de maio o certificado de áreas livres de febre aftosa. Com investimentos, já prometidos pelo Governo Federal, a tendência é de incremento das exportações de carne bovina. Mas é bom lembrar que o crescimento das exporta-

ções não vai ser automático. Alguns importantes países mantêm rigorosas barreiras sanitárias.

As importações de carne bovina registraram queda de 31,5% neste primeiro quadrimestre, em relação ao mesmo período de 97. Foram importadas 34,9 mil toneladas em equivalente carcaça, contra 50,9 mil toneladas em 97 em igual período. A maior queda foi registrada nas compras feitas na Argentina, ou seja, 3,2 mil toneladas, contra 12,2 mil toneladas em 97. O fato comprova a redução da demanda brasileira, a fase cíclica difícil por que passa a Argentina e serve como fundamento para as exportações brasileiras para a Europa. Este é um ponto importante na avaliação do mercado brasileiro para este segundo semestre, ou seja, a Argentina possivelmente não terá os mesmos volumes de carne disponíveis nos anos anteriores para atender à demanda de entressafra no País.

Mercado de boi aguarda a entressafra

O clima ainda foi um ponto favorável para o mercado pecuário em junho. As chuvas não foram excessivas, as pastagens resistiram e não houve a ocorrência de geadas ao ponto de forçar o pecuarista à venda imediata, tanto do boi quanto dos animais de reposição. Porém, pelo menos no segmento de reposição, notou-se uma clara melhoria do interesse de venda, principalmente de bezerros, facilitando um pouco os negócios no mercado neste final da safra 98.

Agora, o mercado aguarda o escoamento desta oferta de gado de final de

safra e o início da entressafra. O mês de junho ainda apresentou uma certa oferta. Mas ainda sob a dependência do clima o que poderá determinar uma certa pressão de venda no início de julho.

O mercado interno de boi gordo ainda passa por um período de certa pressão de venda. Esta é uma condição natural de final de safra, até como consequência da retração das vendas ao longo de todo este primeiro semestre por parte do pecuarista. Porém, algumas características devem ser levadas em consideração neste momento. A primeira é que as pastagens estão ainda em condições aceitáveis na maioria dos estados produtores, após as chuvas registradas em maio. Apenas o Mato Grosso mostra-se mais seco e com queda na qualidade das pastagens. Nos demais estados, a pressão é natural devido ao período do ano e à proximidade do inverno. A segunda, diz respeito à melhoria da oferta de gado de reposição, principalmente bezerros, onde a proximidade do inverno começou a forçar os criadores a venda.

Houve certa baixa de preços no bezerro no final do mês de maio, possibilitando a melhoria no nível de negócios e até uma maior oferta de boi gordo no mercado, tendo em vista que o pecuarista passou a vender o boi para aproveitar a disponibilidade maior de gado de reposição, o que não vinha ocorrendo até meados de maio.

A terceira característica é a questão demanda. A demanda de carnes é efetivamente baixa neste momento no País, refletindo uma situação clara de queda razoável da renda per capita e do nível de emprego. O mercado de carnes vem sentindo esta condição de queda da demanda desde 96. Porém, acredita-se que atingimos o fundo de poço da demanda, onde estamos importando menos, temos uma oferta de carnes baixa internamente e estamos exportando mais. Em uma situação de demanda mais firme, certamente estaríamos presenciando números de exportação não tão expressivos e números de importação mais elevados, bem como uma situação de preços do boi até em patamares mais elevados. Um bom termômetro deste quadro é o preço do frango, onde uma discreta elevação da oferta provocou uma baixa de 21% nos preços ao longo do mês de maio. Por um lado, a situação sinaliza que teremos um final de semestre ainda com baixa demanda e fluxo de comercialização lento.

EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA - BRASIL - 1997/98 (em mil toneladas)

Meses	Industrializada		In natura		Total		US\$/t	
	1997	1998	1997	1998	1997	1998	1997	1998
Janeiro	22,21	18,31	4,11	6,02	26,32	24,33	2.536	2.370
Fevereiro	14,36	17,34	4,29	7,00	18,66	24,34	2.547	2.548
Março	18,44	21,87	5,41	8,84	23,85	30,70	2.675	2.539
Abril	16,41	20,87	6,46	10,55	22,87	31,37	2.638	2.574
Total (jan/abr)	71,42	78,33	20,27	32,40	91,70	110,73	2.599	2.508

Nota: em equivalente carcaça

Demanda aquecida pode comprometer abastecimento

A melhoria da demanda por carne bovina poderia trazer problemas de abastecimento ao mercado brasileiro. Por um lado, é muito difícil importar carne bovina hoje, tanto da Argentina como do Uruguai, seja pelos preços praticados nestes países, seja pela nossa correção cambial constante. Os preços teriam que subir muito no mercado interno para compensar tal importação. As exportações continuam em uma ótima fase de crescimento, o que mantém o mercado interno com oferta mais restrita. A oferta de boi para abate não deverá se regularizar para o segundo semestre mantendo a tendência de um volume de confinamento muito próximo ao ano passado. Qualquer surto de demanda no segundo semestre atuará de forma altista, devido à difícil condição de importação, ao confinamento estável e à necessidade de manter volumes disponíveis para atender os crescentes contratos de exportação.

Dentro desta avaliação, portanto, o contexto político deste ano passou a ser um fator que exige uma maior atenção do mercado de carnes. Soluções políticas visando a redução do nível de emprego, a melhoria da demanda e dos indicadores sócio-econômicos podem al-

terar muito o quadro de consumo de carnes de forma sazonal para o segundo semestre.

Por outro lado, sem mudanças, teremos a continuidade do quadro lento da demanda, concentrada em determinados períodos do mês e uma entressafra onde talvez a pouca oferta disponível será suficiente para atender uma demanda sem fortes reações.

Quando começará efetivamente a entressafra 98 e com que efeitos sobre os preços do boi. O primeiro ponto a ser considerado é justamente o da demanda. Fraca até o momento exerce a função de prolongar a pouca oferta disponível ao longo deste mês de junho. Em uma situação de demanda mais firme, talvez a entressafra fosse antecipada. O segundo ponto é o da oferta

disponível. Maio foi um mês de venda, que acabou por trazer os preços ao baixo patamar do ano, ou seja, R\$ 26,00 base São Paulo. Um bom volume de vendas foi realizado neste patamar de preços. Agora uma parcela final do gado de safra está sendo liquidada nesta virada de mês de maio para junho, principalmente com a retomada dos preços ao nível do mês de abril, ou seja, R\$ 27,00 São Paulo.

Como a oferta de bezerros melhorou, o pecuarista com uma leve alta nos preços do boi está fazendo a sua reposição em uma situação um pouco melhor em relação a março/abril. Passado este período de vendas e com o esgotamento das ofertas de gado de safra, a tendência natural é o mercado acusar novas altas.

IMPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA POR PAÍS - 97/98 (em toneladas)

	Janeiro/Abril 98			Janeiro/Dezembro 97		
	Peso	US\$	Preço	Peso	US\$	Preço
 Argentina	3.229,9	13.220,3	4,093	12.256,6	26.694,2	2,178
 Canadá	0,1	0,3	2,830	63,5	362,0	5,703
 EUA	1.353,5	4.781,0	3,532	1.169,5	6.005,0	5,135
 Holanda	0,0	0,0	0,000	16,4	183,0	11,130
 Paraguai	2.638,7	4.861,7	1,842	3.724,1	5.220,9	1,402
 Uruguai	16.492,2	27.089,5	1,643	17.389,8	26.413,3	1,519
 Noruega	0,0	0,0	0,000	25,0	84,3	0,000
 Nova Zelândia	25,3	73,7	0,000	0,0	0,0	0,000
Total	23.739,7	50.026,2	2,107	34.644,9	64.962,5	1,875
Eq. carcaça	34.897,4			50.927,9		



IVERMAX
(IVERMECTINA 1%)

CONTROLE ABSOLUTO DE PARASITAS
INTERNOS E EXTERNOS

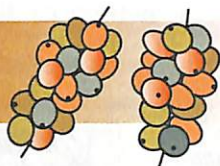
A DIFERENÇA ESTÁ NO CUSTO

LIGUE: (044) 225-1997 - (044) 266-1724

Fax: (044) 262-1935 e (044) 266-2151 - Maringá - Paraná

Visite nossa HomePage: www.dispec.com.br - e-mail: dispec@wnet.com.br

CAFÉ



Brasil deverá exportar 15,05 milhões de sacas

O mês de maio marcou um esboço de reação das exportações brasileiras de café, que chegaram a aproximadamente um milhão de sacas, segundo as duas principais entidades representativas do setor. A recuperação é reflexo da entrada do conillon do Espírito Santo e também de alguns cafés arábica da safra nova.

As exportações de café verde do Brasil em maio — 989.689 sacas — superaram em 10% a expectativa da Federação Brasileira dos Exportadores de Café (Febec). No início do mês passado, a Febec projetava vendas de 900.000 sacas.

O volume exportado em maio é 30% inferior ao de igual período do ano passado, quando as vendas ao exterior totalizaram 1,422 milhão de sacas. A receita com as exportações ficaram em US\$ 161,3 milhões, cerca de 46% abaixo da arrecadação de maio de 97.

Nos primeiros cinco meses de 98, as exportações brasileiras caíram 2,278 milhões de sacas em relação ao mesmo período do ano passado. Em termos de receita cambial, a queda foi de US\$ 325,2 milhões.

A Febec está estimando exportações ao redor de 1,150 milhão de sacas de café, com receita cambial de US\$ 150 milhões. Em termos de volume, o desempenho estimado para junho representou uma elevação de 14% sobre o mesmo mês de 97.

A partir de julho, o Brasil deverá apresentar expressiva recuperação dos volumes de exportação de café verde. Tal desempenho, em termos de receita cambial, acabará compensando preços médios menores aos do semestre julho/dezembro de 97.

Segundo dados da Associação Brasileira dos Exportadores de Café (Abe-café), a venda ao exterior foi de um milhão de sacas, 21% abaixo das exportações de igual período do ano passado. A Associação estima que nos primeiros cinco meses do ano as exportações tenham totalizado 4,3 milhões de sacas, volume 34% inferior ao de 97. Para o semestre janeiro/junho, a Abe-café trabalha com exportações de 5,5 milhões de sacas, 27% abaixo da 7,5 milhões de sacas do primeiro semestre de 97. No final do ano, o País deverá ter exportado 15,05 milhões de sacas e arrecadado US\$ 2,4 bilhões com as vendas.

SUÍNOS



Setor sugere cautela na oferta

O reconhecimento oficial da Organização Internacional de Epizootias (OIE), do Rio Grande do Sul e Santa Catarina como áreas livres de aftosa, foi recebido com euforia pelos suinocultores, embora haja consenso de que a curto prazo a medida não resolve o problema de escoamento da produção brasileira. O certificado é um cartão de visita, mas o produtor reconhece que não é fácil colocar o produto no mercado internacional. Embora com qualidade garantida a carne suína enfrenta barreiras sanitárias que dificultam as negociações com o exterior, o que deve fazer com que o processo de exportação tenha de passar por longa etapa de negociações.

Avaliação semelhante fez o Salão Brasileiro de Suinocultura, realizado no início de junho em Chapecó, Santa Catarina, que sugeriu cautela na produção de carne suína, mesmo diante da possibilidade de novos negócios. Participantes chamaram atenção para o entusiasmo exagerado com a certificação, levantando aspectos preocupantes ao setor como aumento desordenado da produção e conseqüente queda de preços. A preocupação com o excesso na produção tem base em dados concretos.

Levantamento do Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina (CEPA), mostra que a produção de suínos da região Sul fechou os cinco primeiros meses deste ano com incremento de 9,2% em relação ao mesmo período de 98. A previsão é de que os abates atinjam 5,6 milhões de cabeças aproximando-se do recorde obtido em 96, de 5,8 milhões de cabeças.

Além da Itália, que pretende duplicar a importação de carne suína, a Rússia e Japão surgem como os melhores mercados para a colocação de suínos do RS e SC. Maior importador mundial de carne suína, o Japão está atrás de novos fornecedores e deve comprar mais de 900 mil toneladas este ano. A legislação japonesa, no entanto, aparece como grande entrave ao mercado nacional uma vez que o Japão não reconhece o atestado da OIE e exige que todo o país, e não apenas regiões específicas, seja considerado área livre de aftosa.

PAÍSES IMPORTADORES DE SUÍNO BRASILEIRO

País	Jan/Mar 98	Jan/Mar 97	Dif. %
Hong Kong	8.667,8	5.701,4	52,0
Argentina	7.029,1	4.449,2	58,0
Uruguai	780,8	790,0	-1,2
Holanda	381,8	405,3	-5,8
Antilhas	208,4	192,9	8,0
Suíça	200,0	23,5	751,1
Alemanha	0,0	359,4	-100,0
Subtotal	17.268,0	11.921,7	44,8
Outros	385,6	225,5	71,0
TOTAL	17.653,6	12.147,2	45,3

Fonte: Secex

Em toneladas

ALGODÃO



Mato Grosso lidera preferências pela qualidade

O avanço da colheita no Mato Grosso e a menor demanda por algodão em pluma pelas indústrias, diante da queda no consumo de manufaturados, contribuiu para uma normalização da oferta no início de junho. Apesar da queda na procura, a produção matogrossense continua tendo boa saída, uma vez que a alta de preço internacional e a retirada temporária da China do mercado faz com que os preços para importação fiquem proibitivos, à exceção do produto dos países-membros do Mercosul.

Nos mercados onde a procura é maior, como o Mato Grosso, em função da boa qualidade do produto, e em São Paulo, o preço vem se mantendo estável com o algodão do tipo 6 para melhor, negociado a R\$ 25,50, em São Paulo, com negócios a até R\$ 27,00 no caso de algodão do tipo 4/4,5.

Nos demais estados, a comercialização segue rumos diferentes. No Paraná, a forte atuação das cooperativas mantém a comercialização superior a 70%, verificando-se boa venda de algodão através de instrumentos de comercialização do governo, como o Prêmio de Escamento de Produto (PEP) e da operação de Aquisição do Governo Federal-AGF. O produto por comercializar encontra-se estocado em armazéns de grandes produtores

a espera de uma melhor definição do mercado interno em nível de preço.

Já nos estados onde a qualidade do algodão é baixa e a atuação de cooperativas é fraca, como no caso da Bahia, a comercialização apresenta-se parada sem que o algodão consiga ultrapassar o patamar de R\$ 21,00/arroba.

TRIGO



Triticultores estão desestimulados

A comercialização difícil, arrastada, com preços desfavoráveis ao triticultor, se reflete diretamente no fraco estímulo ao plantio do trigo no País. O ritmo da semeadura mostra um quadro delicado em relação à produção nacional, já que há uma redução muito significativa na área plantada.

Os produtores vem enfrentando todas as dificuldades para vender o produto, com competição direta do produto facilmente importado, e sem uma política que traga de volta o interesse pela cultura de trigo. O governo manteve as regras de 97 para esta safra de inverno, o que exaltou este sentimento desestimulante aos triticultores.

A área total plantada deve cair em até 17% em relação a 97, alcançando 1,241 milhão de hectares. A produção, no en-

— BRASIL — TRIGO EM GRÃO - R\$/T PH78 - S/ICMS

	Compra/Venda	Sem. ant.	Ano ant.
PR			
*Curitiba cif.	187,00/197,00n	187,00	204,00
*Maringá	175,00/180,00n	175,00	185,00
*Cascavel	170,00/175,00n	170,00	100,00
P. Grossa cif.	160,00/170,00n	160,00	165,00
RS			
P. Alegre cif.	175,00/180,00n	175,00	185,00
Carazinho	163,00/168,00n	163,00	-
Santa Rosa	160,00/165,00n	160,00	160,00
SC			
C. Novos	sc/sv	nd	165,00
SP			
*São Paulo cif.	196,00/201,00	196,00	206,00
*Când. Motta	sc/sv	nd	170,00
MS			
*Dourados	sc/sv	nd	170,00

*Trigo superior T-1/T-2
Obs.: Triguilho (CV): Paraná: R\$ sc/sv - Rio Grande do Sul: R\$ sc/sv

tanto, pode ser apenas levemente inferior a do ano passado, já que a safra de 97 foi muito prejudicada pelo excesso de chuvas. Com isso, a produção pode chegar a 2,271 milhões de toneladas, com recuo de apenas 4% em relação a 97.

Mesmo com o plantio em andamento no Rio Grande do Sul, a situação ainda é um pouco indefinida. O estado é o segundo maior produtor nacional, e o que tem a maior redução de área prevista, de 29%. A difícil comercialização ao longo de 97/98 e os problemas climáticos enfrentados pelos produtores de trigo no Rio Grande do Sul são as barreiras para que o cultivo com o produto cresça no estado. Entretanto, os produtores gaúchos deixam a decisão de qual a área a ser plantada com o trigo para o momento exato do plantio. Por isso, esta redução pode vir a ser menor do que a esperada, principalmente porque, como o RS tem dificuldade de ter uma grande safrinha de milho, por causa do clima adverso, o trigo "reina" como uma das poucas alternativas de inverno.

A área plantada certamente será reduzida também no Rio Grande do Sul. A questão é em quanto ela será diminuída. Se a queda na área plantada com o trigo no RS for menor do que a esperada, isso pode ter um efeito em nível nacional, amenizando o quadro de redução na área brasileira de trigo.

Fonte: Safras & Mercado

AGROSHOP

**O catálogo
de compras do homem
do campo**

Equipamentos para cerca elétrica,
tatuadeiras, seringas, mochadores, livros,
softwares rurais, vídeos e muito mais.

**SOLICITE JÁ SEU AGROSHOP
INTEIRAMENTE GRÁTIS**

LIGUE 051 233 1822



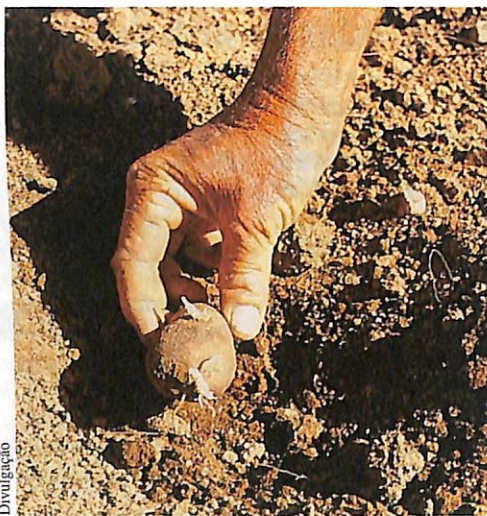
Arnaldo de Carvalho Jr.

Aproveitando os resíduos da mandioca

O Centro de Raízes Tropicais (Cerat), unidade complementar da Universidade Estadual Paulista (Unesp), realizou no estado do Paraná — principal processador de mandioca no País — uma pesquisa inédita. Ela revelou que os resíduos desta cultura, deixados no campo após a colheita, podem ser aproveitados para a alimentação animal, além de fornecer matéria-prima às indústrias de extração de amido ou como combustível alternativo. Os pesquisadores levaram em consideração o resultado da colheita de áreas com 18.200 plantas por hectare. Foram avaliados, ainda, as sobras de três cultivares diferentes — mico, IAC 12829 e IAC 14 — que são as mais utilizadas pelos produtores do Paraná. Baseados nestes dados, concluiu-se que, em média, cada hectare plantado gera 1,7 mil toneladas de resíduos agrícolas, constituídos por ramas, cepas e folhas. De acordo com os cálculos dos pesquisadores, um hectare de mandioca produz, em média, 50 toneladas de ramas, mas somente um terço é reutilizada para o plantio. O restante (cerca de 34t/ha) poderia ser usado para alimentar animais. Segundo a diretora do Cerat, a agrônoma Marney Pascoli Cereda, a qualidade das ramas é similar a do feno.

Milho para agricultura familiar

Os agricultores que trabalham sob regime de agricultura familiar já podem contar com uma nova variedade de milho que permite dobrar a produção em solos de baixa fertilidade, natural em todas as regiões do Brasil. É a 'sol da manhã NF', lançada pela Embrapa Agrobiologia, com sede em Seropédica/RJ. A variedade tem potencial para produzir, em média, quatro mil quilos em solos com falta de nitrogênio, quando o normal é de dois mil quilos. Outra vantagem é sua precocidade; ou seja, pode ser colhido antes das variedades tradicionais, gerando maior oferta no mercado e melhor preço para o agricultor. Além disso, por ter grãos duros, é mais resistente às pragas do armazenamento e pode ser plantado em todo o País. Para maiores informações, entrar em contato com o pesquisador Altair Machado pelo fone (021) 682-1500.



Divulgação

Fim do desperdício

O broto da batata — normalmente desprezado e jogado no lixo pelos produtores — está ressurgindo como uma opção viável na produção de sementes básicas. É o que revela a pesquisa monitorada pelos cientistas José Alberto Caram de Souza-Dias e Álvaro Costa do Departamento de Virologia do Instituto Agrônomo de Campinas/SP (IAC). Os estudos comprovam que o aproveitamento do broto da batata-semente livre de viroses pode aumentar em até 200% a taxa de multiplicação se comparado com o plantio convencional. O processo é simples: compro-

vada a ausência de vírus (via teste Elisa), os brotos são plantados, tornando-se minitubérculos e, depois, transferidos para a lavoura. Cada broto produz, em média, quatro tubérculos. O trabalho está obtendo excelentes resultados em pequenas lavouras de Guarapuava, no interior do Paraná. Taí uma boa opção para melhorar a performance da bataticultura.

Software ganha menção honrosa

Um software desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV) — parte da tese de doutorado da pesquisadora Elisabeth Nogueira Fernandes, do Centro Nacional de Pesquisa Gado de Leite (CNPGL), unidade da Embrapa de Coronel Pacheco/MG — recebeu menção honrosa na Mostra Competitiva da Rural Tech, realizada em Londrina/PR. Trata-se do Erosys — Sistema Inteligente de Apoio ao Processo de Avaliação das Perdas de Solo e Nutrientes da Atividades Agropecuárias. O software roda em ambiente Windows e pode ser utilizado, com facilidade, por empresas, pesquisadores e técnicos de extensão. O Erosys analisa a aptidão agrícola das terras utilizando a técnica de Sistema Especialista: avalia quantitativamente a erosão total e por cultura e identifica áreas de conflito entre o uso atual e potencial do solo. Maiores detalhes podem ser obtidos com o professor Elpidio, no Departamento de Solos da UFV, pelo fone (031) 899-1049 ou 899-2630.

Melhorando o ecossistema

A Embrapa Tabuleiros Costeiros, sediada em Aracaju/SE, está em fase de implementação de um grande projeto multidisciplinar e interinstitucional de pesquisa. O objetivo é buscar soluções para os problemas que dificultam o desenvolvimento agropecuário deste ecossistema, através de um esforço conjunto das instituições envolvidas com o assunto. São mais de 200.000km² de solos de tabuleiros costeiros que têm grande importância, sobretudo na Região Nordeste, uma vez que estão situados principalmente na faixa úmida costeira, onde as precipitações pluviométricas são regulares. Além disso, os solos são normalmente profundos e se distribuem em áreas de relevo plano ou suavemente ondulado, que favorecem a mecanização agrícola.



Divulgação/Caterpillar

■ Linha florestal

A sueca Skogsjan, líder em tecnologia para aplicações florestais, passa a integrar a linha Caterpillar para o setor madeireiro. E um dos equipamentos disponibilizados para este mercado é o Harvester Skogsjan, disponível em quatro versões, todas equipadas com motor Caterpillar 3126. As máquinas contam com exclusiva tecnologia de pêndulo, guias de alta resistência, rodas individualmente ajustadas, cabine e estrutura da grua montadas em uma única base, sistema digital de alerta, computador DASA etc. De fácil operação e se amoldando às condições do terreno onde opera, estes equipamentos transformam rapidamente árvores em toras de alta qualidade. Caterpillar do Brasil Ltda., Rod. Luiz de Queiroz, km 157, s/nº, caixa postal 330, CEP 13400-970, Piracicaba/SP, fone (019) 429-2100.

■ Software para controlar o rebanho

A Alma Informática coloca à disposição dos pecuaristas o Congado. Trata-se de um novo software para gerenciamento de empresas que lidam com gado de corte e de leite, tendo como objetivos primordiais aumentar a produtividade do rebanho e diminuir os custos de produção. O Congado é reconhecido e aprovado por programas de avaliação genética, como Paint, da Lagoa da Serra; Geneplus, da Embrapa; e Sine/PMGRN, da Universidade de São Paulo (USP). Equipamento mínimo exigido: PC 386. Alma Informática, Av. Raja Gabaglia, 4055, sala 301, CEP 30360-670, Belo Horizonte/MG, fone (031) 3244-6369.



CONGADO

■ GM lança série especial de picapes

Já chegou às redes de concessionárias da GM de todo o País a série especial "Champ 98" da picape S10, em alusão a Copa do Mundo da França. É caracterizada externamente pelas inscrições "Champ 98" e o logotipo da Copa. A S10 tem como principais equipamentos de série: o motor V6 à gasolina, de 4,3 litros de capacidade volumétrica e potência máxima de 180cv; rodas de alumínio 7x15 polegadas com pneus 235 R15; freios ABS nas rodas traseiras; bancos individuais com console central; ar-condicionado; conjunto elétrico; entre outros. A picape está disponível na versão cabine simples e com tração 4x2. General Motors do Brasil, Av. Goiás, 1805, CEP 09550-900, São Caetano do Sul/SP, fone (011) 741-6280.



Divulgação/GMB

■ Carreta esparramadora

A AgroForn acaba de lançar a carreta esparramadora de esterco. Ela possui cinco velocidades de avanço e uma de retrocesso. É a única com duplo chassi e com fundo e laterais em madeira de lei, que evitam a natural corrosão. AgroForn Comércio, Serviços e Instalações Ltda., Distrito Industrial, quadra 2, nº 110, caixa postal 22, CEP 18640-000, Pardinho/SP, fone (014) 856-1138.



Divulgação/AgroForn



Divulgação/Novartis

■ Tem híbrido novo para o agricultor

A Novartis Seeds está colocando no mercado dois novos híbridos. São eles: Tork (foto) e Dominium, destinados para os agricultores do Centro e Sul, respectivamente. O Tork proporciona altas produtividades e sua alta tolerância a doenças contribui para uma ótima aparência da cultura e, também, para a qualidade dos grãos. Já o Dominium, um híbrido superprecoce, proporciona retorno rápido do investimento do agricultor e libera a área para um novo plantio. Novartis Seeds Ltda., Av. Prof. Vicente Rao, 90, CEP 04706-900, São Paulo/SP, fone (011) 532-7278.

Transformando a realidade

No início do ano, um relatório da Organização dos Estados Americanos (OEA) indicou que apenas 1% da população brasileira controla 47% das terras, existindo 120 milhões de hectares cultiváveis não-aproveitados.

Há setores da economia agro-industrial, entretanto, que apresentam um quadro completamente distinto. É o caso, por exemplo, da produção de fumo, que baseia-se em pequenas propriedades intensivamente utilizadas por um grande número de produtores, gerando renda para muitas pessoas na área rural. Ao todo, são cerca de 640 mil pessoas em 160 mil propriedades no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, envolvidas no que chamamos de “sistema integrado de produção”.

Para esclarecer do que se trata, apresentaremos, aqui, um pouco da experiência da Souza Cruz nessa área. Muitas pessoas devem imaginar que uma empresa como a Souza Cruz, líder absoluta do mercado brasileiro de cigarros e um centro de excelência mundial na produção e processamento de fumo, tem latifúndios gigantescos e altamente mecanizados para suprir suas necessidades.

Pois um dos segredos do sucesso do nosso negócio está justamente na adoção de um modelo de fumicultura que viabiliza a pequena propriedade rural. Trata-se de um sistema baseado no relacionamento com cerca de 65 mil famílias de pequenos agricultores dos estados da região Sul e Nordeste.

Criado no começo do século por Albino Souza Cruz, fundador da empresa e pioneiro na produção de cigarros no Brasil, o sistema contrariou a visão empresarial da época, deixando de comprar propriedades rurais para pro-



Gerson Cardoso é diretor de Fumo da Souza Cruz S.A.

Divulgação/Souza Cruz

duzir sua matéria-prima básica. Ao contrário, apostou em pessoas, nos imigrantes — os sem-terra do começo do século — que encontravam no Brasil um lugar onde a prosperidade era possível.

Desde então, pequenos agricultores produzem fumo para a Souza Cruz. Como não são empregados, têm total liberdade em suas terras e contam com a assistência integral da empresa. O fomento da produção vai desde o fornecimento das melhores sementes até a garantia de compra das safras, que vêm batendo recordes de produção e exportação.

A atuação da empresa não se esgota, entretanto, no fomento à fumicultura e no estímulo à qualidade do taba-

co. Em paralelo, investimos em programas comunitários voltados à rentabilidade do produtor; desenvolvemos campanhas ambientais; e promovemos o uso adequado dos recursos naturais para evitar seu esgotamento. Um dos destaques é o programa “Produtor de Fumo, Um empresário no Campo”, que vem sendo adotado com sucesso no sul do País. Destacam-se, também, os programas “Clube da Árvore”, “Hortas Escolares” e “Plante Milho e Feijão Após a Lavoura de Fumo”. E, inclusive, o apoio incondicional que a empresa presta à campanha “Criança na Escola, Futuro Garantido”, do Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo).

Pode parecer pouco, mas não é. Com o sistema integrado de produção, os produtores acabaram incorporando conceitos modernos de gestão da propriedade, adotando tecnologias de aumento da produtividade e competitividade, inseridos, enfim, num contexto integral de economia globalizada.

Temos orgulho de saber que o sistema integrado de produção da Souza Cruz serviu de exemplo para diversas empresas, em diferentes negócios: da produção de grãos à avicultura e suinocultura. E temos mais orgulho ainda de saber que essa parceria fez com que o tabaco brasileiro fosse reconhecido como um dos melhores do mundo, numa importante colaboração à pauta de exportações do País. Hoje, o fumo é o terceiro produto nessa pauta, com um faturamento superior a US\$ 1,5 bilhão em 97.

Não pretendemos dizer que este modelo seja o mais correto ou o mais justo socialmente. Mas que ele pode contribuir decididamente para fixar o homem no campo, aumentando sua renda e melhorando a condição de vida de sua família. ■

Quem tem nas mãos a responsabilidade de
produzir alimentos preservando o meio ambiente
merece nosso respeito.

Parabéns agricultor!

Graças à sua confiança e ao seu trabalho
o Brasil está crescendo.



28 de julho. Dia do Agricultor

com
MANAH
adubando dá!



CONTRATE UM TRABALHADOR COM MAIS DE 50.



DEFENDER Alguns dizem que chegam mais alto, outros, que chegam mais longe, mas no concorrido mercado off-road poucos conseguiram, como o Defender, chegar aos 50 anos.

O raciocínio é simples. A Land Rover fabrica apenas veículos off-road desde 1948, por isso mesmo teve muito mais tempo para aprender como se faz.

Estável e robusto, este clássico 4X4 encara qualquer terreno desde que se aventurou pelas trilhas que seriam seguidas por toda a indústria.

Sua carroceria em alumínio garante máxima durabilidade. A tração permanente nas 4 rodas, junto com o motor turbo diesel intercooler (econômico, mas potente), se encarrega de impulsionar esta lenda para a frente.

Largamente utilizados em campos de mineração, fazendas e na construção civil, 70% dos Defender fabricados ainda estão trabalhando.

É a prova de que nós estávamos certos ao construir um veículo que passa por qualquer coisa. E que, justamente por isso, nunca passa.



THE BEST 4x4x4x4.

Concessionários: Belém: Britânica - tel.: (091) 235-1341 • Belo Horizonte: Terranova - tel.: (031) 378-1020 • Blumenau: Top Car - tel.: (047) 340-5111 • Brasília: Piquet BMW - tel.: (061) 234-5055 • Caxias do Sul: BM Point - tel.: (054) 223-8322 • Curitiba: BM Place - tel.: (041) 333-5606 • Florianópolis: Top Car - tel.: (048) 249-3242 • Fortaleza: BM Center - tel.: (085) 261-9099 • Goiânia: Somafertil - tel.: (062) 242-3232 • Natal: BM Center - tel.: (084) 211-4971 • Petrópolis: Landscape - tel.: (024) 222-3285 • Porto Alegre: BM Point - tel.: (051) 337-3366 • Porto Velho: Buriú - tel.: (069) 225-2600 • Recife: Land Rota - tel.: (081) 476-1435 • Ribeirão Preto: Eurobike - tel.: (016) 605-7031 • Rio de Janeiro: Land Rio - tel.: (021) 994-2422 • São Paulo: Amostar - tel.: (011) 820-4001 - Tasman - tel.: (011) 838-2300